



Livros que, propositadamente ou não, denigrem o Espiritismo

José Passini

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Livros que, propositadamente ou não, denigrem o Espiritismo

José Passini

2016

Livros que, propositadamente ou não, denigrem o Espiritismo

José Passini

Data da publicação: 25 de novembro de 2016

CAPA: Giovani Viecili

PREFÁCIO: Jorge Hessen

REVISÃO: Jorge Hessen e Irmãos W.

COMPOSIÇÃO, EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora

Virtual O Consolador e Portal "Autores Espíritas Clássicos" -

www.autoresespiritasclassicos.com

Londrina/Paraná

Brasil

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

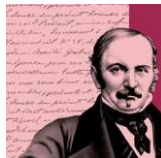
	Passini, José, 1926-.
P318L	Livros que, propositadamente ou não, denigrem o Espiritismo / José Passini ; prefácio Jorge Hessen, revisão de Jorge Hessen e Irmãos W, capa de Giovani Viecili. - Londrina, PR : EVOC, 2016. 245 p.
	1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Espiritismo-análise e crítica. Hessen, Jorge. II. Irmãos W III. Viecili, Giovani. IV. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Índice

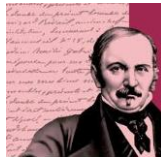
Biografia de José Passini.....	6
Prefácio da obra.....	7
Análise do livro "Os Quatro Evangelhos"	9
Análise do livro "Legião"	23
Análise do livro "Lírios de Esperança"	34
Análise do livro "O Abismo".....	42
Análise do livro "O Pensamento Vivo do Dr. Inácio"	50
Resumos de análises de livros atribuídos ao Dr. Inácio Ferreira .	55
Análise do livro "Mensagens do Astral"	76
Análise do livro "A Escada de Jacó"	82
Análise do livro "A Vida Viaja na Luz".....	97
Análise do livro "Chico Xavier responde"	109
Análise do livro "Do outro lado do espelho".....	120
Análise do livro "Estudando Nosso Lar"	130
Análise do livro "Fala, Dr. Inacio"	140
Análise do livro "Fundação Emmanuel".....	148
Análise do livro "Infinitas Moradas"	169
Análise do livro "Na Próxima Dimensão".....	179
Análise do livro "No Limiar do Abismo"	191
Análise do livro "Por Amor ao Ideal".....	206
Análise do livro "Reencarnação no Mundo Espiritual".....	218
Análise do livro "Trabalhadores da Última Hora"	230
Análise do livro "Sob as Cinzas do Tempo".....	239



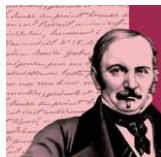
"Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos e faz suportar com resignação as vicissitudes da vida."



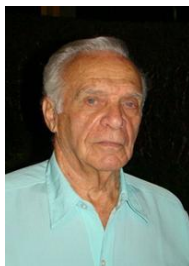
"O verdadeiro espírita não é o que crê nas comunicações, mas o que procura aproveitar os ensinamentos dos Espíritos. De nada adianta crer, se sua crença não o faz dar sequer um passo na senda do progresso, e não o torna melhor para o próximo."



"Não esqueçais que o fim essencial, exclusivo, do espiritismo é vossa melhora."



"O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo bem que nos seja possível e que desejávamos nos fosse feito."



Biografia de José Passini

(1926 -)

José Passini é natural de Nova Itapirema, interior de São Paulo, mas reside há mais de sessenta anos na cidade mineira de Juiz de Fora. Espírita desde a infância, Passini considera a Doutrina codificada por Kardec como uma bússola em sua vida, assim como ele mesmo diz. Segundo ele, o Espiritismo pode ser comparado a um farol que ilumina seus caminhos. "Ele me faz assumir, cada vez mais, a minha condição de espírito imortal, temporariamente encarnado, isto é, conscientizando-me da minha cidadania espiritual."

Dirigiu a AME de Juiz de Fora em dois mandatos e colaborou na Revista O Médium. Esperantista conhecido internacionalmente, divulgou o Espiritismo em vários congressos mundiais de Esperanto. Passini foi reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Linguística, tendo defendido tese sobre o Esperanto, seu extenso currículo revela a ocupação de diversos cargos em casas espíritas. Fez parte da equipe do programa Opinião Espírita (rádio e TV) e do Departamento de Evangelização da Criança da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora e é membro do Conselho Editorial da revista espírita "O Consolador", fundada em 18/4/2007, que circula exclusivamente na Web.

Prefácio da obra

No presente e-book, elaborado, editado, publicado e oferecido gratuitamente ao público através da EVOC – Editora Virtual O Consolador e do Portal “Autores Espíritas Clássicos” - sob a prudente coordenação de Astolfo Olegário de Oliveira Filho (Editor responsável pela editora EVOC) e Wanderlei Henriques dos Santos, administrador do portal Autores Espíritas Clássicos, encontramos os mais sérios alertas delineados por meio de análises doutrinárias sob o ponto de vista de crítica literária de alguns livros infaustos que enxameiam nas estantes dos centros espíritas. Os check-ups literários foram efetivados e firmados pelo renomado Professor Doutor José Passini, ex-Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Deste modo, nas páginas a seguir descobriremos as perturbadoras declarações “doutrinárias” contidas nas obras da lavra mediúnica de Émilie Collignon (Roustaing), Rafael Américo Ranieri, Hercílio Maes, Wanderley Soares de Oliveira, Robson Pinheiro e com maior volume de análise das obras de Carlos A. Baccelli.

Assegura Passini que ao lermos um livro novo sempre surgem questionamentos, para os quais buscamos respostas, que deverão ser claras para nós, antes de as “passarmos para frente”, principalmente se estamos na condição de expositor, evangelizador ou de escritor. Para o Ex-Reitor juiz-forano, atualmente, nota-se uma onda avassaladora de novas obras, algumas até atraentes pelas novidades, mas que postulam leitura atenta e análise criteriosa, a fim de que os malefícios de um deslumbramento inoperante não nos atinjam.

Há livros “psicografados” mesclados de conteúdos, habilmente trabalhados por obsessores que se dedicam ao combate ao Espiritismo. Essa mistura intencional de joio com trigo tem levado muitos leitores à aceitação de revelações mirabolantes, não raro vazadas em linguagem grotesca, fanfarrônica.

Há uma nas obras analisadas uma sucessão de relatos pueris, num tom de conversa superficial, muito distante do que se espera ler num livro espírita. Reconhecemos o direito que qualquer pessoa tem de escrever um livro. Mas, valer-se do nome da Doutrina Espírita e encher páginas e mais páginas com comentários descompromissados com o tom edificante, educativo, sério que caracteriza as obras espíritas, isso atinge as raias do oportunismo.

Obras estranhas que são repletas de exposições de quadros e panoramas deprimentes, descrições repetitivas de formas monstruosas adquiridas por criaturas que permanecem no mal. Não se vê, ao longo da narrativa de vários livros, um aceno de esperança, uma palavra de misericórdia. Apenas a mensagem mórbida, que parece ter mais o objetivo de apavorar do que de informar. Além das descrições aterrorizantes.

O Espiritismo, na sua condição de Cristianismo redivivo, não poderia deixar de receber os ataques das forças contrárias ao esclarecimento e à libertação do espírito humano. Embora pareça um paradoxo, o volume e a intensidade dos ataques constituem um verdadeiro atestado da legitimidade do Consolador.

A primeira, e talvez a mais forte das investidas, foi a publicação da obra de J. B. Roustaing, conhecida, em língua portuguesa como "Os Quatro Evangelhos". Roustaing, embora tenha reencarnado com tarefa definida junto à obra de Kardec, conforme relato de Humberto de Campos na obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", foi vítima de Espíritos que se enquadram perfeitamente na classificação de Kardec, como Espíritos pseudossábios, conforme item 104 de "O Livro dos Espíritos".

Acenamos fraternalmente para que o amigo leitor do Portal "Autores Espíritas Clássicos" leia com atenção as importantíssimas análises doutrinárias bancadas pelo insigne José Passini.

Londrina, 6 de novembro de 2016
Jorge Hessen



Análise do livro "Os Quatro Evangelhos"

Médium: Émilie Collignon

O Espiritismo, na sua condição de Cristianismo redivivo, não poderia deixar de receber os ataques das forças contrárias ao esclarecimento e à libertação do espírito humano. Embora pareça um paradoxo, o volume e a intensidade dos ataques constituem um verdadeiro atestado da legitimidade do Consolador.

A primeira, e talvez a mais forte das investidas, foi a publicação da obra de J. B. Roustaing, conhecida, em língua portuguesa como "Os Quatro Evangelhos".

Na obra "Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho", Roustaing é citado como pertencente à equipe de Kardec. Há aqueles que contestam a autenticidade de tal afirmativa. Entretanto, sabe-se que todo missionário que vem à Terra traz consigo uma equipe, constituída de Espíritos, trabalhadores de boa vontade, mas sujeitos a falhas. Zamenhof veio à Terra com um grupo de Espíritos para a implantação do Esperanto. Dentro dessa equipe, houve um Espírito que falhou. Traiu o grande Missionário, liderando um grupo que apresentou uma versão modificada do Esperanto numa convenção mundial. Sua falha foi tão grande, que foi chamado Judas por uma biógrafa de Zamenhof, tal a repercussão da sua atitude.

Roustaing, embora tenha reencarnado com tarefa definida

junto à obra de Kardec, conforme relato de Humberto de Campos na obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", foi vítima de Espíritos que se enquadram perfeitamente na classificação de Kardec, como Espíritos pseudossábios, conforme item 104 de "O Livro dos Espíritos":

"Seus conhecimentos são bastante amplos, mas acreditam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles tem caráter sério, que pode iludir quanto às suas capacidades e luzes; porém, na maioria das vezes isso não passa de um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas da vida terrestre. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos. Em meio aos quais despontam a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que não puderam livrar-se."

Roustaing desejou produzir obra própria, tornando-se presa fácil de fascinação. Esse não foi o primeiro, nem o último caso, na Humanidade, da falência de um Espírito pertencente a um grupo de trabalho. Judas, da equipe de Jesus, também falhou.

Esses quatro volumes constituem obra fantasiosa, repetitiva, que, em muitos pontos, contradiz fundamentalmente a Doutrina Espírita. É apresentada em tom professoral, catedrático, que choca frontalmente com a simplicidade, objetividade e limpidez das expressões de Kardec e dos Espíritos que dialogaram com ele.

As citações que fizemos, respostas dos Espíritos misticadores que orientaram Roustaing, todas em **negrito vermelho** serão referentes à edição de 1971 de Os Quatro Evangelhos, que difere um tanto daquela de 1942, da mesma editora, pois que foram suprimidos ataques a Kardec.

Roustaing pretendeu dar nova versão à tese da virgindade de Maria, através de uma pseudogravidez, que teria culminado no aparecimento de um bebê fluídico, surgido de uma gravidez enganosa, de um parto fictício, de uma lactação aparente, de um desenvolvimento físico falso e de uma desencarnação mentirosa.

"Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e

sofre, como vós, a encarnação material humana – é falível.”
(pág. 166).

Estaria o Espírito querendo dizer que se Jesus encarnasse estaria sujeito a falhar? Por isso não teria encarnado?

Jesus viveu a vida de um homem normal da sua época: trabalhava, comia, bebia, hospedava-se nas casas das pessoas. Por que mudou completamente seu modo de agir depois da desencarnação? Não há nenhum registro no Novo Testamento que se tenha hospedado em casa de alguém, nem que tenha feito refeições regulares, como fazia. É evidente que desejava deixar claro que não mais estava encarnado, que não mais tinha necessidades materiais.

Seu enquadramento na vida terrena, enquanto encarnado é claramente demonstrada na citação abaixo:

"E chegando sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se admiravam, dizendo: Donde lhe vem essas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs?" (Marcos, 6: 2 e 3).

Mas, embora tivesse poderes para fazê-lo quando encarnado, nunca atravessou portas fechadas, nem apareceu ou desapareceu subitamente, como o fez depois de desencarnado, demonstrando a imortalidade da alma, apresentando-se apenas com seu corpo espiritual:

"E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio deles, e disse: Paz seja convosco." (João, 20: 26)

Há outro relato de aparecimento, este com desaparecimento também:

"E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. Mas os olhos

deles estavam como que fechados, para que não o conhecessem. E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram dizendo: Fica conosco porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão o abençoou e partiu-o, e lhes deu. Abriam-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele lhes desapareceu.” (Lucas, 24: 13, 15, 16, 28 a 31).

Se Jesus não teve um corpo físico, como afirma Roustaing, por que passou a agir de maneira tão diferente depois da sua desencarnação?

Roustaing tenta apagar a notável lição de Paulo, no cap. 15 da Primeira carta aos Coríntios, onde o Apóstolo fala claramente em corpo físico e corpo espiritual.

É interessante notar a argumentação de Paulo:

"Porque se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.”(16)

"Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?”(35).

"Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.”(44)

Se Paulo entendesse que Jesus tinha só corpo fluídico, não falaria em ressurreição.

Àqueles que perguntam sobre o que aconteceu com o corpo físico de Jesus – pois que desaparecera do túmulo – pode-se responder com os trabalhos levados a efeito por equipes de cientistas internacionais que estudaram o pano sobre o qual o cadáver de Jesus foi desmaterializado, pano esse conhecido como o *Sudário de Turim*. Constitui ele relíquia ciosamente guardada pela Igreja Católica Romana, que retrata a figura de um homem, de frente e de costas, que sofrera flagelações, tudo coincidindo com o que se conhece sobre Jesus. Mas, os cientistas não chegaram a conclusão alguma sobre como fora gravada a imagem. Declaram que não foi pintura, tintura, queimadura por fogo ou por ácido, nem radiação atômica. Sabemos, nós espíritas, que seu corpo foi desmaterializado.

Entretanto, não é a tese do corpo fluídico o ponto mais grave da obra. Há afirmativas que contrariam frontalmente as bases doutrinárias do Espiritismo. Vejamos algumas, dentre muitas:

Evolução do Espírito:

Com Kardec, em O Livro dos Espíritos, aprende-se que o princípio inteligente percorre, durante milênios incontáveis, as trilhas da evolução, antes de atingir o estágio de humanidade. Aprende-se que a consciência moral que caracteriza o ser humano, libertando-o gradualmente do jugo dos instintos, desabrocha lentamente, revelando a perfeição imanente no Ser:

O Livro dos Espíritos - 607 a. *Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?*

"Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue à da adolescência, vindo depois a da juventude e da madureza."

Respondendo a Roustaing, os Espíritos com os quais dialogou, falam numa transformação do instinto em inteligência – num determinado momento – levada a efeito por agentes exteriores e não através do próprio processo evolutivo, o que faz pensar numa espécie de "colação de grau" espiritual. Interessante notar, também, que o Espírito, depois de todas as aquisições individuais retorne ao "todo universal", onde, certamente, perderia a sua individualidade. Além disso, como teria, um Espírito recém-saído da animalidade ter um perispírito tão sutil a ponto de quase ser invisível aos Espíritos

Superiores? Vejamos a pergunta de Roustaing e a resposta dos Espíritos:

"Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável?"

"É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente. Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, de certo modo, restituído ao todo universal, mas em condições especiais é conduzido aos mundos *ad hoc*, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde elaboram os princípios constitutivos do perispírito. (...) Aí perde a consciência do seu ser, porquanto a influência da matéria tem que se anular no período da estagnação, e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o *princípio espiritual*, se desenvolve, se constitui ao redor daquela centelha de verdadeira vida. Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no seio materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem." (1º vol., pág. 308).

Respondendo a Kardec, os Espíritos ensinam que o Espírito emerge lentamente da animalidade, das necessidades materiais, através de sucessivas encarnações, ao longo de milênios sucessivos, que se constituem em oportunidades absolutamente necessárias ao seu progresso. O perispírito, que sempre reveste o Espírito, vai-se

modificando com o passar do tempo.

Roustaing se refere ao perispírito como se fosse uma roupagem preparada longe do Espírito que deva usá-la: **“Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração.”**

Afirma, o Espírito que respondeu a Roustaing : **“Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós.”** Que perispírito não é fluídico? Seria apenas naquele momento?

O Livro dos Espíritos - 609. *Uma vez no período da humanidade, conserva o Espírito traços do que era precedentemente, quer dizer: do estado em que se achava no período a que se poderia chamar ante-humano?*

“Conforme a distância que medeia entre os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, pode ele conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, porquanto nada se opera na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeias dos seres e dos acontecimentos. Aqueles vestígios, porém, se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, porque não têm a secundá-los a vontade. Vão em progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire mais perfeita consciência de si mesmo.”

Os Espíritos, respondendo a Roustaing, afirmam que o Espírito só volta à vida material por castigo. Se é humanizado apenas após cometer a primeira falta, depreende-se que se não houvesse falta não haveria reencarnação. Como Roustaing explicaria a evolução do Espírito? Analise-se seu diálogo com um Espírito:

“(...) para o Espírito formado, que já tem inteligência

independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade dos seus atos, livre-arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma necessidade e não um castigo?”

“Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é *humanizado*, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências.” (1º vol., pág. 317)

Em Kardec, aprende-se que o progresso do Espírito é irreversível, o que é racional, pois se não houvesse a irreversibilidade do progresso espiritual não haveria segurança nem estabilidade no Universo.

O Livro dos Espíritos - 118. *Podem os Espíritos degenerar?*

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

Roustaing admite possa um Espírito que já desempenhou funções elevadas no Mundo Espiritual ser tomado pela inveja, pelo orgulho, etc., o que evidencia uma nova versão para a “queda dos anjos”, conforme a teologia Católica Romana e, também, a Protestante.

“Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores, cujo *governo* aprenderam a exercer, *no sentido de que*, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob a do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, a regular

a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. É a queda pelo orgulho.

Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses os que caem por inveja.

Até o ateísmo – por mais impossível que pareça – até o ateísmo se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. (...) Nesse caso, sobretudo nesse caso, mais severo é o castigo. É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se, por isso, Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares de encarnação humana*, conforme o grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir.” (1º vol., pág. 311)

Kardec obtém dos Espíritos Superiores resposta que deixa muito claro que o Espírito que atingiu a humanização não retorna jamais às formas animais, o que contraria frontalmente a teoria da Metempsicose esposada por Roustaing:

O Livro dos Espíritos - 612. *Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?*

"Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente."

Em Roustaing, vê-se que, além de admitir a Metempsicose, afirmam seus interlocutores possa um Espírito voltar à Terra, ou a

outros mundos, animando corpos primitivíssimos, como larvas!

"Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados em terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas preparadas e prontas para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?"

"São corpos ainda rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado *de esboço*, como *tudo que se forma nas terras primitivas*. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha.

As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Poderíeis formar ideia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios." (págs. 312 / 313)

Autenticidade da Encarnação de Jesus:

Kardec mostra Jesus como o modelo mais perfeito para a evolução humana, logo, o seu corpo deveria ter a mesma constituição do corpo daqueles aos quais ele deveria servir de modelo, e seu testemunho basear-se na verdade.

O Livro dos Espíritos - 625. *Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?*

"Jesus."

O Livro dos Espíritos - 624. *Qual o caráter do verdadeiro profeta?*

"O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para a ensinar a verdade."

Roustaing mostra um Jesus que estaria fingindo estar encarnado, desde o seu nascimento até a sua morte, que teria sido também um simulacro, uma verdadeira encenação teatral. Além do mais, ainda o chama de *um Deus milagrosamente encarnado!* (1º vol., págs. 242 / 243)

"(...) um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, quanto ao Espírito, um Deus; portanto, um homem-Deus." (pág. 242)

Aqui, é declarado que o invólucro corporal de Jesus era igual ao de todos nós...

Kardec afirma categoricamente que Jesus teve um corpo carnal e um corpo fluídico, como todos encarnados temos:

"A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde a sua concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, revela caracteres inequívocos de corporeidade. (...) também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente."

"Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais."

Se as condições de Jesus, durante sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido, é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. (...) e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra, ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus teve, pois, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.”(A Gênese, cap. XV, itens 65 e 66)

Roustaing mostra um Jesus que estaria fingindo estar encarnado, que fingia alimentar-se, desde o seu nascimento. Seria o *guia e modelo* enganando que mamava, que comia, que bebia, que sofria e que desencarnou?

“Quando Maria, sendo Jesus, na aparência, pequenino, lhe dava o seio – o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo “menino”, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela.” (1º vol., pág. 243).

“Os Espíritos superiores que o cercavam em número, para vós, incalculável, todos submissos à sua vontade, seus dedicados auxiliares, faziam desaparecer os alimentos que lhe eram apresentados e que não tinha para ele utilidade. Aqueles Espíritos os subtraíam da *vista dos homens*, de modo a lhes causar completa ilusão, à medida que *parecia* ser ingeridos por Jesus, cobrindo-os, para esse fim, de

fluidos que os tornavam invisíveis.” (1º vol., págs. 262/263).

Aparição de Moisés e Elias:

Inegavelmente, as afirmações mais claras a respeito da reencarnação, contidas no Novo Testamento, encontram-se nos Evangelhos de Mateus (17: 10-13) e de Marcos (9: 11), onde se lê que Jesus dialogou com Moisés e Elias no Tabor, diante dos discípulos Pedro, Tiago e João. Questionado quanto à identidade de Elias, o Mestre afirma categoricamente que João Batista foi a reencarnação do Profeta Elias.

Em Roustaing, de maneira fantasiosa e completamente inverossímil, numa tentativa de desacreditar a reencarnação, misturando fatos e fantasias, é declarado que Moisés, Elias e, conseqüentemente, João Batista são o mesmo Espírito, e que ali, no Monte Tabor, um outro Espírito tomou a aparência de Moisés e conversou com Jesus. Vê-se aí, mais uma vez o ilusionismo, para não dizer a falsidade da obra de Roustaing:

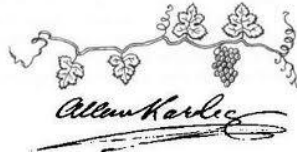
“O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o seguinte: *Moisés – Elias – João Batista – são uma mesma e única entidade. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de “realizar” a “nova aliança”, em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença – em um Deus, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o Pai; em Jesus-Cristo, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: o Filho; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o Espírito Santo.*” (2º vol., págs. 497 / 498)

A obra é volumosa, pesada, extremamente repetitiva, escrita em tom catedrático, pretensioso, que nos remete diretamente a “O Livro dos Espíritos”, item 104, no magistral estudo que o Codificador

faz a respeito da "Escala Espírita", quando se refere aos Espíritos pseudossábios. São Espíritos pertencentes a comunidades espirituais que teimam em manter erros doutrinários relativamente à interpretação da Mensagem Cristã, para as quais o Espiritismo representa grande perigo por esclarecer a Humanidade.

A respeito desses Espíritos, Emmanuel faz séria advertência, que serve também como alertamento, diante dessa verdadeira "onda editorial" que está alimentando a vaidade de médiuns invigilantes e enriquecendo editoras: ***"As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas."*** ("A Caminho da Luz," cap. 12),

Felizmente, a onda de roustanguismo está passando. Mas, como existem ainda muitos volumes dessa obra em bibliotecas e livrarias, animamo-nos a fazer estas anotações.



Análise do livro “Legião” Médium: Robson Pinheiro

Análise da obra **“Legião – Um olhar sobre o Reino das Sombras”**, psicografia de Robson Pinheiro.

Começamos a análise dessa obra, estranhamente, pelo posfácio, onde se lê que Francisco Cândido Xavier teria sido veículo de uma mensagem do Alto, recomendando ao médium que fundasse uma editora para a divulgação do seu trabalho mediúnico. Outra afirmativa que causa estranheza é que Robson Pinheiro, o médium, teria sido salvo de desencarnação iminente, a fim de produzir livros, cuja publicação seria o sustentáculo da editora e de seus funcionários – conforme palavras do Editor –, o que constitui, sem dúvida, algo inusitado na prática espírita, que, a julgar pela prática corrente até agora, seria colocar-se o carro adiante dos bois.

“... A Editora – fundada por ele sob orientação dos imortais, dada primeiramente através da pena de Francisco Cândido Xavier – fora inaugurada, sobretudo, para a publicação dos livros recebidos através de sua própria psicografia. Caso fosse desencarnar em breve, como fariam os companheiros – 11 funcionários além de mim, editor – frente ao áspero desafio de manter uma casa publicadora em operação com somente pouco mais de 20 títulos em catálogo? Será que os espíritos trairiam, pela primeira vez, sua

confiança, pensou ele, entregando-lhe nas mãos tamanha fonte geradora de angústia ou, no mínimo, de inquietação, ao cruzar o outro lado da vida?”(471/472)

Pelas palavras do próprio Editor, vê-se que o objetivo maior não era a divulgação da Doutrina Espírita, mas a manutenção de uma editora.

Esse livro parece ter a finalidade de atemorizar pessoas que, conhecendo pouco ou nada da obra de Kardec, de Chico, Yvonne, Divaldo, José Raul, aceitam determinadas “revelações”.

Na obra “Libertação”, André Luiz, em 60 páginas, descreve como agem Espíritos voltados ao mal, como se organizam numa região trevosa, sem se deter em explicações minuciosas do poder do Mal, através de descrições atemorizantes, capazes de provocar a criação de quadros mentais negativos nos leitores. A obra “Legião” tem mais de 450 páginas de descrições mórbidas e até novelescas.

Na obra “Libertação”, o benfeitor Gúbio dosa prudentemente as revelações, entremeando-as com ensinamentos positivos.

Nessa obra que ora analisamos, há um distanciamento do Evangelho. Há uma clara intenção de introduzir, no meio espírita, figuras como Pai João de Aruanda, João Cobú (sic), buscando familiarizar os espíritas com práticas e terminologia claramente umbandistas.

Na obra de André Luiz e de outros benfeitores que continuaram o trabalho de revelação do Mundo Espiritual e suas atividades na Crosta, não se valem os benfeitores de nomes exóticos, estranhos, comuns na Umbanda, como *Pai João de Aruanda, exu, quimbanda, bombonjira, pombajira, canguá, Caboclo Pena Branca, tatá, mandinga, aumbandã, quiumbas, canzuá, cavernícolas, caveiras, fura-terras, ondinas, salamandras...*

Sabemos que existem inúmeros Espíritos desencarnados que, embora busquem o Bem, o fazem por métodos próprios e de forma independente, e se filiam a linhas de trabalho em que são vivenciadas práticas umbandistas, ocultistas, orientalistas e outras mais.

Do mesmo modo, e ainda que procurem o trabalho pelo

Bem, diversas comunidades espirituais não se acham organizadas sob a égide de Jesus, onde são observados princípios de obediência, disciplina e estrita observância dos valores éticos contidos no Evangelho, em ações praticadas na mais perfeita consonância com a Doutrina que nos foi revelada através de Kardec.

No livro "A Caminho da Luz" (cap. 12), Emmanuel faz interessante revelação a respeito da diversidade de correntes de pensamento existentes no Mundo Espiritual: *"As próprias esferas mais próximas à Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas."*

Qualquer pessoa que tenha estudado – e não apenas lido – a obra de André Luiz tem uma visão clara do Mundo Espiritual, sem os prejuízos decorrentes da exploração de quadros negativos e da introdução de nomenclatura estranha e de práticas mágicas.

Observemos a apresentação de um Espírito que teria a condição de orientador:

"– Olhe, Ângelo, meu filho, trabalhar como pai-velho não é algo tão simples assim. Não basta ter acumulado experiências como escravo ou conhecer algumas mandingas e depois manifestar-se por aí, fazendo benzeções. Nosso trabalho é bem mais amplo, e nossa preparação, mais complexa. A fim de desempenhar bem as funções que abraçamos, temos de nos especializar em diversas áreas do conhecimento oculto. Há que saber os detalhes da geografia astralina."(112)

Em "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz (231/232), fica-se sabendo que Benfeitores espirituais dissipam, antes do enterro, as energias remanescentes nos cadáveres de pessoas que respeitaram seus corpos, a fim de preservá-los da profanação, levada a efeito por Espíritos vampiros.

Na obra em exame, lê-se o seguinte: *"Não deem atenção a esses seres. São vampiros, que buscam vencer a resistência dos guardiões para roubar a energia sobrevivente (sic) dos corpos*

etéricos em dissolução." (117)

Será que esses "corpos etéricos" conservam energias? E se estavam em dissolução, por que seriam necessários guardas para protegê-los? Quantos guardiões seriam necessários para ficarem velando pelos cadáveres em decomposição, até que o processo chegasse ao fim? André Luiz, na obra citada, diz que Dimas, o recém-desencarnado, estava ao lado do Benfeitor, enquanto este dissipava as energias do cadáver. Pai João diz que ficavam tomando conta do "*corpo etérico*" para que não fosse roubada sua energia... Que corpo seria esse? Onde fundamentar em Kardec afirmativa como essa?

"– O dirigente, despreparado, não conhecendo o simbolismo utilizado no astral, conclui que exu caveira é a representação do mal. Através de uma indução hipnótica e uma associação infeliz de ideias, alguns médiuns, a partir de então, deixam sua parte anímica falar mais alto e relatam coisas inacreditáveis a respeito dos guardiões. O espírito que deveria ser resgatado é liberado, como se fosse um sofredor, e o guardião ou exu é doutrinado, conforme dita o figurino adotado em larga escala nos centros espíritas. Terminada a reunião, o obsessor foi libertado, como se fosse um espírito necessitado, livre para voltar às suas atividades, e o guardião, que é o parceiro das atividades do bem, é confundido com espíritos maus."(129)

Vê-se uma clara acusação de que as reuniões mediúnicas espíritas não se encontrariam preparadas para identificar os exus. Então, o espírito teria sido trazido preso, pelo exu, e os espíritas o libertam, retendo o exu para que ele receba doutrinação. É de se perguntar: que poder teria esse exu, que não pode libertar-se do poder de um médium? E o que quer dizer: "*o espírito que deveria ser resgatado é liberado, como se fosse um sofredor*"? Acusa os centros espíritas de libertar perseguidores e reter "guias". E o que quer dizer com "*espírito que deveria ser resgatado*"? Resgatado por quem?

– "*Espiritismo? – o chefe dos caveiras deu uma estrondosa gargalhada. – Desculpe o jeito de me expressar, mas é que sinto*

pena de você. Os espíritas parecem ter criado um movimento tão cheio de preconceitos que dificilmente se interessam por algo a nosso respeito sem nos tachar de obsessores e acusar o médium de anti-doutrinário, como é seu costume.”(133)

O ataque ao Espiritismo continua...

“Dentro de instantes ouvíamos gritos e gemidos era algo tão aterrador que parecia vir de uma alma presa no lendário inferno criado pelos cristãos.”(134)

Os cristãos verdadeiros não criaram o Inferno, mas sim os teólogos.

“– Ao contrário do que muitos médiuns expressam, em seu animismo confundido com mediunismo, esses espíritos não se comportam do modo como são retratados pela incompreensão. Para nosso desapontamento, muitos sensitivos, que desonram o verdadeiro trabalho dessas guardiãs, representam-nas, no momento da incorporação, utilizando palavrões, atitudes grotescas e maldosas, desprezando a oportunidade ímpar de concorrer para o equilíbrio do sentimento e das emoções, técnicas que elas dominam como ninguém no astral inferior.”(141)

Essa, uma acusação leviana e infeliz, em que o autor tenta imputar aos médiuns espíritas, o uso de palavrões e atitudes maldosas, quando se incorporam as assim chamadas pombajiras ou bombojiras. No Mundo Espiritual revelado nas obras espíritas não há essa discriminação, inclusive na nomenclatura, entre trabalhadores do sexo masculino e feminino. Essa é uma prática umbandista, que o autor tenta caracterizar como do Espiritismo.

“Assim, se o feiticeiro do astral tiver um poder mental hipnossugestivo mais intenso, ele poderá inclusive manipular certos vírus e bactérias cultivados em pântanos e charcos do umbral, que ordinariamente só se encontram em regiões inferiores, com vistas a transferi-los para o corpo físico de seus alvos. Usam os cavernícolas como transmissores ou vetores desses microorganismos etéricos, muitos dos quais completamente desconhecidos do homem. Em virtude do contato intenso e constante que promovem com o campo energético do enfeitiçado, dá-se a transferência, o salto para o

campo material. Sejam vírus, bactérias ou comunidades microbianas próprias do mundo astralino inferior, o fato é que se materializam ante a interferência da baixa feitiçaria, causando enfermidades variadas e dificilmente diagnosticada pela medicina terrena.” (154/155)

Mais um trecho em que o autor pretende criar quadros negativos na mente do leitor. Acaso vírus e bactérias seriam responsáveis por atitudes negativas de parte daqueles contaminados? Se assim fosse, deveria também existir vacinas contra esses “vírus e bactérias”. Até agora, sabemos que a vacina contra o mal é a prática das virtudes ensinadas por Jesus.

É sempre a ênfase ao mal. Além do mais, o que significa “baixa feitiçaria”? Haverá uma “alta”?

“– Enquanto isso, o preto-velho agregava elementos e agentes da natureza, evocando as salamandras e ondinas – elementais respectivamente ligados ao fogo e à água –, que, no momento devido, serviriam aos propósitos do trabalho.” (163)

Também aí, o uso de palavras próprias de ambiente de magia, de ocultismo, sem um objetivo prático, edificante. Novidade apenas para os desconhecedores do Espiritismo, ou os amantes de ficção.

“A regra difundida nos meios espíritas é que o duplo etérico tem uma vida intimamente associada à existência do corpo físico. Quando o corpo morre, o duplo sobrevive por um período máximo de 40 dias, momento em que se decompõe e tem suas energias dispersas na atmosfera. De outra maneira seria fatalmente vampirizado por entidades sombrias.” (243)

É de se perguntar, em que livro está registrada essa regra? São afirmações falsas e tão grosseiras, que quase não merecem comentários, mas, pergunta-se: se o “corpo etérico” vai se decompor, por que preocupar-se com ele? Além do mais, quando o autor diz que “seria fatalmente vampirizado”, está fazendo referência a alguém que tem vida própria, que vive...

André Luiz, em sua obra “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 11, relata que durante o desdobramento do médium, este se

afasta do corpo carregando uma porção de energia: "certas faixas de força, que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito", que Clarêncio fez retornar ao corpo físico do sensitivo. É muito diferente desse "corpo etérico" relatado em "Legião", que parece ter vida própria, e que poderia ser vampirizado.

"Após algum tempo preparando a ação de libertação, os guardiões da noite concentraram suas energias num ponto do campo de força. Vimos como o campo energético primeiramente inchou, como uma bolha, sob o influxo das emissões superiores, para depois arrebentar, em um estrondo avassalador. As energias liberadas só foram contidas devido à competência dos guardiões e especialistas sob o comando de Jamar." (245/246)

A passagem acima refere-se à destruição de um campo de força que teria sido preparado por cientistas desencarnados, voltados ao mal. Esse campo reteria as energias dos "duplos etéricos", que deveriam ser libertados. Depois, fala que "deveriam proteger os duplos da atmosfera fluídica do ambiente, à qual estariam mais expostos, temendo que poderiam contaminar os corpos vitais ali acondicionados (sic) e envenenar-lhes as reservas energéticas, provocando efeito direto sobre os corpos físicos a que estavam associados." (245)

Vê-se acima que o autor pretende novamente dizer que os corpos etéricos estavam separados dos corpos vitais e esses separados dos corpos físicos. Então seriam Espíritos encarnados, libertos pelo sono de algumas horas? Na obra de André Luiz, não há notícia dessa separação: corpo energético num lado e corpo vital noutro. Em todos os casos de desdobramento, sempre há referências a corpo espiritual, ou perispírito. Nessa obra, vê-se claramente o intuito de confundir e de atemorizar, a fim de eles, sim, dominarem os incautos.

"Aos poucos, os senhores das sombras pretendem substituir a memória e o conhecimento do Cordeiro e de seus ensinamentos por deturpações e pseudoconhecimentos, cuja implantação se dará no cérebro espiritual dos corpos astrais de suas vítimas. Objetivam confundir e, no limite, extinguir a imagem de Jesus de Nazaré, o

personagem histórico, que se perderia em meio a tantas falácias, uma atrás da outra.

A teoria a respeito da modificação da memória e do implante de novos conceitos e dados na mente do indivíduo também já existe, mas fica na dependência do modo como se consolidaria esse tipo de ação criminosa, em virtude do evidente dilema ético.” (266/267)

O que o autor quer dizer com "evidente dilema ético" ?
Dilema para quem?

"Tudo isso configura uma nova metodologia de ação desses seres da escuridão, uma forma mais sofisticada de obsessão, que desafia os modernos discípulos do Cordeiro a se atualizarem também. As trevas há muito vêm atuando com novas disposições e táticas para efetivar seus projetos entre humanos encarnados; e quanto aos defensores do bem? (266/267)

Dialogando com outro Espírito, o autor vê um animal que parecia um imenso dragão negro...

"Ambos fitaram o ser, que lhes dirigia o olhar ao virar a cabeça, mostrando o bico curvo, desconfiado. O animal do plano astral possuía uma envergadura de cerca de 8 metros. Pescoço longo e pelado, possuía pele negra e enrugada, que fazia o papel das penas que lhe faltavam, com barbatanas de grandes proporções. Tudo indicava que o ser bizarro fora deixado para trás numa fuga apressada. Estava desvitalizado.

– Esses seres são utilizados pelos sombras como meio de transporte. Talvez devamos auxiliar essa criatura das profundezas a se restabelecer – falou Jamar.

A ave pré-histórica, então livrada do charco umbralino, ensaiou um bater de asas e depois rompeu as nuvens densas, como se fosse a coisa mais fácil do mundo, pairando a razoável altitude.

– Esses animais pré-históricos – informou Jamar – desempenham o papel de veículos para que os sombras realizem seu patrulhamento aéreo. Possivelmente tenha sido abatido durante um eventual combate.

Sua figura lembra fósseis dos primórdios da evolução

terrena. É muito rudimentar e grosseira, como se tivesse vindo direto de uma expedição arqueológica. Há quanto tempo estão por aí?

– Não sei precisar, Raul, mas o interessante é o modo como se mantêm vivos. São criações mentais dos magos, que, por meio de sua força psíquica, sustentam tais imagens: esse o segredo de perdurarem por séculos e milênios nos recônditos do astral. Como os senhores do mal não têm a capacidade de elaborarem formas superiores, e ainda têm nesses animais a associação com o seu passado longínquo, contemplamos aqui o fruto vivo de seu pensamento consistente e persistente. (284/286)

São criações mentais ou os chamados elementais artificiais, que sobreviveram ao evento dos magos. Buscam manter-se vivos alimentando-se da matéria astral e da fuligem mental encontradas nesta estância sinistra.

Pequenas formas mentais correspondentes a lagartos iam e vinham, correndo sem sentido, junto ao que restara das construções. (288)

Esses magos teriam o poder de criar seres com vida própria, os quais, como vimos, necessitariam até de socorro para que se restabelecessem e, conforme dito, para serem: “*utilizados pelas sombras como meio de transporte*” ? Seria uma criação paralela à de Deus?

Em verdade, existem formas-pensamento que até podem ser vistas, conforme relatado na obra “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz (cap. 19). Ali há dois exemplos de “formas-pensamento”, que são apenas projeções mentais, e não criaturas dotadas de vida própria, que poderiam ser usadas por malfeitores espirituais.

Finalmente, seria necessário escrever-se uma outra obra para serem comentados todos os pontos negativos deste livro. Há citações de Kardec, sempre adaptadas às “revelações” que o autor ou autores espirituais pretendem fazer. Não há nessa obra uma única página que possa ser qualificada como espírita. Veja-se, como exemplo final, o texto abaixo:

"Durante muito tempo espiritualistas e espíritas viram-se diante da realidade patente da obsessão, porém considerando apenas os tipos clássicos: mono e poliobsessões, cujos agentes são, respectivamente, um único espírito e dois ou mais deles. No entanto, ao enveredar nas investigações psíquicas, os encarnados mais estudiosos notaram que outra metodologia vinha sendo empregada pelas sombras. Surgiram as primeiras observações quanto às obsessões complexas, que exigiam nova abordagem, além da consagrada técnica de conversação fraterna ou doutrinação. Entre as diversas ferramentas verificadas para instaurar o quadro obsessivo, descobriu-se, então, embora a relutância em admitir o fato, a existência de seres artificiais gerados em laboratórios do submundo astral. Juntamente com aparelhos parasitas, implantes de chips, projeção de campos de força magnéticos e de ação contínua, tais elementos acabam provocando desarmonia nas células físicas dos encarnados, até mesmo causando processos cancerosos. Sobretudo, são processos obsessivos que fogem à definição clássica."(361/362)

Como se vê, fica declarado que a "consagrada técnica de conversação fraterna ou doutrinação" já foi superada, mas não há indicação alguma sobre o que a substituiria.

Diga-se, de passagem, que não se vê, na obra, nenhum trecho em que o amor é colocado como terapêutica, conforme se vê nos livros do Chico e demais médiuns citados. Só há citações negativas, atemorizadoras, como essas: "... a existência de seres artificiais gerados em laboratórios do submundo astral. Juntamente com aparelhos parasitas, implantes de chips, projeção de campos de força magnéticos e de ação contínua, tais elementos acabam provocando desarmonia nas células físicas dos encarnados, até mesmo causando processos cancerosos."

Subestimando o conhecimento e a argúcia do leitor, e partindo para a ficção, o autor declara: "Há décadas que, em determinadas reuniões mediúnicas, alguns dos integrantes suspeitaram ou detectaram a presença de seres diferentes, sem emoções, completamente destituídos de sentimentos. Contudo, não

podiam expressar suas percepções sem que fossem confundidas com imaginação fértil e fantasiosa, ou tê-las enquadradas como efeito de puro animismo. Transcorrido o tempo, esses seres artificiais foram sendo percebidos com maior frequência, e, na atualidade, não se pode desprezar tais criaturas, fruto da tecnologia astral colocada a serviço da obsessão.”(365)

Trata-se, como se vê, de uma confusão grosseira com a clonagem física, como está declarado mais explicitamente no trecho a seguir: *"Essa conclusão suscita algumas questões palpitantes, que merecem ser debatidas e estudadas por todos. Em que caso são usados os clones? Como é seu mecanismo de ação e com quais finalidades entram em cena?"(365)*

Conforme se vê, as forças contrárias ao Espiritismo não estão atacando de fora. Agora decidiram fazer o ataque internamente, isto é, trocaram o bombardeio pela implosão. As ações contrárias agora se dão dentro das próprias fileiras espíritas, através de obras mediúnicas que são vendidas às catadupas, pelo seu caráter fantasioso, atemorizador e, às vezes, burlesco e mesmo contrário àquilo aprendido na Codificação.

Entretanto, não nos devemos desencorajar, pois paralelamente a tantas publicações mirabolantes, estão proliferando grupos de estudos em centros espíritas que, por certo, acabarão por esclarecer aqueles que querem conhecer verdadeiramente o Consolador prometido e enviado por Jesus.



Análise do livro “Lírios de Esperança” Médium: Wanderley Soares de Oliveira

Os livros psicografados por Wanderley Soares de Oliveira demonstram ter origem comum com os de Carlos Antônio Baccelli. Nas suas obras, o Espírito que se intitula Ermance Dufaux demonstra conviver com outros Espíritos que, como ele, procuram, por todos os meios, diminuir o valor do trabalhador espírita, do Movimento Espírita, notadamente a Unificação.

Nas páginas de suas obras, aparece o mesmo “Dr. Inácio” irreverente, debochado, rude nas suas expressões. Há um abuso do nome de Maria Modesto Cravo, tanto na nesta obra quanto naquela intitulada “Mereça ser Feliz”, cuja análise está, há tempos, à disposição de quem a queira ler. Nesta obra, é afirmado que o diretor do Hospital Esperança é Eurípedes Barsanulfo. Em suas obras, o “Dr. Inácio” diz que é ele próprio o diretor, e até se queixa da tarefa: ***“(…) grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob minha responsabilidade (eu não sei quando é que vou me livrar desse carma!)”*** “Na Próxima Dimensão”, pág. 12)

Os trechos citados foram copiados *ipsis verbis*, em **negrito**, inclusive com as muitas falhas gramaticais.

Dona Modesta, depois de sentida prece, notificou a todos, pela sua mediunidade, que a Equipe Verdade velava pelo nosso encontro. (32)

Que Equipe **Verdade** seria essa? Aquela que dialogou com Kardec na elaboração de "O Livro dos Espíritos"? Estariam esses Espíritos Superiores e Eurípedes atuando no mesmo círculo onde se processavam todos os descalabros verbalizados pelo "Dr. Inácio"? E essa "Dona Modesta" seria aquela que atacou rude e zombeteiramente os espíritas na parte final da obra "Mereça ser Feliz"? Além do mais, num ambiente onde trabalhasse um Espírito debochado, irreverente, agressivo fanfarrão, zombeteiro como esse que se apresenta como "Dr. Inácio Ferreira" seria esse ambiente digno de receber a visita de Maria, mãe de Jesus, conforme relatado às pags. 40/41?

– Modesta, você sabe há, quanto tempo, espero para levar ao plano físico um noticiário franco e destemido sobre a situação dos espíritas nesta casa. Adoraria assustar um bocado de gente... (43)

Uma afirmativa dessas seria compatível com a elevação e a seriedade dos Espíritos acima citados? É um esforço tremendo esse que as Trevas fazem, pela boca desse e de outros Espíritos, buscando desvalorizar o empenho dos espíritas no sentido de se melhorarem. Segundo ele, a maioria dos espíritas chega lá, sofrendo grande perturbação.

Tenho certeza, Inácio, de que sua ligação com o médium uberabense será o caminho certo para os recados mais "diretos" Essa será a vertente a seguir. (46)

Por aí se vê que "Ermance Dufaux", " Dr. Inácio Ferreira" e "Maria Modesto Cravo" são os nomes que esse ou esses Espíritos fascinadores usam, tanto através de Carlos Antônio Baccelli, quanto de Wanderley Soares de Oliveira.

No entanto, o meu amigo terá tempo bastante para descobrir que, o farto material sobre a vida imortal

destinado aos homens, por André Luiz, representa minúsculo grão de areia na praia infinita das verdades espirituais. (60)

Vê-se aí, numa fala atribuída a Cícero Pereira, uma tentativa de diminuir o valor da obra de André Luiz, insinuando que eles seriam os complementadores.

Eis a razão de se rasgar o véu e apresentar, aos nossos parceiros de causa, o mundo espiritual despido de inverdades alimentadas pela obsessão da ignorância e do preconceito que ainda carregam. Urge levar-lhes a mensagem de que as esferas da vida imediatas à morte não são tão diversas quanto se imagina, na qual os efeitos de nossas ações se prolongam natural e claramente em regime de continuidade. (62)

O dito acima foi dirigido a um dirigente espírita desencarnado, que dedicara mais de quarenta anos ao trabalho espírita na Terra, numa tentativa de mostrar-lhe que aquilo que aprendera até então sobre o mundo espiritual estava cheio de inverdades. Quem nos revelou o Mundo Espiritual com detalhes? Vê-se, de novo, uma tentativa de minimizar a obra de André Luiz.

Acreditei que a morte me livraria desse mau humor de alguns espíritas de topete. Chego a pensar se não foi uma grande ilusão ser espírita. (65)

Mais uma mensagem de descrédito ao Espiritismo.

Amigo, vou lhe dizer uma verdade sobre a Verdade: os espíritas estão doentes de soberba ao imaginarem que sabem tudo sobre vida espiritual. (85)

“Dr. Inácio” não disse de onde tirou essa “verdade”, mas fica a mensagem desmerecedora...

Infelizmente, o movimento espírita está tomado por uma crise epidêmica. (108)

Mais uma frase de despreço ao Movimento Espírita.

Só hoje visitei, por três vezes, a Terra. Não reclamo de nada, mas se tivesse meu cigarrinho de volta, acho que trabalharia mais quinze horas sem mau humor... (128)

Será que essa é a postura de um Espírito que diz trabalhar com Eurípedes Barsanulfo? Em que círculo espiritual trabalha um Espírito que fala, sem nenhuma ressalva do seu antigo hábito de fumar? Do seu mau humor? Será que tudo isso é compatível com a postura que deve ter um diretor de clínica espiritual?

– Houve um outro, um desses “enciclopedistas espíritas” que leram tudo sobre a doutrina, que ainda zombou de mim um dia desses. Passava por um corredor já cansado, com mau humor pior que o habitual, depois de quase vinte horas de trabalho, e sabe o que ele me disse?

– O quê?

– Doutor Inácio, que cara é esta? Até parece que o senhor está cansado?! Espírito superior não cansa, ouviu?! Aprenda a usar sua mente!

– E você...

– Eu lhe dei o troco merecido. Disse a ele que não estava cansado, estava arrependido de ter morrido. Devia ter ficado na Terra uns mil anos para não encontrar mais com religiosos. No sanatório espírita de Uberaba, pelo menos, essa segurança eu tinha. Não era obrigado a lidar com as tricas e futricas do movimento doutrinário!

– E ele?...

– Ele ainda me perguntou se tinha algo me incomodando.

– E você, naturalmente... – debochou Dona Modesta.

– Naturalmente, eu me calei, porque, se falasse naquela hora, seria um desastre! (128/129)

À medida que se vai lendo o livro, vai-se constatando que esse é o mesmo “Dr. Inácio” quem se apresenta pelo médium Baccelli. Os destemperos, os desacertos e as grosserias são iguais. É só comparar. Até “Dona Modesta” comparece com seu deboche...

O exercício mediúnico atravessa um grave processo deflagrado há algumas décadas, que conduziu ao rompimento com a espontaneidade. A título de se incluir cuidados que se fizeram necessários – fato que ninguém

pode contestar – criaram-se normas e padrões muito rígidos. O exercício mediúnico precisa ser ressignificado. (149)

O que significa esse processo deflagrado há algumas décadas? Por quem? Será que ele critica os padrões rígidos fundamentados em “O Livro dos Médiuns”, em André Luiz e em outros autores sérios? Seria agora **ressignificado** (sic) pelo “Dr. Inácio” e “Dona Modesta”, através desse discurso que pretende ser humorístico?

– Os pacientes aqui alojados neste setor...

– São líderes da unificação. Com raras exceções, os amigos da unificação que aqui aportam chegam cansados pelo peso das mágoas. Suas histórias, a exemplo da minha própria, quase sempre, são agravadas pela angústia, quando descobrem não serem tão essenciais o quanto imaginavam aos ofícios de Jesus. (228)

Agora ataca, não só os espíritas em geral, mas particularmente aqueles que trabalham pela unificação do Espiritismo.

– De onde viemos, Para onde vamos? O que fazemos na Terra? Célebres perguntas que necessitam ser reconsideradas em suas nuances. Que sabem os próprios espíritas reencarnados sobre elas, senão algumas informações periféricas?! Qual companheiro de lides estará suficientemente instruído sobre as raízes espirituais de seu retorno à carne? De onde partiram? Com que programa? Qual era sua real condição moral e mental antes do retorno? Que causas anteriores os levaram a passar por esse ou aquele estado na erraticidade? (170)

Essas palavras, atribuídas a Cícero Pereira, induzem claramente o leitor a pesquisar o seu passado, o que se contrapõe frontalmente ao que Kardec ensina em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. V, item 11: “Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que nisso há vantagem.”

Que informes possuem os amigos matriculados nas

fileiras doutrinárias sobre o futuro que os aguarda na imortalidade Que cogitações ou probabilidades podem levantar sobre a sua chegada na vida imortal? Que vínculos guardam com o mundo dos espíritos? Quem são seus guias, seus espíritos familiares, suas afinidades e seus adversários? (170)

Perguntas capciosas, tendentes a confundir o leitor, pois quem estuda e segue os ensinamentos espíritas sabe perfeitamente o que o aguarda na imortalidade. Sabe os vínculos que mantém com o mundo dos espíritos. Não necessita saber a identidade de Espíritos protetores. Tem certeza de que, se estiver no caminho do Bem, nada deve temer, pois a Espiritualidade o protegerá.

Nota-se aí, claramente, o direcionamento para o desvio das atividades mediúnicas – que é principalmente o de evangelização de desencarnados – para um programa de consultas ao passado e previsões do futuro, tão a gosto de Espíritos levianos e palpiteiros, através de médiuns descompromissados com a Verdade. O restante do capítulo é a mesma cantilena de combate aos dirigentes e aos médiuns sérios.

– Eu mesmo, quando desencarnei fiz parte de grupo similar na erraticidade. Saudade do ambiente de unificação! Do movimento espírita com todas as suas querelas! (229)

– Parece que temos uma ilusão coletiva na seara em relação aos vultos do Espiritismo! Não lhe (sic) supunha nessa condição.

– Não tenha dúvidas disso, Marcondes. Para sua reflexão vou lhe passar o que aprendi a esse respeito. Os vultos do Espiritismo cujos serviços mereceram biografias honrosas nem sempre estavam a serviço do Cristo. (...)

Você constatará, inclusive, que por aqui alguns baluartes inesquecíveis da seara, credores das homenagens e biografias lavradas pelo movimento doutrinário na Terra, encontram-se em padecimentos atroztes nas mais conturbadas furnas de dor... (230/231)

Ao longo da obra, sempre o discurso repetitivo, atacando o

Movimento Espírita, a Unificação e os próprios espíritas. Nenhuma palavra de apreço, de incentivo...

– **Kardec fez o Espiritismo possível em seu tempo. Sem retirar-lhe a condição de missionário da Nova Era, o codificador foi um homem de seu tempo, sujeito à cultura de sua nação. Veja que os próprios livros da codificação contêm larga influência da corrente positivista e mesmo da igreja. Conquanto tenha sido um investigador incomparável, esteve submisso, como não poderia ser diferente, ao “caldo cultural” de sua época. Vindo para o Brasil, a doutrina assimilou, por sua vez, os traços religiosos e sociais do nosso país.**

– **O que a senhora quer dizer com isso?**

– **Que o Espiritismo chamado de puro é uma criação da cabeça humana, tomada pelo preconceito, e que os espíritas de hoje são um “novo cultural católico”, um fenômeno social e histórico. As práticas e conceitos doutrinários foram talhados pelo arcabouço milenar do homem religioso. (262)**

Essa tentativa de minimizar a figura do Codificador não é exclusiva de “Dona Modesta”, pois encontra-se também na obra “Chico Xavier Responde”, psicografada por Carlos Antônio Baccelli. Fica patente, para quem analisa as duas obras, que a fonte da fascinação é a mesma.

É tamanha a leviandade com que esse ou esses Espíritos se referem ao Codificador e à Doutrina, que seriam necessárias muitas páginas para analisar suas afirmações. Preferimos deixar ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

O núcleo spiritista deve sair do patamar de templo de crenças e assumir sua feição de escola capacitadora de virtudes e formação do homem de bem, independentemente de fazer ou não com que seus transeuntes se tornem espíritas e assumam designação religiosa formal. (299)

Na conclusão do livro, há uma repetição, pela terceira vez, do trecho acima, que consta de um pretense ***Programa de Bezerra***

de Menezes, agora ampliado e colocado na boca de Cícero Pereira, que merece ser observado, por constituir-se em mais um ataque aos centros espíritas, pois não é verdade que as casas espíritas sejam consideradas templos de crenças e, muito menos, que nelas se procure fazer prosélitos.

Há, no momento, um justo desejo de homenagear Chico Xavier. Mas, qual será a melhor forma de demonstrar-lhe nosso apreço pelo seu trabalho, se não pelo estudo de suas obras? Lê-las, estudá-las será a melhor forma de homenageá-lo, ao tempo em que adquirimos conhecimentos capazes também de nos permitir análise justa e lúcida do que se produz no campo mediúnico da atualidade, a fim de que estejamos capacitados a rejeitar essas agressões ao bom senso do leitor e à dignidade da Doutrina Espírita, presentes nesta obra.



Análise do livro "O Abismo"

Autor: Rafael Américo Ranieri

A obra *Libertação*, de André Luiz, veio trazer mais detalhes sobre regiões purgatoriais ou infernais que já haviam sido referidas em livros anteriores, como *Nosso Lar* e *No Mundo Maior*. Nela, o Autor descreve, com clareza e concisão, o panorama onde se organizam forças do mal, como agem junto a encarnados e desencarnados. É um trabalho de informação e de alertamento, pois que revela a existência de verdadeiras organizações constituídas por inteligências poderosas, infelizmente voltadas ao mal. O leitor, ao final da obra, terá uma visão equilibrada do mundo espiritual inferior, face ao ensinamentos nobres que permeiam as descrições e os relatos de situações negativas.

No livro "O Abismo", temos uma exaustiva exposição de quadros e panoramas deprimentes, uma descrição repetitiva de formas monstruosas adquiridas por criaturas que permanecem no mal. Não se vê, ao longo da narrativa, um aceno de esperança, uma palavra de misericórdia. Apenas a mensagem mórbida, que parece ter mais

o objetivo de apavorar do que de informar. Além das descrições aterradoras, a obra contém verdadeiros absurdos, facilmente constatáveis:

Cap. 1- **“Meu pensamento foi assaltado por vibrações vindas do seio da Terra. Senti como se um poderoso aparelho detonador me atingisse as fibras mais íntimas e me precipitasse em sintonia com a morte. (...) Forças desconhecidas agiam no meu subconsciente e me atraíam para perigoso abismo.”** Como pode um Espírito que será levado a regiões abismais – por um Benfeitor – ser atraído dessa forma por forças emanadas do mal?

“Meu ser crescia, crescia sempre como se eu me tornara um boneco de borracha porosa que se dilatasse indefinidamente. (...) Mergulhei no firmamento e subi, subi sempre. Lá embaixo começou a ficar a Terra, perdida no oceano do universo. Não sabia a que alturas haveria de atingir, mas via o mundo fugir de mim como a criança que contempla a sua bolinha de vidro perder-se nas águas do mar.” A que distância da Terra teria sido levada essa criatura para vê-la dessa forma? André Luiz diz que, de Nosso Lar, contempla a lua. O Autor deveria ter ido muito além do nosso satélite a fim de que pudesse ver a Terra tão pequena...

Cap. 2 - Ao descrever o Espírito que seria seu guia nessa jornada, o faz de modo singular: **“longos cabelos brancos, ligeiramente enrolados como se fossem cordas, desciam-lhe pelos ombros. Rosto enorme, redondo *aquadrado* sobre um pescoço taurino e peito descomunal.”** Temos aprendido que o Espírito, à medida que se aprimora, suas formas se tornam cada vez mais harmônicas e belas...

“Olhei a Terra: ainda estava lá embaixo, perdida na vastidão do universo.” Depois o guia o esclarece, dizendo que estão **“Entre as esferas do Sistema Solar, porém a uma distância de 325.000 quilômetros da Terra.”** Sabe-se que a distância média entre a Terra e a Lua é de 384.000 quilômetros... Não teria sido mais fácil dizer que estavam entre a Lua e a Terra, se

estivessem mesmo a essa distância. Mas o guia disse-lhe que estavam entre as esferas do Sistema Solar...

Cap. 3 - **"Contemplei a Terra que semelhava realmente uma laranja de formato irregular e estranho. Não era a forma redonda que nos é representada nas escolas e ginásios do orbe, mas sim um corpo repleto de saliências (...)"** Como pôde ver o relevo da Terra, se a via do tamanho de uma laranja? Onde o senso de proporção?

Cap. 4 - Desse ponto, partiram diretamente para o interior da Terra **"em demanda das profundidades e dos abismos onde habitam os Gênios da sombra e do mal."** O modo de se locomoverem no espaço é inusitado, completamente diferente dos exemplos apresentados por André Luiz. **"Orcus segurou-me fortemente e compreendi que diminuíamos a velocidade como dois torpedos que chegassem ao objetivo. Em seguida pousamos na ponta de um penhasco."**

Veja-se em *Voltei*, como Bezerra de Menezes conduziu um grupo de Espíritos a várias colônias espirituais; e como André Luiz descreve, em várias obras, a maneira vagarosa de se deslocarem. Em *Os Mensageiros*, conduzido pelo Benfeitor Aniceto, usam um veículo para atingirem a crosta terrestre. Em toda a obra psicografada por F. C. Xavier não há exemplos de Espíritos se deslocando no espaço como torpedos ou foguetes...

Cap. 5 - **"À nossa frente, numa distância indescritível para o pensamento humano, contemplei uma criatura de grandeza excepcional e de uma perfeição assombrosa. Tão belo que produzia na minha alma verdadeira vertigem. Acreditei enlouquecer. Pousado no penhasco mais elevado e pontiagudo, com longas asas descendo-lhe sobre as espáduas cintilantes um Anjo de sublime beleza dominava o abismo.**

– Aquele é Gabriel, que assiste diante de Deus, – declarou Orcus com acento carinhoso e profundo."

É de se lamentar que essa obra, bem como *Sexo além da Morte*, do mesmo Autor, tenham recebido não só acolhida de

leitores, mas também o apoio de um escritor que escreveu artigo elogioso publicado em periódico espírita. Segundo o *Novo Testamento*, Gabriel foi o Espírito incumbido de anunciar a Maria que a criança que ela trazia no ventre era o esperado Messias, e que, segundo Humberto de Campos, desempenhou também a nobre tarefa de protetor do casal. É espantoso que agora se tenha transformado numa espécie de Cérbero, ou carcereiro dos abismos...

A fim de não perdermos tempo, deveríamos parar a leitura por aí, mas vamos um pouco mais adiante. Para não haver dúvida sobre a condição alada de Gabriel, temos ainda a seguinte afirmativa, logo adiante: **"Gabriel sobre o abismo parecia amoroso pássaro de dimensões indescritíveis alimentando o abismo como sol que do alto do firmamento alimenta a Terra."**

Cap. 9 - Convém observar, com cuidado, o que o Autor fala sobre involução, isso sem contar a confusão absurda que faz ao estabelecer paralelo entre desagregação intercelular e explosão atômica: **"– Realmente, meu caro, há os que precipitaram nas formas vegetais e vivem agora aprisionados no que se poderia chamar de inércia aparente... São corações aflitos e consciências que foram caindo, caindo, e atingindo a inconsciência começaram a percorrer para trás a escala da evolução... Irão até o mineral e descerão um pouco mais. Nessa ocasião poderão sofrer uma espécie de explosão atômica que desagregará o próprio ser. Dizemos explosão atômica como quem usa expressão já inteligível na Terra. Na realidade é uma desagregação intercelular mas tão distante de uma explosão atômica como a velocidade do som para a velocidade da luz."**

Cap.11- Será que o Autor esteve perturbado ou simplesmente está brincando, numa obra que pretende seja uma revelação?:

"Quem éramos nós? Seria ele o Alighieri ou seria eu?"

– És tu Virgílio e sou eu o Dante ou és o Dante e sou Virgílio?

– As palavras e o pensamento de Dante foram

truncados, modificados, alterados, para satisfazer aqueles que vendem a própria alma se preciso for. Retornamos ao Abismo para restabelecer a verdade. Tens medo?

Note-se que a 1ª. e a 2ª. partes de *A Divina Comédia*, ou seja o *Inferno* e o *Purgatório* foram publicadas quando Dante ainda estava encarnado. Só a 3ª. parte, o *Paraíso*, foi publicada depois de sua desencarnação. Logo, a afirmativa sobre adulteração que teriam sofrido essas partes, que se referem justamente às zonas inferiores, não é verídica. O texto que se conhece hoje é o mesmo que foi dado a público no século XIV.

Cap. 14 – Neste capítulo, fica-se sabendo que há uma lei no Abismo e que o seu texto encontra-se grafado em pergaminho, que se encontra encerrado numa caixa metálica. **“Mas quem faz essa lei é o ser a quem chamamos Dragão e que a Igreja denomina Lúcifer. No momento, está prisioneiro, acorrentado, no centro da praça. Olhe lá e veja bem no centro mesmo dessa praça onde se observa uma espécie de fonte luminosa existe alguém acorrentado. Conquanto a fisionomia lembrasse a fisionomia de um homem ou de um espírito de forma humana, estava tão distanciado de nossa espécie quanto um dinossauro de um homem. Descomunal, pernas que lembravam colunas de um edifício, pés que mediam muitos metros de altura, braços cabeludos (...) rosto enorme de mais de quinze metros onde dois olhos maus lançavam chamas.”** Realmente, é até difícil de se comentar...

O Autor pergunta ao seu guia por que aquele Dragão não arrebatava as correntes que o prendiam, tendo recebido a seguinte resposta: **“– O Senhor não permite. Contudo Ihe foi concedido por Deus certo tempo de liberdade e em breve reinará livre das amarras com permissão divina. Sim. Deus na Sua Misericórdia Ihe dará oportunidade para redimir-se. Segundo estamos informados terá concessão para subir em breve tempo à superfície da Terra e estabelecerá uma luta**

contra o Bem durante mil dias. Depois será vencido. Os homens ficarão nessa época entregues ao seu livre arbítrio, exclusivamente a ele. Os que forem verdadeiramente bons subirão a regiões mais altas de consciência e os que somente *parecerem bons* rolarão nos abismos da inconsciência.” Isso não é uma réplica da tentação pelo Demônio, agora com tempo limitado? Sabemos que estamos sempre de posse do livre-arbítrio, e não apenas na dita época. Sabemos, também, que sempre temos a assistência espiritual que merecemos, mas o Autor diz que não haverá nenhuma interferência dos Bons Espíritos nesse período. Por que Deus iria permitir ao Dragão *reinar livre das amarras*, significando com isso oportunidade de redimir-se? Como pode alguém redimir-se laborando no mal? O que significa *rolar nos abismos da inconsciência* ?

Ainda falando sobre o Dragão, o Guia diz: **“Sua consciência culpada terá oportunidade de aproveitar a experiência humana assim como receberá da Terra vibrações transformadoras que há milênios o homem lança na superfície. Os dragões também fazem parte da criação divina. A parte mais embrutecida da Terra. Lembram os mamutes, os brontozauros e os sáurios. São a natureza primitiva que retém os elementos primários e embrionários no nosso sistema.** Afinal o que são esses dragões? Já teriam sido humanos? Se não o foram, trata-se de seres que, por não terem atingido a humanização, não teriam condições de *tentar* ninguém, mesmo porque o Autor diz que eles **“São a natureza primitiva que retém os elementos primários e embrionários no nosso sistema.”** Além do mais, se o homem lança vibrações transformadoras capazes de transformar um dragão, tornando-o bom, por que o homem não as aproveitaria em seu próprio benefício?

Cap. 21 – Aqui vemos um Espírito que tomou a forma de uma árvore, com suas raízes plantadas no solo. Depois de recusar a manifestação amorosa de um Espírito Superior, diz: **“Eu não reconheço nem aceito Deus! – revidou o vegetal humano.**

Ele que me encarcerou na maldição desta forma não pode esperar o meu respeito nem o meu amor! E num grito de terrível angústia a árvore desesperada sacudiu-se toda e contraiu-se enrodilhando-se como uma serpente.” Sem comentários!

Cap. 26 - Intitula-se, este capítulo ***Na Gelatina***. Além das formas já descritas dessa imensa fauna e flora humana, agora aparecem os peixes imersos em gelatina, a respeito dos quais o Guia dá a seguinte explicação: **“São seres que voltam na escala evolutiva Esta é a fase que na superfície poderíamos considerar aquática. A centelha mental aí está quase petrificada (...) Ultimamente tem-se lembrado muito de suas derradeiras experiências na Terra.** Depois, o Guia diz que essas lembranças datam de vinte mil anos...

Cap. 29 – **“E a mente desintegrar-se-á algum dia?** O Autor pergunta. Ao que responde o Guia: **A destruição do ser na sua maior intimidade que é a mente, meu filho, reduto sagrado da divindade, também pode ocorrer mas isso só mais tarde poderemos compreender.”** Aí, pergunta-se: Onde fica a imortalidade da alma?

Cap. 31- Mais um contra-senso: **“Lembravam formas femininas de diafaneidade inconcebível.”** Essas criaturas tinham uma tarefa pouco compatível com a sua elevação, qual seja: **“São nossas irmãs designadas para vigiar um dos desfiladeiros do abismo, apresentou alegremente Atafon.”** Mais adiante, diz que essas irmãs, Temp e Tera, oriundas de Vênus, pertencem a turnos de oitocentos anos e que seriam substituídas por dois homens, Irus e Urus, já escolhidos, pelo Conselho Venuziano, após entendimento com o Governador da Terra. A Presença de Espíritos Superiores, no desempenho dessa tarefa, contrapõe-se o argumento do Ministro Flácus (Libertação, cap. 1), quando comenta o poder exercido por Espíritos inferiores, a título precário, nas zonas de sofrimento: “seria ilógico e absurdo designar um anjo para custodiar criminosos.”

Cap. 34 - Gabriel novamente apresentado como anjo alado:

“Víamos, agora, Gabriel perfeitamente. Sobre grandiosa montanha, de asas espalmadas como uma águia, mãos abertas voltadas para nós, irradiava luz, força e amor. Era de uma beleza indescritível e o rosto iluminado ofuscava-nos o olhar. Olhei-o apenas um momento e escondi os olhos nas mãos para não ficar cego.” Como pode a luz de um Espírito cegar alguém?

Deve ser lembrado que o Autor declara, tanto nesta obra, quanto noutra de sua autoria, “Sexo Além da Morte” - outra aberração doutrinária - que ambas foram escritas sob a orientação de André Luiz.

Comentar todas as infantilidades, todos os absurdos, todas as afirmativas anti-doutrinárias contidas nesse livro exigiria que se escrevesse um outro livro...

A partir dessa obra, tem chegado uma verdadeira enxurrada de produções mediúnicas, não apenas discutíveis, mas altamente perniciosas ao esclarecimento do Espírito Humano. São os inimigos do Espiritismo que, cansados de combatê-lo de fora, agora imiscuem-se entre nobres trabalhadores e, como “lobos com pele de ovelhas”, atacam tenazmente.

É chegada a hora do testemunho daqueles que realmente amam a Verdade, sem alarde nem escândalo, estudarem, estudarem o Espiritismo a fim de terem condições de separar o joio do trigo, os bodes das ovelhas!

Obs. As transcrições foram feitas exatamente como estão na obra, respeitando-se grafia e pontuação.



Análise do livro "O Pensamento Vivo do Dr. Inácio"

Médium: Carlos A. Baccelli

Trata-se de uma compilação de textos apresentados originalmente no blog "Mediunidade na Internet". Talvez por ter caído em si que poucos acreditavam quando declarou, em livros anteriores, que cartas de encarnados eram colocadas sobre a sua mesa, no hospital em que dizia servir, no Plano Espiritual em que se encontra, sem ao menos explicar esse fenômeno inusitado no Espiritismo, esse Espírito agora resolveu comunicar-se pela internet. Entretanto, se o meio de comunicação mudou, o mesmo não aconteceu relativamente à seriedade do trabalho.

Deixamos claro, de início, que ao grafarmos o nome Dr. Inácio não estamos concordando com sua autenticidade, mas apenas evitando o incômodo de colocá-lo sempre entre aspas.

Transcreveremos em **negrito** as **palavras** do livro. Nossos comentários serão em tipo normal.

A turma que, em maioria, renasce por aqui e nas dimensões subjacentes é através do sexo mesmo! A turma

copula! Você falou em orgias e em número excessivo de gravidez, como se os métodos contraceptivos existissem apenas entre os encarnados... Não!

Eu não sei em que livro está – é um dos que Ranieri escreveu –, mas, certa vez, conversando à boca pequena com o médium e profeta Chico Xavier, disse que, daqui a uns 200 anos, a Ciência irá construir um grande útero e, então, a mulher será liberada da gravidez! Mas, segundo ele, o espírito reencarnaria direitinho... Não parece coisa de ficção?! (20).

Pobre Chico, em cuja boca estão colocando as mais absurdas informações, inclusive apoio ao aborto em caso de estupro e de anencefalia. O testemunho de Ranieri, aqui invocado, merece dúvida, depois de ele ter deixado na Terra seus livros absurdos: "Sexo além da Morte" e "O Abismo".

E para que eu não continue sentindo falta de ser eu mesmo nestas palavras, deem uma banana para o resto! (23)

Seria necessário comentar a grosseria desse Espírito, que diz conviver com Eurípedes, Bezerra, Chico (Kardec, segundo ele), na condição de diretor de um hospital fundado pelo Benfeitor?

Querem que eu escreva um Tratado de Obstetrícia de Além Túmulo! Eles acham que, por conta da pergunta 200 e seguintes, de "O Livro dos Espíritos", os desencarnados são todos capões! Meu Deus, que maldição seria *morrer!* É claro que os espíritos não têm sexo, ou melhor, têm todas as variações sexuais possíveis e imagináveis, mas o perispírito tem genitália, sim! E se relacionam! Para ficar mais claro, copulam! (26)

Ninguém esperaria que o Dr. Inácio escrevesse um livro sobre Obstetrícia, pois essa não era a sua especialidade na Terra. Mas, seria de se esperar que escrevesse algo sobre Psiquiatria, explicitando as teses apresentadas em "Novos Rumos da Medicina", em seus dois volumes, obra magistral que deixou aqui na Terra. Teria ele desaprendido tudo o que ensinou e vivenciou aqui,

passando a ser um crítico do Movimento Espírita, dos espíritas e de médiuns, usando uma linguagem vulgar, chula, rasteira mesmo? Esse Espírito se refere continuamente às obras de André Luiz, mas nelas não se encontra nada que se possa comparar com esses quadros de desequilíbrio e mau gosto que ele pinta a todo momento.

No livro "Nosso Lar", há o relato do caso pessoal de Tobias, que fora casado duas vezes na Terra. O assunto é ali tratado com a seriedade que se espera de uma obra espírita. Sabe-se que uma daquelas que foram esposas de Tobias continuava nessa condição, mas André Luiz não entra em pormenores da convivência do casal.

Essa promiscuidade alardeada pelo Dr. Inácio é mostrada no livro "E a Vida Continua" (cap. 14), no convite que o desequilibrado Túlio faz a Eveline, convidando-a a deixar a colônia que habitava para ir com ele à comunidade desequilibrada onde ele vive: "– O povo de onde venho agora, o povo da *terra da liberdade*, tem toda a razão... Entendo, você agora faz parte dos santos, mas eu não sou mascarado. Sou o que sou, um homem com as funções que me são próprias... Quero você e isso a escandaliza? Boa piada!... Você é mulher como as outras, você não é melhor do que todas aquelas que conheço na *terra da liberdade*, com apenas a diferença de que você se oculta na capa andrajosa da disciplina."

Não se exige muita perspicácia do leitor para entender que ali impera uma certa liberalidade sexual entre os seus habitantes. Agora, pergunta-se: seria uma colônia desse nível o local onde Dr. Inácio atua?

– O médium passista não pode fumar, não pode beber café em excesso, não pode comer carne... – Eu sei que a lista de proibição era enorme, e eu estava impedido de transmitir passes até na outra encarnação! (50)

Aqui, o Dr. Inácio ridiculariza as exigências naturais, a respeito da preparação do passista, apresentando um caso emergencial relatado no livro "Libertação", cap. XVII, querendo fazer regra do que é exceção. Sua comparação só vale para quem não tem discernimento, nem raciocina.

Muitos dos espíritos que se comunicam com os médiuns na Terra (quase arriscaria dizer que a maioria) não se encontram propriamente presentes no recinto físico ou ao lado do mediano que lhes serve de instrumento. (58)

É citada a comunicação de Bittencourt Sampaio, contida no livro "Instruções Psicofônicas", cap. LXIV. Essa exemplificação não coincide com os fatos. O nobre Espírito, depois de se ter comunicado, retirou-se. Verificaram com pesar, os encarnados, que falhara a gravação. Logo após, diante dos lamentos da perda do excelente pronunciamento daquele Espírito, José Xavier apresentou-se, prontificando-se a ditar ao Chico o texto, pois também ele e Meimei haviam feito a gravação. O ditado foi feito e a mensagem foi publicada no livro citado. Por esse exemplo, vê-se claramente o quanto esse Espírito que se faz passar pelo Dr. Inácio falseia a verdade.

Aquelas duas fornalhas que, distraidamente, costumava explorar com o indicador e o polegar... Bem, deixemos tal assunto de lado. Voltemos ao "transcendente" episódio da campanha (...). Será o Plano Espiritual tão *espiritual* quanto os homens imaginam que seja? Se a casa de Lísias era mantida de porta fechada, ela poderia receber, digamos policiáveis "amigos do alheio"? (95)

Novamente, esse Espírito que se propõe a estudar "Nosso Lar", volta a lançar dúvidas sobre o clima de equilíbrio e respeito que André Luiz afirma reinar naquela colônia. O leitor menos informado se induzido a pensar que em "Nosso Lar" há ladrões. Porta fechada indica ordem, respeito a uma intimidade doméstica. André Luiz não disse *porta trancada*, que é outra coisa...

– Domingas, precisamos acabar com essa falsidade... Eu nunca empreguei palavrões em meus escritos! Esse pessoal precisa deixar de me encher a bolsa escrotal!...

–"Bolsa escrotal", não é um termo chulo, Doutor?

– Convém perguntar a Deus, que a fez, você não acha? Que termo você sugeriria, quando tivesse que se referir ao órgão genital, masculino ou feminino!?... (233)

Seria necessário algum comentário sobre esse diálogo, contido num livro que é publicado como se fosse espírita? Um diálogo desses não se encontra nem nos piores programas de televisão...

Ataca, ridiculariza a FEB e divulga uma notícia originária de sua cabeça doente, quando diz que a Federação está preparando uma lista de livros condenados, ou seja, produzindo um *índex*.. Vê-se que sua capacidade não fica só na linha do mau gosto, do humorismo barato, mas atinge as raias da invenção mentirosa.

... Os espíritos vão novamente começar a se manifestar na Igreja, trazendo obviamente suas versões do Mundo Espiritual! E eu quero é dar risadas. (290)

No trecho acima citado, que é um pronunciamento do médium, dizendo que vai rir do que os espíritas dirão a respeito de revelações do Mundo Espiritual feitas por médiuns católicos. Mais uma vez se revela a falácia desse Espírito, procurando misturar as coisas. Nenhum espírita o combateria se ele fizesse as suas "revelações" da reencarnação no Mundo Espiritual, do uso que faz de linguagem chula, de pronunciamentos falsos a respeito de materialização, de apoio ao aborto, de ufanar-se de ter sido fumante inveterado, de falar de desregramento sexual na colônia em que vive, se ele não usasse o nome de Kardec, da Doutrina Espírita e de Chico.

Analizamos apenas alguns trechos do livro. Seria cansativo o esforço de esquadrihá-lo todo, como fizemos em obras anteriores, mesmo porque ninguém, até hoje, nos apontou algum ponto em que tenhamos sido injusto em nossa crítica.

Infelizmente, em nosso meio, ainda há muitos dirigentes de entidades espíritas que entregam essas obras ao público sem terem, ao menos, passado os olhos sobre algumas páginas.



Resumos de análises de livros atribuídos ao Dr. Inácio Ferreira

O objetivo deste trabalho é apenas chamar a atenção dos dirigentes de centros, livrarias e clubes do livro espírita quanto à responsabilidade que assumem ao divulgarem informações tão distorcidas, redigidas em linguagem incompatível com a nobreza, a dignidade e a seriedade da Doutrina Espírita.

As transcrições *ipsis verbis* das obras estão em negro. Nossos comentários, em vermelho.

O Pensamento vivo do Dr. Inácio

– Domingas, precisamos acabar com essa falsidade... Eu nunca empreguei palavrões em meus escritos! Esse pessoal precisa deixar de me encher a bolsa escrotal!...

– “Bolsa escrotal”, não é um termo chulo, Doutor?

– Convém perguntar a Deus, que a fez, você não acha? Que termo você sugeriria, quando tivesse que se referir ao órgão genital, masculino ou feminino!?... (233)

Grosseria que dispensa comentários...

E para que eu não continue sentindo falta de ser eu

mesmo nestas palavras, deem uma banana para o resto!
(23)

Será que elealaria isso ante a venerável figura de Bezerra de Menezes?

A turma que, em maioria, renasce por aqui e nas dimensões subjacentes é através do sexo mesmo! A turma copula! Você falou em orgias e em número excessivo de gravidez, como se os métodos contraceptivos existissem apenas entre os encarnados... Não!

Eu não sei em que livro está – é um dos que Ranieri escreveu –, mas, certa vez, conversando à boca pequena com o médium e profeta Chico Xavier, disse que, daqui a uns 200 anos, a Ciência irá construir um grande útero e, então, a mulher será liberada da gravidez! Mas, segundo ele, o espírito reencarnaria direitinho... Não parece coisa de ficção?! (20).

Pobre Chico! Depois de uma vida dedicada ao Bem, ter sua memória profanada dessa forma! Ranieri escreveu, dentre outros, "O Abismo" e "Sexo além da Morte". Foram os precursores dessa obra nefasta do "Dr. Inácio" e de outros.

Estudando Nosso Lar

– Cavalos e cães que, além de comer, fazem sexo...

– Eu sabia que o senhor chegaria aí! – comentou Domingas. (254)

A seguir, volta a bater na tecla da reencarnação no Mundo Espiritual:

– O que vocês diriam se aqui, no Mundo Espiritual, os homens pudessem se relacionar sexualmente, como se relacionam, sem função reprodutora?

Virando-me na direção de Rodrigo, interroguei:

– Você sabe de algum de seus colegas, ou você mesmo, que não faça sexo por aqui?

– Não, Doutor, não me peça nomes. Mas não sei de ninguém – descontraiu-se o inteligente rapaz, levando os colegas a sorrir. (255)

Parece até que alguém, no contexto, tem problemas sérios no campo sexual, tantas são as referências...

O “Dr. Inácio”, em várias ocasiões, afirma que os espíritas não estudam. Para contestar suas obras não há necessidade de estudo doutrinário. Qualquer pessoa que tenha noção de ética, de boas maneiras, até mesmo de educação, tem perfeitas condições de repudiar esses escritos, vazados em termos irreverentes, grosseiros, agressivos, chulos, totalmente incompatíveis com a maneira de se expressar de qualquer pessoa medianamente educada.

A Escada de Jacó

"Acordando mal-humorado, respondi ao cumprimento de Manoel Roberto com um simples muxoxo e fui direto para o meu gabinete."(30)

Seria possível um diretor de hospital do Mundo Espiritual, acordar mal-humorado?

"— Para aparecer alguém e colocar tudo a perder, não é, Modesta? Eu não sei o que o Odilon tem a dizer, mas, no que me compete, eu o mandaria às favas... O Espiritismo não tem dono e a mediunidade também não! Se, na condição de espírita, eu tivesse que prestar obediência a alguém, eu não seria espírita! Vocês me conhecem, e neste ponto, sou radical."(94)

Bravatas e grosserias comuns nas manifestações desse Espírito.

"— Doutor, não me deixe morrer! O que houve com os meus braços, que não consigo senti-los? Onde estão o meu pai e a minha mãe, a minha avó e os meus primos? Está doendo muito, Doutor!..."(186)

Conversando com um menino árabe, atingido por explosão que lhe arrancara os dois braços. Seria possível a alguém que tivesse tido arrancados os dois braços, manter esse diálogo? Não há explicação se estava materializado, ou se o menino era médium vidente, e como falara árabe.

"A uns duzentos metros do local, um camelo atingido por tiros de metralhadora agonizava e observei que, de sua boca e narinas, escorria uma substância esbranquiçada.

— O "plasma" daquele pobre animal nos servirá. Teça com ele uma espécie de manta... Não temos tempo a perder!"(186)

Afirma ter estancado a hemorragia com ectoplasma de um camelo agonizante. Por que, então, os Espíritos, trabalhadores do Bem, não buscam, para socorro a encarnados, essa substância abundante em matadouros?

"Não tivemos que esperar muito. Curtindo tremenda ressaca, o casal se despiu dos trajés mais íntimos e, com certeza, o resto os nossos irmãos nos dispensarão de relatar. Digo-lhes somente que fiquei sem entender quando, após terem atingido o orgasmo, Flávio foi praticamente sugado dos meus braços e, como se o perispírito ainda mais se lhe restringisse, atravessando a barreira das dimensões diferentes, encolheu-se feito um filhote de pássaro no ninho."(282)

Descrição grosseira da invasão na intimidade de um casal, contrariando o que André Luiz relata em "Missionários da Luz", cap. 12, quando fala do respeito que os Espíritos têm pela intimidade do casal, e que a ligação do reencarnante à forma física se dá horas depois do ato sexual. No livro "O Pensamento Vivo do Dr. Inácio", ele próprio se desmente, citando Chico Xavier: "O processo é mais lento, tratando-se de reencarnação compulsória, nessa categoria de espírito. Leva mais de ano para completar o restringimento" (121)

A Vida Viaja na Luz

– No outro dia, bem cedo, na companhia de Modesta e Manoel Roberto, fui ver, nas imediações do Hospital, uma chácara que conseguíramos em regime de comodato, para a realização de velho sonho. (25)

Aluguel de terreno no Mundo Espiritual?

– O Hospital dos médiuns será a instituição mantenedora da Sociedade Protetora dos Animais "Francisco de Assis"!

– Uma Sociedade Protetora dos Animais no Além! (27)

– O Hospital dos Médiuns, do ponto de vista jurídico, responderá pela Sociedade "Francisco de Assis". (30)

Tentativa de desmerecer as revelações de André Luiz, levando as semelhanças da vida no Mundo Espiritual com a da Terra a níveis inaceitáveis.

– Ultimamente, muitos espíritas recém-desencarnados marcam consulta comigo. Não que estejam propriamente doentes, mas desejam ajustar certas ideias em conflito com a realidade da Vida, ante a qual se deparam na existência de Além-Túmulo. (184)

Não só ele, mas também outros Espíritos buscam demonstrar que pouco valeram, para os espíritas, as luzes do Espiritismo, pois chegam necessitando de "marcar consulta" com um psiquiatra. Onde, na obra de André Luiz, vimos esse funcionamento tão terreno de um consultório médico?

– Você é espírita?

– Sim, há mais de 40 anos...

– Desencarnou, e daí?

– Não aconteceu absolutamente nada. Estou na mesma

– Não volitou?

– Mal me arrastei e estou me arrastando...

– Come e dorme?

– E bebo água!

– Faz sexo?

– Faço!

– Com o que?

- *Doutor, o senhor é louco!*
- *Responda.*
- *Com as coisas, ué!*
- *Você é espírito vampiro?*
- *Não, eu sou normal.*
- *Então, você faz sexo é com desencarnado?*
- *É! Pensou o quê? Eu não sou íncubo...*
- *Tem orgasmo?...*

Bem, desculpem-me, mas o restante da entrevista é proibido para menores e não quero poluir a cabeça desse nosso pessoal beato, que considera pecado ter orgasmo num só lado da Vida, quanto mais nos Dois! (190/191)

P.S: No que se refere à coragem do testemunho e verdadeiro amor à Causa, não posso deixar de reconhecer que, por seus ovários, muitas mulheres possuem mais "bolas" do que muitos homens! (271)

Julgo desnecessário qualquer comentário do texto acima, pois parece retirado de uma revista humorística de baixo nível.

Chico Xavier Responde

- Mas você não era Allan Kardec reencarnado?
- *E quem vocês pensam que era Allan Kardec? (9)*

Além de colocar lenha nessa fogueira infeliz alimentada por espíritas novidadeiros, procura, ao mesmo tempo, rebaixar o conceito que temos do Codificador.

– O que teria a dizer aos que afirmam que André Luiz fez literatura de ficção?

- *Que a ficção sempre se antecipa à realidade. (28)*

Tentativa de diminuir o valor da obra de André Luiz.

– E quem foi Hippolyte-Léon Denizard Rivail?

– *Alguém que, não fossem os Espíritos, teria vivido no mais completo anonimato; um homem comum, como tantos outros que vivem esquecidos dos homens... (45)*

Nova tentativa de reduzir a figura do renomado

educador francês de quem a Espiritualidade Superior se valeu para trazer-nos o Espiritismo. Para se inteirar-se de quem foi o Professor Hippolyte-Léon Denizard Rivail só consultar as obras de Zeus Wantuil e Francisco Thiesen e de Dora Incontri.

— Faltava um pouco de Chico a Kardec ou de Kardec a Chico?

— ***Creio que de Chico a Kardec.*** (47/48)

Mais uma tentativa de diminuir a figura do Codificador, dizendo, talvez, que lhe faltasse a humildade e a doçura de Chico.

— Como médium, Chico, na recepção das mensagens ditas particulares, você necessitava de um contato prévio com os familiares encarnados do espírito comunicante?

— ***Ainda que fosse mínimo.***

— Com qual objetivo?

— ***De estabelecer sintonia, facilitando o mecanismo que se coloca em funcionamento no diálogo que se estabelece entre encarnados e desencarnados.*** (70/71)

Aqui, esse Espírito fascinador entra no terreno da mentira, da calúnia, da infâmia. Qualquer pessoa que tenha conhecido o Chico tem consciência da falsidade dessa afirmação. O médium desse Espírito fascinador é que usa dessa prática, conforme já declarou na imprensa.

— Você é contra ou a favor do abortamento, em casos em que o feto esteja se desenvolvendo sem cérebro?

— ***Creio que o assunto seja pertinente ao livre arbítrio dos genitores, especialmente ao da mãe, mas, qual o significado se levar a termo uma gestação que, com os modernos recursos da Medicina, já se sabe de antemão comprometida do ponto de vista genético? Não seria penalizar, desnecessariamente, os familiares?***

— Em caso de estupro, é lícito o abortamento?

— ***Em casos de estupro, a única vontade que deve prevalecer e ser respeitada é a da mulher que foi vítima de semelhante agressão.*** (140)

Um posicionamento contrário à Doutrina Espírita, em dois livros.

Estudando Nosso Lar

... vasculhando papéis sobre a mesa, me deparei com a carta que uma irmã me endereçara da Terra.

– *Dr. Inácio, – escrevera ela –, fico encantado (sic) com o seu amor aos animais... (95)*

Esse Espírito fascinador subestima tanto a capacidade de análise do leitor, que não explica como uma carta de um encarnado chega ao Mundo Espiritual e é colocada sobre sua mesa. E ele a responde!...

– Cavalos e cães que, além de comer, fazem sexo...

– Eu sabia que o senhor chegaria aí! – comentou Domingas. (254)

Novamente, defende a tese da reencarnação no Mundo Espiritual (Reencarnação sem carne!)

– Isso é uma aula de botânica! Brincou Domingas.

– Muitos dirão que é pornografia... Uma banana para eles, de preferência verde! (256)

– Pronto! Agora está me puxando o saco... E o pior, não, o melhor é que espírito também tem isso... (264)

Livros como este não necessitam de exame doutrinário. É só o leitor lembrar-se de que um Espírito que tenha um mínimo de refinamento jamais usaria expressões como essas. Será que quem se expressa dessa forma conviveria no Mundo Espiritual com Eurípedes, Bezerra, Emmanuel, André Luiz, conforme declara em seus livros?

Fala, Dr. Inácio!

– Só para determinado jornal, eu respondi a três entrevistas que não foram publicadas...

– Eu sei, mas também quem manda você não contemporizar? Faça política... È o que esse pessoal quer: ser bajulado! Diga que eles foram personalidades ilustres em vidas

anteriores, ligadas a Allan Kardec, etc. Você não mente... Como é que quer fazer parte da "panela", se não entra nela? Corrompa-se, e você terá espaço. (71)

Seriam conselhos como esse dados por um Espírito equilibrado? Onde, na legítima literatura espírita viu-se algo semelhante?

– E quando se trata de gravidez ocasionada por estupro?

– Quando se trata de estupro, creio que se deve dar à mulher o direito de decidir, e respeitá-lo, seja qual for. (128)

– Mesmo que ela decida pelo aborto?

– A sociedade não pode obrigá-la a arcar com as consequências de tal violência. Ponhamo-nos no lugar da mulher aviltada em sua dignidade... A pretexto de ética religiosa ou o que o valha, não podemos traçar regras de comportamento para os outros. (128)

Não se trata de uma "ética religiosa" discutível. Trata-se do que nos ensinam os Espíritos Superiores, conforme "O Livro dos Espíritos" (item 358)

– A mulher deve ter o direito de abortar o anencéfalo?

– Creio que Deus, através dos progressos da Ciência, está nos dotando de meios a fim de que tenhamos certas provas suavizadas. Sabemos que a dor é benéfica para o espírito, no entanto, recorreremos ao analgésico. (131)

Sim, é lícito o uso do analgésico. Mas para aliviar uma pretensa dor moral, seria lícito o assassinato de um nascituro?

– Então, a gravidez do anencéfalo deve ser interrompida?

– Se os pais, e principalmente a mãe tomarem tal decisão, após a confirmação do diagnóstico, cabe-nos, repito, acatá-la sem recriminações. (131)

Então a Codificação está errada?

Fundação Emmanuel

Confesso-lhes que eu não conseguia tirar os olhos do

ventre daquela menina que me passou a inspirar enorme simpatia. (98)

— Para quando será a criança, minha filha? – questionei.

— Dentro de uma semana, completarei os cinco meses...

— Faltam três, para oito...

— Não, doutor, o nosso tempo de gestação é menor – se passar da data, não será muito. (100)

Além do absurdo de uma gestação no Mundo Espiritual, há até erro no número de meses da gestação na Terra: são nove e não oito.

— É verdade também o que o *Resenha* está dizendo?...

— A menos que os jornais daqui também se equivoquem como os da Crosta costumam se equivocar – respondi.

— “Aos espíritas que me criticam...” – leu o rapaz, em voz alta.

— “...ofereço, solenemente, uma banana!...” – não me esquivei de concluir, na alusão grotesca ao gesto feito com a mão esquerda apoiar-se no braço direito, tendo o antebraço voltado para cima com a mão fechada. (135)

Esse *Resenha* seria um jornal que circularia, segundo o “Dr. Inácio”, no Mundo Espiritual, relatando fofocas da Terra.. Ao contrário do que se lê na obra *Nosso Lar*, cap. 23.

As manifestações de grosseria do “Dr. Inácio” continuam...

— Desembuche, Manoel, antes que eu continue dizendo e escrevendo o que não devo...

— Dr. Inácio – esclareceu –, quatro padres estão à sua espera...

— Quatro?!... Um só já seria muito! Que desejam? Me converter?

— Estão pedindo permissão para uma visita ao

Hospital, alegando que receberam graves denúncias. (186)

Agora inventou padres fazendo inspeção num hospital no Mundo Espiritual!...

— Que aparelho é esse no braço dela?

(...)

— É, então, um minicomputador...

— Funciona como se fosse e é capaz de apontar, com precisão absoluta, desequilíbrios de risco para o organismo.

— Como, por exemplo, a iminência de um colapso cardíaco, alteração da pressão sanguínea?

— Taxas de glicose, oscilação de temperatura, presença de um microorganismo patogênico... (226)

Aqui declara que a jovem grávida corria risco "de morrer" durante o parto, lá no Mundo Espiritual!

— Meu caro Dr. Hernani – aparteu Odilon, aproveitando a deixa –, o senhor não repare, se precisamos ir; temos ainda uma visita a ser feita hoje...

— Que pena! – lamentou.

— Voltaremos para uma nova sessão de piadas – enfatizei. — Tenho algumas para lhe contar, mas só nós dois...

— Picantes?

— Piada espírita não tem graça, Hernani! (241)

Agora, envolve Hernani Guimarães Andrade e Cairbar Schutel numa roda de piadas, como se Espíritos desse nível fossem tão mundanos como ele...

Infinitas Moradas

— Estou olhando, Desidério – disse, fazendo o possível para não explodir. — Pode falar... Estou com conjuntivite; cheguei há pouco da Terra e, como sempre, havia muita fumaça lá embaixo... (...) (87)

Assim que ele se retirou, fazendo um esforço imenso para me controlar, pedi ao jovem enfermeiro que me chamasse, às pressas, o Manoel Roberto ao consultório. (90)

Essa, uma entrevista com um pretense paciente, desenvolvida ao longo de uma conversa sem sentido, sem nenhum ensinamento, a não ser a revelação de que depois de desenvolver uma conjuntivite, a partir de uma contaminação adquirida na Terra, um psiquiatra do Mundo Espiritual, diretor de um hospital, quase se descontrolou ao final de uma conversa vazia, que tomou cinco páginas de um livro... Note-se ao absurdo que esse Espírito fascinador leva seus leitores: Um Espírito desencarnado contaminar-se com doenças da Terra!

Do Outro Lado do Espelho

"— O espírita tem a mania de se julgar sempre com a verdade." (16) "— Nós, os considerados mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!..." (160)

Um discurso específico visando ao descrédito da mediunidade. Descrédito que se estenderia até à Codificação, que teria, no mínimo, 50% de contribuição dos médiuns com os quais Kardec desenvolveu a Codificação.

Na Próxima Dimensão

"(...) grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob minha responsabilidade (eu não sei quando é que vou me livrar desse carma!)" (12)

Todo desencarnado equilibrado sente-se honrado em trabalhar no Mundo Espiritual. Como pode um Espírito que se diz diretor de um hospital, fundado por Eurípedes Barsanulfo, ver essa honrosa tarefa a ele atribuída como

carma? E desejar desincumbir-se dela?

"(...) o casal havia renunciado a qualquer tipo de convivência mais íntima na esfera sexual, para dedicar-se aos valores do espírito, e, tanto assim que ambos não geraram herdeiros diretos (...)" (56).

Aqui entra na vida íntima de Kardec e de sua esposa para fazer essa "revelação". Em livro subsequente, diz que o casal era estéril...

"(...) também sou suscetível a periódicas crises de depressão... Afinal, ao que me consta, ainda sou gente, não é?"(138).

Seria crível que um diretor de um hospital psiquiátrico, fundado por Eurípedes Barsanulfo, sofrer crises de depressão?

"O sexo, além da morte, não é algo pecaminoso: é instrumento de sublimação."(216).

O sexo não é pecaminoso nem na Terra, nem no Mundo Espiritual. O seu mau uso, sim.

No Limiar do Abismo

Que os nossos irmãos, pois, permaneçam atentos e não se deixem ludibriar; não há sobre a Terra, na atualidade, um único médium encarnado com suficiente autoridade para penetrar nos enigmas pertinentes às anteriores experiências reencarnatórias de quem quer que seja. O que revelam, nesse sentido, não passa de mera suposição ou invencionice. (62)

Como é que, em livro posterior, ele "revela" que Chico foi a reencarnação de Anchieta?

— Preciso ir ao sanitário – disse-lhes, tentando me colocar de pé.

— Sanitário, aqui?!... – reagiu, Paulino, tão surpreso quanto eu.

— Por favor – solicitei, afrouxando a calça –, afastem-se...

E, ali mesmo, sem qualquer escrúpulo, improvisei uma latrina. (192)

O desarranjo intestinal fora, segundo ele, causado pela ingestão de um pedaço de churrasco de javali, no Umbral...

— Em meu primeiro livro escrito depois de *morto*, “Sob as Cinzas do Tempo”, eu me refiro diversas vezes ao meu antigo hábito de fumar; pois bem: segundo soube, houve alguém que teve o capricho e a paciência de contar o número de vezes que fiz menção ao tabaco, para chegar à conclusão de que não sou um Espírito Superior... (217)

Sim, eu contei e publiquei suas 25 referências ao hábito de fumar, relatadas até com certo ar de vitória, sem, nem uma única vez, falar dos danos causados pelo uso do tabaco. Na obra “Obsessão e Cura”, refere-se, igualmente, 12 vezes, tendo, à pág. 178, declarado estar fumando durante uma prece a Jesus.

— Essa história de ter sido médium 40, 50 anos, de ter feito inúmeras palestras, de ter escrito dezenas de livros ou artigos em jornais e revistas, de nunca ter perdido a pose... (219)

Sempre atacando os espíritas... Agora, claramente ataca quem se projeta...

Por Amor ao Ideal

— Vamos, quem é o macho que vai se denunciar?... Quero esfolá-lo vivo! Aqui ninguém é pago para cochilar no serviço. Se não aparecer o culpado, vou escolher qualquer um e demiti-lo. (40)

Nesse livro, o “Dr Inácio” pretende fazer um relato, enquanto encarnado, de sua vida como diretor do hospital espírita de Uberaba.. Lendo-se a biografia do Dr. Inácio Ferreira, constata-se que essa postura é mentirosa.

— Vai-se ver, Doutor, que na outra encarnação... — intrometeu-se uma morena redonda, das melhores

cozinheiras que já passaram pelo Sanatório.

— Cuide de suas panelas... Como é que pode ir adiante um hospital de loucos em que até a cozinheira dá palpites? Que outra encarnação, que nada!... É a primeira vez que estou vivendo no meio dessa corja – primeira e última, se Deus quiser.

A morena sorriu e caminhou requebrando com sua pesada traseira, não dando a mínima para o que eu havia falado. (42)

Esse Espírito fascinador faz tudo para mostrar que o Dr. Inácio era desequilibrado quando encarnado, o que é uma infâmia.

Porém, profanando o ambiente, eu não resisti. Antes de me levantar e ir embora, aproximei os lábios de seu estúpido conduto auditivo e sussurrei-lhe, pausadamente, certos termos chulos que quase todo menino da rua sabe dizer! O homem arregalou os olhos, as suas faces ficaram congestionadas e eu pensei que, ao invés de um, teríamos dois cadáveres expostos no salão... (91)

Nota-se, em todo o livro, o desejo de mostrar que o Dr. Inácio sempre foi grosseiro como ele é pintado agora.

O meu misterioso paciente estava de volta... Chegou à minha casa num sábado à tarde, num desses sábados sem luminosidade, com excesso de nuvens escuras no firmamento. Havia vários meses que eu não o via. (261)

— Tem obras publicadas?

— Alguns ensaios apenas; nada que tenha repercutido...

— E o seu sotaque?

— Eu já preciso ir, Doutor — levantou-se, sem me responder.

— Mandarei, depois, o dinheiro da consulta... (273)

No entanto, quando abri o livreto, quase caí de costas: um retrato a bico-de-pena, feito com tinta nanquim, era a reprodução exata do rosto do meu paciente!... “E. A. Poe” – dizia o pequeno texto —, morto em 1918, vitimado por

alcoolismo. Contista e poeta norte-americano que, infelizmente, nos deixou tão cedo — aos 39 anos de idade.” (275/6)

Este, talvez o relato mais absurdo do livro, em que esse Espírito menospreza a capacidade de o leitor analisar: como é que um médico, principalmente um psiquiatra, recebe um cliente em consulta sem saber-lhe o nome? Mais tarde, fica sabendo que conversara com Edgar Allan Poe, desencarnado há 140 anos. No livro, há um erro de data, pois ali é afirmado que a desencarnação ocorrera em 1918.

O que vou lhes dizer em seguida — caros leitores —, ficará a critério de vocês aceitarem ou não. Devo ser fiel à verdade dos fatos.

Proseguindo pela voz da médium, o célebre criador do romance policial contou:

— Observando-me as tentativas frustradas de contactá-lo, um desconhecido me orientou:

— “Por que você não se materializa? Não é tão difícil assim... É só conseguir ectoplasma...”

— Ora — explicou a entidade —, eu jamais havia ouvido falar em ectoplasma... “Que substância é esta?” — perguntei sem me dar conta, como das vezes anteriores, do idioma em que eu estava me expressando: eu *pensava* em inglês e ele entendia em português, exatamente, Doutor, como está acontecendo agora.

— “Ectoplasma — respondeu-me — é fluido animal; se você conseguir quantidade suficiente para se revestir, poderá tornar-se visível...”

— De que maneira obtê-lo? — quis saber, curioso.

— “Através de um doador vivo ou... morto.”

— Morto? — questionei, duvidando que aquela história toda fosse verdade.

— “Sim, no cemitério...”

— Poderei encontrar tal substância materializante no cemitério?

—“Não nos corpos em adiantado estado de decomposição, mas nos que morreram recentes...”

— E o que devo fazer?

—“Mentalize, plasme-se...” falou o espírito, que se retirou.

— Quase a desanimar (Poe deu sequência à inusitada narrativa), localizei o cemitério e me pus a esperar um enterro. Foi difícil, pois não me consentiam me aproximar de certos cadáveres... Algumas entidades que não falavam comigo dispersavam uma matéria brilhante na atmosfera e os cadáveres ficavam *vazios*. “Aquilo é o ectoplasma” – pensei. Depois disso, um enterro com quase nenhum acompanhamento chegou ao cemitério... O corpo inanimado era o de um homem que, bêbedo, havia caído de um andaime; espessa substância leitosa ainda lhe escapava abundante, dos orifícios e, inclusive, dos poros, a praticamente envolver-lhe toda a forma física... Dele, curiosamente, eu pude me aproximar sem qualquer embaraço e, após o seu corpo ter descido à cova rasa, postei-me ao seu lado e, com as mãos, comecei a me cobrir com aquele tecido gaseificado... O meu desespero era tamanho, Doutor, que eu o introduzia na boca, eu o inalava através das narinas, como se eu fosse um paciente hospitalizado recebendo uma transfusão de sangue...

— Aos poucos, sem que eu pudesse explicar o fenômeno – prosseguiu dizendo –, fui tomando forma humana, ou melhor, retomando-a... Era interessante observar. Felizmente, não havia ninguém por perto... A imagem que eu conservava de mim era tão forte em minha mente, que, devagar, fui reconstituindo, com a força do pensamento, detalhe a detalhe, inclusive a própria indumentária – aquela que, de hábito, eu envergava em meus derradeiros dias no corpo quando, infelizmente, tombei vítima do alcoolismo. Quando *a metamorfose* se completou, a minha primeira iniciativa foi a de procurar um espelho – eu queria me ver...

Saí do túmulo no qual praticamente me encontrava mergulhado e, percebendo um carro estacionado à porta do campo santo, me fitei no seu retrovisor externo – era eu, sem tirar nem pôr! De imediato, acudiu-me uma ideia à cabeça: – Que bom seria, se eu pudesse, sempre me conservar assim: este corpo certamente não adocece e... não morre, não estando sujeito às vicissitudes do corpo feito de carne... De certa maneira, inclusive, eu me remoçara e aquelas indisposições orgânicas haviam desaparecido.

A narrativa de Poe me surpreendia; eu nunca havia lido nada parecido a respeito na extensa bibliografia espírita especializada. (282/6)

Nem poderia ter lido, pois se trata de ficção da pior espécie! Para constatar a falácia desse "conto", é só consultar o livro "Missionários da Luz", cap. 10, onde há uma descrição minuciosa do preparo de uma reunião destinada à materialização de um Espírito. Essa operação envolveu, dentre outros, a cooperação de vinte entidades de nobre hierarquia. É curioso que ele diz: "fui tomando forma humana, ou melhor, retomando-a... Era interessante observar. Felizmente, não havia ninguém por perto..." Quer ele dizer que o Espírito desencarnado não tem forma, que só toma a forma humana quando se materializa...

Reencarnação No Mundo Espiritual

– É uma honra, Doutor, é uma alegria trabalhar ao seu lado!

– Não puxe, não, hem?, que arreventa... (130)

– A situação, às vezes, é vexaminosa... A gente se descompõe, não é?

– E tem que rezar muito, Longino, para não fazer besteira...

– Eu sei: dizer palavrão, tirar a roupa...

– Para mostrar o quê? Se bem que, agora, com o Viagra, a gente reage...

O meu interlocutor gargalhou.

– Impagável, Doutor! Veja se esta é conversa de dois espíritas, no Além?!

– De dois espíritas normais, é! (134)

Seria necessário comentar esses diálogos? Relato num livro espírita ou na mesa de um bar?

– De quando em quando, faço questão de visitar a Terra, apenas para ver como estão aqueles que, quando eu tinha 80, estavam com os seus 30, 40 de idade... Se não se cuidarem, não chegarão à minha marca, com os cigarros que fumei a vida inteira! Alguns estão irreconhecíveis, com as rugas que têm no rosto contando das lutas que enfrentam na vida. Coitados! E eu, neste Outro Lado, remoçado e forte, simpático como sempre fui, tendo de me esconder do assédio da mulherada... (141)

Modo muito grosseiro de se referir a mulheres, talvez própria da mesa de um bar, mas não de um local no Mundo Espiritual organizado no Bem. Ou no Umbral?

A correspondência sobre uma de minhas mesas se acumulava. Missivistas da Terra e do Além me escreviam, expondo suas dúvidas sobre os mais variados assuntos: perguntas sobre temas da Doutrina, questões pessoais, indagações sobre mediunidade, pedidos de intercessão em favor de um ente querido desencarnado, palavras de estímulo e coragem ao trabalho que estamos desenvolvendo... (148)

Confiando tanto na incapacidade de o leitor analisar, nem tenta explicar como uma carta escrita na Terra chegara à sua mesa de trabalho, nem como a resposta seria enviada... É fazer muito pouco do conhecimento doutrinário, ou mesmo da capacidade mental do leitor...

Trabalhadores da Última Hora

As Trevas, se assim posso me expressar, consentiram que o Cristo pregasse a Boa Nova em seu reduto, que era a

Terra, desde que, por fim, triunfassem permanentemente.
(279) (Grifei)

As Trevas deram consentimento? Estão na direção do Planeta? Essa é a tese dos "Testemunhas de Jeová", que distribuem um folheto colorido, declarando que Satanás é quem governa o Mundo.

Tio, o senhor benze? O vovô está acamado... o senhor benze? É claro, vamos vê-lo – respondeu.

A mãe – disse um garotinho, sem camisa –, com o remédio que o senhor lhe deu, já melhorou da dor de cabeça... O senhor trouxe mais?

Essa, uma conversa que o "Dr. Inácio" teria tido com Espíritos desencarnados, residentes na colônia onde ele se encontra. Lá ele distribui remédios, benze, cura dor de cabeça...

Como vai o nosso Morubixaba?

Patuwa não diz, mas sabe que ele está perto de morrer de novo... Não diga nada a ninguém. O Pajé branco já sabe... Não quero tristeza na pequena tribo. Quando Patuwa "morrer", vou dar meu corpo a você...

– A mim?! – perguntei com espanto.

– Entenda bem, para você estudar. Quero que você o abra, veja o que tem dentro e escreva para a Terra contando o que viu.

– Mas eu não sou cirurgião! – aleguei – Eu sou psiquiatra! Não sei mais dissecar um corpo... (67/68)

O morubixaba dá ordens ao "Dr. Inácio"! O índio estava tuberculoso, no Mundo Espiritual. Previa sua "morte" e doava seu perispírito para o "Dr. Inácio", determinando o que dele deveria ser feito...

– Melhorando – respondeu com uma piscadela. – A febre, no entanto, vai e volta. (58)

A febre no perispírito, que tosse, escarra sangue...

– A febre está voltando cada vez mais forte – disse ele com tranquilidade. – Deixarei a carcaça na Lua Nova –

previu com voz entrecortada. (71)

O morubixaba acabou “desperispiritizando”. Não se pode dizer que desencarnara, pois não estava encarnado... Esse Espírito fascinador louva, endeusa o Chico, mas trabalha no sentido de desmentir-lhe a obra.

São Francisco de Assis, em certas ocasiões, chegava a rolar sobre espinheiros, flagelando-se de maneira voluntária, para não oferecer sintonia aos espíritos que o tentavam! (78)

Referência a um livro psicografado por João Nunes Maia, onde é afirmado que Francisco de Assis, para fugir à tentação do sexo, lançava-se sobre espinheiros, ferindo sua genitália. Se Francisco de Assis precisava fazer isso, onde estava a sua força mental?



Análise do livro "Mensagens do Astral"

Médium: Hercílio Maes

Através do médium Hercílio Maes, o Espírito Ramatis escreveu várias obras que seriam úteis para um melhor conhecimento do Mundo Espiritual e da passagem de Jesus pela Terra, não fossem determinadas revelações e profecias. Essas obras se desenvolvem em forma de perguntas e respostas, estas desnecessariamente longas, se comparadas com a objetividade com que Emmanuel respondeu as perguntas contidas em "O Consolador". Para melhor compreensão, veja-se em "O Livro dos Espíritos", 2ª Parte, cap. I, item 104, que trata de "Espíritos pseudo-sábios".

Se, à época em que essas obras surgiram, já pareciam fantasiosas, o que dizer agora, com o não-cumprimento das profecias nelas contidas?

Na obra "Mensagens do Astral", é afirmada a existência de um *planeta visitante*, que deveria *sugar* os Espíritos que não mais permaneceriam na Terra, mediante uma aproximação física, que deveria provocar a verticalização do eixo da Terra.

Em "A Gênese" (cap. XVII, item 63), e em "A Caminho da Luz" (cap. III), há o relato do exílio de Espíritos rebeldes, que perturbavam o progresso de um planeta do Sistema Cabra ou

Capela. Esses Espíritos foram encaminhados aqui para a Terra, há muitos milênios. Não há nenhuma notícia que a Terra se tenha deslocado para lá, a fim de "sugar" esses Espíritos. Entretanto, qualquer pessoa que tenha estudado a Doutrina Espírita sabe que há uma transmigração contínua de Espíritos no Universo, sem que haja necessidade de os planetas se deslocarem, a fim de recebê-los. São os Espíritos que se mudam – ou são mudados – e não os planetas que se deslocam à semelhança de ônibus ou aviões a buscarem passageiros. Há, ainda, no livro referências a um "sugamento" a ser efetivado por esse planeta. Comentando isso, o Chico, jocosamente, o intitulou "planeta chupão"...

Analisemos algumas afirmativas de Ramatis, à luz da Ciência e da Doutrina Espírita:

"A verticalização, quando for percebida, será incondicionalmente atribuída à periodicidade espontânea dos movimentos naturais do orbe. Dificilmente a vossa ciência haverá de aceitar a "absurda" notícia da aproximação de um planeta desconhecido nas cartas astronômicas."

"A partir do próximo ano de 1950, manifestar-se-á, junto à aura da Terra a primeira vibração sensível desse astro intruso, mas ainda de maneira profundamente magnética; será uma expansão endógena, isto é, de dentro para fora; uma ação astro-etérea pois, na realidade, o fenômeno terá início na esfera interior do vosso orbe. A princípio, dar-se-á um acasalamento de forças íntimas da Terra com as energias agressivas e primárias do planeta visitante, por cujo motivo os cientistas – que estão na dependência de instrumentos materiais – só poderão assinalar o fenômeno quando ele aflorar à superfície dos cinco sentidos humanos." (pág. 81)

Qualquer pessoa dotada de um mínimo de bom-senso refutará essa afirmativa, pois sabemos que a lua, que é 49 vezes menor do que a Terra, quando se aproxima um pouco provoca o fenômeno das marés. Imaginemos então o que produziria a aproximação de

um astro 3.200 vezes maior do que a Terra! Haveria uma perturbação geral no Sistema Solar. Esses argumentos serviriam para rebater as afirmativas perturbadoras de Ramatis à época em que o livro foi publicado, porque hoje os argumentos contrários são outros, de vez que nada disso aconteceu! Todas as suas profecias foram desmentidas com o passar do tempo!

“A fase mais intensa da modificação física situar-se-á entre os anos de 1982 e 1992, e os efeitos catastróficos se farão sentir até o ano de 1999, pois o advento do terceiro milênio será sob os escombros que, em todas as latitudes geográficas, revelarão o maior ou menor efeito dos “fins dos tempos”. Daqui a mais alguns anos, os vossos geofísicos anunciarão, apreensivos, a verdade insofismável: – O eixo da Terra está se verticalizando!!!” (pág. 81).

Nenhum geofísico se pronunciou até agora – passados quase 60 anos dessas absurdas predições, que atemorizaram tanta gente à época e, que infelizmente, ainda encantam encarnados que se recusam ver a verdade, raciocinar e rejeitar esses absurdos. É realmente de estarrecer que ainda existam grupos que se dizem espíritas e tenham esse Espírito como guia ou mentor. Que houvesse aqueles que se encantaram com suas “revelações”, àquela época, é até admissível. Mas, agora, depois de passado todo o tempo previsto, sem que suas predições se tenham concretizado, e pessoas continuem a se organizar em torno desse Espírito, isso só pode ser explicado como um processo de fascinação.

A ser verdade a “profecia” abaixo, a população da Terra, agora, deveria estar reduzida a um terço:

“Até o final deste século, libertar-se-ão da matéria dois terços da humanidade, através de comoções sísmicas, inundações, maremotos, furacões, terremotos, catástrofes, hecatombes, guerras e epidemias estranhas.” (pág. 190).

Para explicar tanto absurdo, só o velho adágio: “O falso tem mais brilho do que o verdadeiro.” Será que essas pessoas que se apoiam em Ramatis, dizendo-se espíritas, já estudaram a Codificação? Será que conhecem Kardec?

E não é só esta obra de Ramatis passível de refutação. Todos os seus livros contém absurdos, escritos de forma pomposa, em linguagem pretensamente erudita, numa verbosidade impressionante, bem própria dos Espíritos pseudo sábios, conforme classificação de Kardec.

Ramatis afirmou que o planeta intruso é 3.200 vezes maior do que a Terra. Ao ser-lhe apresentada contestação da parte de alguns encarnados, com base nas perturbações que ocorreriam no Sistema Solar diante da sua aproximação, responde:

“É que ao captardes o nosso pensamento confundistes o volume áurico do planeta com o seu volume material. Esse volume 3.200 vezes maior do que a Terra não é referente à massa rígida daquele orbe, cujo núcleo resfriado é um pouco maior que a crosta terráquea. Estamos tratando do seu campo radiante e radioativo, que é o acontecimento principal de todos os acontecimentos no “fim dos tempos”. É o volume do seu conteúdo energético, inacessível à percepção da instrumentação astronômica terrestre, mas conhecido e fotografado pelos observatórios de Marte, de Júpiter e de Saturno, cujas cartas sidérias registram principalmente a natureza e o volume das auras dos mundos observados.” (pág. 228)

“Verdadeiramente, o astro intruso é maior do que a Terra, em seu núcleo rígido ou a sua matéria resfriada, mas não há correspondência aritmética entre os núcleos e auras de ambos. O volume etérico do primeiro é mais extenso ou expansivo, porque também é mais radioativo, no sentido de energia degradada, e mais radiante no sentido de interceptação de energia pura ou livre. Embora seja um mundo oriundo da “massa virgem” do Cosmo, com que também se forjou o globo terrestre, ele se situa como um tipo especial a parte, comparado ao vosso orbe e que variou desde o tempo de coesão molecular, resfriamento, volume e distância com que circunavega no seu campo constelatório.” (pág. 229)

A respeito de Jesus, há afirmativas que merecem destaque pelo absurdo gritante:

“Sob a inspiração e pedagogia dos Essênios amigos da família e que reconheciam em Jesus um homem incomum, ele desenvolveu suas forças ocultas sob rigorosa disciplina e aprendizado terapêutico pois, embora curando até pela sua simples presença junto aos enfermos, não podia tangenciar as leis naturais que determinam as direções, intensificações e dispersões fluídicas. (...) Submisso e fiel ao mecanismo natural da vida humana criada por Deus, sabia curar com a simples imposição de mãos, como aprendera com os Essênios, e usava uma terapêutica afim com o seu tipo psico-físico e temperamento espiritual.” (pág. 458)

Só para exemplificar o falar do pseudo sábio, verifique-se o que quer ele dizer com a frase: **“não podia tangenciar as leis naturais que determinam as direções, intensificações e dispersões fluídicas”**.

Além do mais, se agia **“curando até pela sua simples presença junto aos enfermos”**, por que precisaria ir aprender alguma coisa com os essênios?

Dando cores próprias, Ramatis repetiu afirmativas que já haviam sido feitas sobre uma pretensa preparação de Jesus, entre os Essênios, para o cumprimento de sua missão. Onze anos antes, Emmanuel, na obra citada, no cap. 12, contesta de forma clara e veemente a frequência do Mestre, como discípulo, em qualquer grupo religioso:

“Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas

essências, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.”

Diante dessa clara afirmativa de Emmanuel, será que ainda merecem fé essas afirmativas de Ramatis? Mas, sua ânsia de mostrar-se um arauto da Espiritualidade fica mais evidente com a seguinte “revelação”:

“Já que quereis saber a verdade, dir-vos-emos que o corpo de Jesus foi transferido, altas horas da noite, por Pedro e José de Arimateia, para um jazigo de propriedade deste último, que era devotadíssimo ao Mestre, e que, assim, evitavam que os sacerdotes incentivassem os fanáticos a depredarem o túmulo do Messias, a quem não queriam reconhecer como líder espiritual.” (pág. 419)



Análise do livro "A Escada de Jacó"

Médium: Carlos A. Baccelli

O livro, à semelhança de todos os outros recebidos por Baccelli, tem forma impecável quanto à língua portuguesa, não se detectando nem mesmo erros de digitação.

Mas, o seu conteúdo apresenta pontos que merecem atenção especial do leitor realmente interessado em informações consentâneas com a Doutrina Espírita.

Em nosso trabalho, transcreveremos os trechos que nos chamaram mais a atenção, *em itálico*, fazendo em seguida os comentários:

"Excetuando a mim, evidentemente, eu não sei o que seria dos homens na Terra sem a abnegação dos anônimos seareiros da Espiritualidade, sem uma mãe ou um pai ou um irmão que vença a barreira das dimensões diferentes e volte para estender as mãos aos que prosseguem lutando na retaguarda! Sinceramente, eu não sei o que haveria de ser dos próprios espíritas sem o estímulo dos companheiros que

já realizaram a Grande Travessia!...”(21)

Para que esses *anônimos seareiros da Espiritualidade* possam comunicar-se é necessário que seja por via mediúnica. Mas como poderá haver comunicação confiável, se ele próprio já fez as seguintes acusações aos médiuns do Sanatório que dirigiu, conforme relata na sua obra “Do Outro lado do Espelho”?: – **O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só *deixa passar* o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinquenta anos... (159 / 160) – Nós, os consideramos mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!... (160)**

“... poucos são os medianeiros com os quais, efetivamente, podemos contar no serviço de esclarecimento: a maioria trabalha atendendo aos próprios interesses e às suas ambições pessoais.” (19 - 20)

O ataque aos médiuns tem sido uma constante nas obras do Dr. Inácio Ferreira. Já que esse Espírito quer alertar, por que fica só na crítica? Por que não faz como André Luiz que nos mandou advertências mas também orientações? Algumas obras tratam especificamente de mediunidade, como: “Desobsessão”, “Nos Domínios da Mediunidade”, além de outras, onde há referências, sempre no sentido de orientar e não simplesmente criticar. Limitamos nosso comentário às obras recebidas por Chico Xavier, por ser ele o único médium a que o Dr. Inácio se refere.

“Mesmo dentre os que residem em nossas cidades de

além-túmulo raros os que revelam certa preocupação com o futuro: continuam vivendo como se quase nada se lhes tivesse alterado ao redor e pouco se interessam pelo que ficou para trás, inclusive suas relações de afeto. Pode lhes parecer estranho o que dizemos, mas assim é: em muitos espíritos, a morte do corpo só faz acentuar a indiferença de seus sentimentos.”(21)

Essa afirmativa contraria frontalmente o que ensinam os Espíritos através de outros médiuns, a começar por Francisco Cândido Xavier. As obras de André Luiz mostram exatamente o contrário: o trabalho que deve ser feito com os recém-desencarnados, no sentido de que não voltem imediatamente aos locais onde passaram seus dias e também que adiem o encontro com familiares e outras afeições.

“Eu já me havia habituado a circular por ali e, portanto, o fazia sem qualquer receio, mesmo quando o Manoel Roberto ou um outro auxiliar não me estivesse acompanhando.”(22)

Será que haveria o perigo de ataque da parte de algum interno? Ou será que o Dr. Inácio busca pôr em relevo a sua coragem, como sempre o faz? Em “Nosso Lar”, aprendemos que os Espíritos desequilibrados, recolhidos às Câmaras de Retificação, ficam em suas enfermarias, não se registrando casos de risco para alguém que circule pelos corredores. Alguém poderá argumentar, dizendo que os internados em Nosso Lar são menos agressivos, mas, nesse caso, os pacientes do Dr. Inácio deveriam – por questão de bom-senso e ordem, sempre presentes em instituições organizadas no Bem – ficar confinados, de modo a não oferecerem risco a ninguém, nem obrigarem os médicos a se fazerem acompanhar de guarda-costas.

“O silêncio era quase total, só interrompido pelo serviço de enfermagem que velava pelos internos da instituição que eu fora chamado a dirigir.” (22)

Não só nesta obra, mas também em outras, nota-se o desejo claro de mostrar-se sempre como dirigente, embora, noutras ocasiões, aparente modéstia.

“Comigo nunca precisará se desculpar; o senhor é um dos poucos que me inspiram respeito e em cuja presença me sinto aliviado..” (23)

“ — Nunca manteve com alguém um diálogo assim; não me julgava capaz... Eu vivia me escondendo, a sós com minhas vozes e visões...” (29)

"Ora, Inácio – respondeu-me com intimidade –, eu jamais me aborreceria com você. Afinal, o seu coração não tem tamanho!... Sei que você sempre age levado pelo impulso de ajuda. (262)

Ao longo do livro, o Autor transcreve sempre referências elogiosas à sua pessoa.

"Acordando mal-humorado, respondi ao cumprimento de Manoel Roberto com um simples muxoxo e fui direto para o meu gabinete." (30)

É difícil crer que alguém que foi colocado por Eurípedes Barsanulfo à frente de um hospital psiquiátrico no Mundo Espiritual ainda tenha crises de mau-humor.

“ — Pior que isso, Manoel – creio que o Odilon concordará –, é quando nos desfiguram os comunicados... Infelizmente, eu já tive que deixar médium falando sozinho! Muitos, à minha revelia, colocaram palavras nos meus lábios...” (42 - 43)

O trabalho, ora sutil, ora escancarado de desacreditar a mediunidade é facilmente detectável. Em todas as obras, o Dr. Inácio ataca os médiuns. É de se observar o subsídio que esse Autor fornece àqueles que procuram desacreditar o fenômeno mediúnico. Se um Espírito esclarecido, a ponto de ser diretor de um hospital no Mundo Maior, não é capaz de verificar, antecipadamente, através de que categoria de médium vai comunicar-se, sendo compelido a

deixar sua mensagem a meio...

" — Concordo em gênero, número e grau – afirmei, não contendo a própria indignação." (61)

" —A pretexto de se lutar contra o terrorismo internacional – opinei indignado –, mais uma guerra que o homem trava em nome de Deus; hegemonia política, fanatismo religioso..." (63)

Onde a serenidade de um diretor de hospital psiquiátrico? Sempre indignado!

"Talvez os nossos companheiros no corpo estranhem, mas o fato é que nem todos os espíritos que nos rondam a instituição se revelam em condições de serem amparados por nós, sendo que muitos simplesmente recusam se internarem em um nosocômio de orientação espírita; o preconceito e o fanatismo, como tantas outras mazelas do ser humano, igualmente sobrevivem à morte e prosseguem lhes travando o progresso..." (69 - 70)

Causa estranheza a localização desse hospital, que parece não estar situado numa colônia espiritual, mas em plena zona de sofrimento, como unidade isolada, com espíritos desequilibrados a rondá-lo. É estranho, também, o fato de ser um hospital espírita. Quais as características que o distinguiriam de outros hospitais citados na literatura mediúnica de vários autores? Sabemos que há comunidades sectárias, que assim permanecem exatamente pela falta dos esclarecimentos que a Doutrina Espírita propicia à criatura, alargando-lhe os conceitos de filiação a um único Deus e, conseqüentemente, ampliando-lhe os horizontes de fraternidade.

Teria Eurípedes Barsanulfo fundado um hospital rotulado sectariamente de espírita, a ponto de se tornar conhecido até em zonas inferiores?

"Aos poucos, fui acompanhando meu declínio físico e intelectual... O enfisema pulmonar crônico me fazia esperar

pela morte todos os dias; de forma que, de maneira providencial, gradualmente fui me desapegando de tudo, inclusive do corpo desfigurado pelo tempo.”(83)

Como conciliar esse desapego acima citado com o que o mesmo Espírito disse na obra “Na Próxima Dimensão”? (12):

"Ainda lutando para me adequar à nova realidade, quando vi que a minha biblioteca estava sendo desfeita – o recanto em que eu passava a maior parte do meu tempo ocioso –, provoquei um encontro espiritual com Chico Xavier e, por via mediúnica, solicitei àquela que fora minha esposa no mundo que não continuasse dispersando meus livros: eu ainda necessitava deles, não para compulsá-los, mas é que, depois de perder o corpo, a sensação de perda que nos acomete é muito grande, para que nos conformemos em perder mais alguma coisa."

Diante de tal afirmativa, fizemos, quando analisamos o livro citado, o seguinte comentário: **É estranho, também, o fato de um Espírito em quem seria natural presumir-se equilíbrio e desapego, ter acesso à mediunidade e ter ocupado o tempo de Chico Xavier para dar um recado de sua preocupação com a biblioteca que deixara na Terra. Estava no Mundo Espiritual ou ficara agarrado às coisas materiais? Note-se que se trata de um psiquiatra que estudou Espiritismo durante décadas.**

E isso na boca de alguém que se diz diretor de hospital psiquiátrico situado no Mundo Maior!

" — Para aparecer alguém e colocar tudo a perder, não é, Modesta? Eu não sei o que o Odilon tem a dizer, mas, no que me compete, eu o mandaria às favas... O Espiritismo não tem dono e a mediunidade também não! Se, na condição de espírita, eu tivesse que prestar obediência a alguém, eu não seria espírita! Vocês me conhecem, e neste ponto, sou radical."(94)

Observe-se o palavreado pouco próprio de quem se diz um Trabalhador do Bem. Assemelha-se mais à fanfarronice própria daque-

les que não procuram cultivar a sobriedade, sobriedade que deve ser a marca distintiva das palavras de um médico de almas. Pelo contrário, temos lições claras de incitação à rebeldia. Será que esse Espírito não vê diferença entre obediência empregado/patrão e a disciplina necessária a ser vivenciada entre dois irmãos que trabalham na seara do Cristo, onde um orienta e o outro deve seguir-lhe as recomendações, a fim de que o trabalho se desenvolva com eficiência?

"O espírito obsessor a gente sabe que é obsessor; o adversário da Causa a gente sabe que é adversário; mas o espírito que, a pretexto de defender a pureza doutrinária, é um lobo em pele de cordeiro... Por esse motivo é que eu não aceitava ingerência no Sanatório; se tivesse fraquejado, eles não teriam esperado que desencarnasse, a fim de me colocarem para fora!..." (95)

O Dr. Inácio aqui está advogando em causa própria, pois as suas obras atuais não resistiriam a um exame de Kardec. É fácil acusar de *lobo em pele de cordeiro* aqueles que lhe analisam a obra. Esse Espírito não aceita, de forma alguma, que alguém avalie o que ele escreve, nem como escreve. Recrimina qualquer apreciação que lhe seja desfavorável, em ataques em que, quase sempre generaliza.

"— A verdade é que todos ainda não passamos de um bando de insanos – esta é a minha opinião. — À custa de censurar os outros, apontando-lhes os erros e mazelas, disputamos a Preferência Divina, querendo, a qualquer preço, chegar primeiro ao ponto que nos compete: agimos quais se fôssemos "espermatozoides pensantes", em disputa para, finalmente, alcançar o "óvulo" e fecundá-lo. Que morram os demais! Não são problema nosso! Não procuramos, aos olhos de Deus, nos destacar pelo próprio valor, mas, sim, desmerecendo os "concorrentes"; somos filhos tão personalistas, que queremos o colo do Pai só para nós, mesmo que,

para tanto, tenhamos que atentar contra o direito dos nossos irmãos...”(96)

Começando por essa comparação esdrúxula, o Dr. Inácio faz um discurso pessimista, doentio, altamente destrutivo, no qual ele falsamente se inclui, querendo mostrar que os espíritas estão a se combaterem numa luta pela conquista de um céu fácil. Se os espíritas agissem assim, o Espiritismo não teria conquistado o espaço que tem, nem o respeito da sociedade brasileira. Esse Espírito faz questão de ignorar o quanto os espíritas têm feito, apesar de alguns derrotistas como ele. É visão equivocada de quem não quer ver o imenso número daqueles que se entregam, com abnegação e denodo, ao trabalho de evangelização de crianças, de jovens e de adultos, conquistando, pela seriedade e segurança de seu trabalho, cada vez mais a admiração da sociedade. Não quer ver o imenso trabalho de assistência a necessitados, do corpo e da alma, que é desenvolvido pelos espíritas.

“Espiritualmente, americanos e ingleses estarão sendo amparados? Contam com a retaguarda dos espíritos que lhes são afins?”(121)

Será que o Autor não leu a obra “Os Mensageiros” que, no capítulo 18, revela o trabalho de amparo espiritual propiciado indiscriminadamente aos combatentes desencarnados?

“— Acusam-me de “humanizar” em excesso os espíritos, mas, se existe, a diferença entre espírito e matéria é tão tênue... Para onde olho, eu só vejo matéria! Para mim, inclusive, Deus é matéria!”(124)

Vê-se, aí, o desejo de confundir, ao tratar de maneira tão leviana um assunto que foi discutido com seriedade pelo Codificador.

Além disso, nunca se viu na literatura mediúnica, um Espírito usar tanto as páginas de um livro para defender-se daquilo que chama de acusações. No livro “Fala, Dr. Inácio!” (80), queixou-se de um espírita que contou as 25 vezes em que ele se referiu ao cigar-

ro: "**— Outro chegou a contar o número de vezes que, em "Sob as Cinzas do Tempo", se refere ao cigarro..."**

Corpos dilacerados voaram a grande distância e, então, um fato inesperado aconteceu: o espírito de uma juvenzinha, não aparentando mais que treze anos de idade, com o abalo da explosão teve, instantaneamente, as faculdades psíquicas dilatadas e pôde ver-nos com nitidez. A sua casa fizera-se em pedaços e os seus familiares simplesmente haviam desaparecido na poeira...

Fixando-se em Odilon que, com certeza, de nós quatro fora quem mais lhe chamara a atenção, a adolescente, trêmula e em pranto convulsivo, correu em sua direção e se lhe atirou aos braços paternais, enlaçando-se-lhe ao pescoço.
(181)

A cena acima se passa numa região de conflito no Iraque. É de se estranhar que um Espírito, subitamente libertado do corpo físico por efeito de uma explosão, já goze de tanta desenvoltura e lucidez. E o cordão fluídico, que só foi cortado horas após a desencarnação, no caso de Dimas e Fábio, em *Obreiros da Vida Eterna*; de Jacó, em *Voltei*; de Otilia, em *Além da Morte*; e dos cinco jovens acidentados em *Nas Fronteiras da Loucura* ? Poder-se-ia argumentar dizendo que isso não seria impossível para um Espírito altamente evoluído. Mas, um outro argumento se impõe: será que um Espírito de tal elevação, a ponto de não sofrer os efeitos de uma desencarnação violentíssima, iria procurar, como criança indefesa, abrigo nos braços do Dr. Odilon? Estaria essa juvenzinha mais preparada para a desencarnação do que Paulo? É interessante compararmos a situação do Apóstolo com a da jovem Jamile, logo após o golpe mortal: "*O valoroso discípulo do Evangelho sentia a angústia das derradeiras repercussões físicas; mas, aos poucos, experimentava uma sensação branda de alívio reparador. Mãos carinhosas e solícitas pareciam tocá-lo de leve, como se arrancassem, tão só nesse contato divino, as terríveis impressões dos seus amargurosos padecimentos. (...) Tentou levantar-se, abrir os olhos, identificar a paisagem. Im-*

possível! Sentia-se fraco, qual convalescente de moléstia prolongada e gravíssima.” Paulo e Estêvão (549).

“A cena era comovedora e, confesso, não consegui conter as lágrimas, que escorreram silenciosas, pelo meu rosto coberto de pó.” (181)

Como é que um Espírito desencarnado fica com o rosto coberto de pó?

“— Qual é o seu nome, minha filha? – perguntou Odilon, com inexcusável ternura.

— Jamile, meu nome é Jamile, senhor! Por favor, não deixem que os soldados me peguem!... Eu morava com minha mãe, minha avó e um irmão menor; o meu pai foi morto antes de a guerra começar... Eu não tenho mais ninguém, por favor, leve-me daqui!...” (182)

Não há nenhuma indicação, na obra, de que a equipe falava árabe, ou algum dialeto daquela região. Como conciliar essa facilidade de comunicação, diante do relato do socorro a desencarnados em campos de batalha, contido no livro “Os Mensageiros”? Pela palavra de Alfredo, fica-se sabendo que no socorro, nesses casos, **“para cada grupo de cinquenta infelizes, as colônias do Velho Mundo fornecem um enfermeiro-instrutor, com quem nos possamos entender, de modo direto.” (99)** No livro “Esperanto como Revelação”, lê-se: **“Na esfera imediata à moradia humana, porém, o problema da linguagem é daqueles que mais nos afligem o senso íntimo. Ainda aqui, aos milhões, não obstante se nos descerrem horizontes renovadores, achamo-nos separados pela barreira linguística.” (134)** E na obra “Voltei”, Jacob, chegando à Califórnia, onde visitaria Thomas Edison, diz: **“Passei a usar o inglês para melhor entender-me.” (136)**

“— Doutor, não me deixe morrer! O que houve com os meus braços, que não consigo senti-los? Onde estão o meu

pai e a minha mãe, a minha avó e os meus primos? Está doendo muito, Doutor!...”(186)

O menino, sem os dois braços e com o corpo queimado, conseguia vê-lo e saber que se tratava de um “Doutor”, e ainda se comunicava com ele... Mas em que língua?

“A uns duzentos metros do local, um camelo atingido por tiros de metralhadora agonizava e observei que, de sua boca e narinas, escorria uma substância esbranquiçada.

— O “plasma” daquele pobre animal nos servirá. Teça com ele uma espécie de manta... Não temos tempo a perder!”(186)

O Dr. Inácio fez esse pedido a um companheiro de equipe, e continuou ouvindo o menino:

“— Doutor – voltou a falar-me o menino, cujo espírito eu podia ver quase a destacar-se do organismo físico em lastimável condição – , onde estão os meus braços? Eu queria ser médico como o senhor, mas... e agora? O que farei sem minhas mãos?”(187)

É impressionante que uma criança que teve os dois braços arrancados por uma explosão, e está se esvaindo em sangue, possa falar com tanta tranquilidade e ainda comentar os planos que tinha para o futuro... Ainda mais com um Espírito desencarnado... Seria o menino médium vidente, ou estaria o Dr. Inácio materializado?

“Eu dialogava com o garoto, procurando mantê-lo consciente, até que Manoel Roberto retornasse e o socorro de uma equipe médica nas imediações o conduzisse a um dos poucos hospitais que haviam ficado de pé em Bagdá!

— Eis, doutor, o que pude fazer – disse-me o amigo, estendendo-me uma manta de gaze tenuíssima, com a qual envolvi o corpo de Ismail, também com o propósito de aquecê-lo.”(187)

No livro “Missionários da Luz”, aprendemos que, nos matadouros, espíritos infelizes “sugam as forças do plasma sanguíneo dos

animais.” (135) Entretanto, seria de perguntar: se esse recurso é viável, por que os Espíritos, trabalhadores do Bem, não se valem dele para socorro aos encarnados no trabalho regular que fazem a benefício de encarnados?

“Acompanhando meu pequeno paciente até ao veículo à guisa de ambulância, depusitei em sua frente o meu ósculo paternal e não consegui conter as lágrimas, que viraram lama ao se confundirem com o pó!” (188)

Novamente, o corpo espiritual do Dr. Inácio sendo empoeirado pela matéria física...

“Nesse instante, Aldroaldo, que se conservava ao lado de Odilon, se aproximou e disse-me que precisávamos partir; não nos convinha permanecer por mais tempo, pois a onda de saques que começava na capital iraquiana dava ensejo a que outras entidades que, até então, se mantinham escondidas, entrassem em cena, ameaçando-nos a segurança.” (188)

Como é que pode uma equipe que trabalha no Bem temer Espíritos infelizes? Não aprendemos, em dezenas de obras mediúnicas, que os Espíritos inferiores não veem aqueles que lhes são superiores, a não ser quando estes desejam ser vistos?

“— A questão, meus amigos – ponderou Odilon –, começa com o descaso dos dirigentes espíritas no que se refere à evangelização infanto-juvenil; as nossas crianças e adolescentes não têm o incentivo de frequentar a casa espírita e, conseqüentemente, não são educados à luz da Doutrina... Os evangelizadores não têm o apoio de que necessitam para levarem adiante a sublime empreitada.” (215)

Realmente, é muito pouca a ênfase dada ao trabalho de evangelização da infância e da juventude, da parte de muitos centros. Mas, a FEB e as Organizações Estaduais e Municipais têm programas para o trabalho. Há, sim, necessidade de um despertamento

maior da parte dos Centros Espíritas. Entretanto, o ataque acima é generalizado, o que não é justo...

"Valendo-me do tumulto que se estabelecera no salão da boate, começamos a nos afastar, todavia, vendo um toco de cigarro aceso no chão, apanhei-o e, pedindo a Deus que me perdoasse, sendo o último da fila, retrocedi, sem que os amigos percebessem e, confesso, não resisti à tentação: adentrei o recinto do laboratório instalado no interior da caverna e, com um bastão, derrubei todos os líquidos de natureza inflamável de sobre a mesa, que escorreram em direção a diversas caixas ali depositadas, soprei, para avivar a brasa do guimba de cigarro que recolhera e, sem pensar duas vezes, lancei-o sobre aquela mistura diabólica e, em fração de segundo, o fogaréu se fez, espalhando-se com rapidez..." (254)

Esse, o desfecho da visita feita por uma equipe de Espíritos, guiados por um ex-policia, a uma região das Trevas. (caps. 32 e 33) Se se tratava de simples observação – e o incêndio do Dr. Inácio não estava no programa – por que não se valeram da condição de invisibilidade própria dos Espíritos trabalhadores na seara do Bem, conforme se lê em várias ocasiões em obras de André Luiz?

Qual o proveito dessas descrições minuciosas de zonas de desequilíbrio? Parece que essa onda de terrorismo via mediúnica começou com o livro "O Abismo", de Rafael Américo Ranieri, que relata, ao longo da obra toda, zonas tenebrosas, com minúcias completamente desnecessárias, numa ânsia doentia, criando quadros negativos nas mentes fracas, ao invés de dar ensinamentos proveitosos.

No livro "Libertação" (54), há o relato de uma visita de Gúbio e André Luiz a uma região semelhante a essa que o grupo em questão teria visitado, mas Gúbio e André Luiz tiveram uma finalidade além da simples observação, qual seja a de entrar em contato com Gregório, objetivando um trabalho aqui na face da Terra. Como eles tinham necessidade de conversar com esse Espírito, fizeram-se visí-

veis, através de um processo, incômodo e relativamente demorado, de adensamento do corpo espiritual.

Pasmem comigo os prezados leitores, mas o fato é que, em determinado local, fomos abordados por um homem alto, de chapéu na cabeça e surrado sobretudo, que, aproximando-se, puxou conversa e quis negociar – é isto mesmo o que vocês estão lendo – quis negociar a nossa reencarnação, dizendo-nos:

— Posso conseguir para vocês o que pretendem... Conheço toda a gente que mora nas imediações e, talvez, se fizerem questão, os dois podem ir juntos... O meu preço é razoável: se puderem pagar e não forem exigentes em demasia... Hoje, com a disseminação do hábito de beber e do uso de drogas por parte dos jovens, coisas assim ficaram mais fáceis de se obter. O que vocês têm para me dar em troca? Deixarão para trás algum bem que lhes pertença?" (271 – 272)

Estavam, o Dr. Odilon e o Dr. Inácio, providenciando a reencarnação de um matador impenitente que estava internado no hospital, quando encontraram essa estranha criatura acima descrita. Será que reencarnações podem ocorrer desse modo? Espírito desocupado, agindo à margem da Lei, poderia oferecer reencarnação, como se estivesse ao seu alvitre, como um agenciador?

Além do mais, por que dois Espíritos ligados à psiquiatria estariam encarregados de promover a reencarnação de um Espírito, quando se sabe que há trabalhadores especializados em reencarnações?

"Não tivemos que esperar muito. Curtindo tremenda ressaca, o casal se despiu dos trajes mais íntimos e, com certeza, o resto os nossos irmãos nos dispensarão de relatar. Digo-lhes somente que fiquei sem entender quando, após terem atingido o orgasmo, Flávio foi praticamente sugado dos meus braços e, como se o perispírito ainda mais se lhe res-

tringisse, atravessando a barreira das dimensões diferentes, encolheu-se feito um filhote de pássaro no ninho.” (282)

No livro “Missionários da Luz” (207), o instrutor Alexandre, diante da preocupação de André Luiz quanto à possível violação da intimidade do casal, diz o seguinte: “Não é necessária nossa presença ao ato de união celular. Semelhantes momentos do tálamo conjugal são sublimes e invioláveis nos lares em bases retas. Você sabe que a fecundação do óvulo materno somente se verifica algumas horas depois da união genésica. O elemento masculino deve fazer extensa viagem, antes de atingir o seu objetivo.”

Seria lícita a presença dos dois Espíritos no momento íntimo do casal? Poder-se-ia argumentar, dizendo que não constituíam um lar *em bases retas*, mas, por isso, dois trabalhadores do Bem iriam se prevalecer dessa condição de inferioridade moral dos dois para violar-lhes a intimidade? Será que a ética varia de acordo com o nível moral do ambiente ou da pessoa com a qual se interage, ou ela deve ser absolutamente invariável nas almas bem formadas?



Análise do livro "A Vida Viaja na Luz"

Médium: Carlos A. Baccelli

Ao longo desta análise, deveriam ser colocados entre aspas os nomes dos Espíritos citados, pelo fato de suas palavras e atitudes não nos convencerem da identidade a eles atribuída. Entretanto, para facilitar a redação deste texto, deixamos de fazê-lo.

Os textos do livro serão transcritos em negrito, as páginas, entre parênteses.

Esse Espírito, que se fez passar pelo Dr. Inácio Ferreira, depois de achincalhar a mediunidade, de atacar os espíritas, de inventar materialização a partir de ectoplasma haurido de um cadáver de um bêbado, de inventar reencarnação no Mundo Espiritual, de usar uma linguagem absolutamente incompatível com a sobriedade, a dignidade e a nobreza da Doutrina Espírita, agora coloca-se, em linguajar bem mais moderado, como defensor do Chico, esquecido de que no livro "Chico Xavier Responde" colocou na boca do médium desencarnado uma clara defesa ao aborto.

Se esse Espírito fosse realmente o ilustre Dr. Inácio Ferreira, deveria valorizar a obra do médium Chico Xavier,

estudando e desdobrando as teses apresentadas por André Luiz, que se apresentam como um complemento da Codificação. Mas, numa tentativa de valorizar o trabalho equivocado do médium que lhe serve de instrumento, primeiro defende a tese de que Chico Xavier foi Kardec, e agora apresenta Baccelli como médium de Chico, logo, do próprio Kardec, que estaria voltando para completar a Codificação.

– Mas ninguém pode querer impor silêncio ao Chico! - , exclamou, indignado, o fiel amigo.

– É uma tentativa de lançar ao descrédito toda a mensagem dele, *via mediúnica*. Veja: contestam alguns livros de sua lavra psicográfica – tendo o visível intuito de que não sejam admitidos por complemento da Codificação... **(22)**

Quem estuda a obra de André Luiz tem uma visão clara de como se organiza a vida no Mundo Espiritual. O Dr. Inácio nunca se refere à bela organização delineada na comunidade “Nosso Lar” e noutras colônias, em que são ressaltados os valores espirituais, a vivência evangélica, a ordem, a seriedade, o merecimento, a obediência.

– No outro dia, bem cedo, na companhia de Modesta e Manoel Roberto, fui ver, nas imediações do Hospital, uma chácara que conseguíramos em regime de comodato, para a realização de velho sonho. **(25)**

– O Hospital dos médiuns será a instituição mantenedora da Sociedade Protetora dos Animais “Francisco de Assis”!

– Uma Sociedade Protetora dos Animais no Além! **(27)**

– O Hospital dos Médiuns, do ponto de vista jurídico, responderá pela Sociedade “Francisco de Assis”. **(30)**

O Dr. Inácio, em seu consultório, encontrou sobre sua mesa uma carta *confidencial* de Chico Xavier, como se houvesse lá um serviço postal. (33/35)

Essa, uma das inúmeras tentativas que faz no sentido de tornar a vida espiritual semelhante à vivida na Terra, numa tentativa clara de minimizar as revelações de André Luiz.

Depois, recebe um homem que havia sido condenado a 200 anos de prisão no Mundo Espiritual, e que havia obtido licença do juiz para uma consulta:

– Jamais poderia supor que, na Vida de Além-Túmulo, a justiça funcionasse como funciona na Terra. Assim que me vi fora do corpo, deram-me voz de prisão e fui para uma penitenciária, onde fiquei aguardando julgamento. **(49)**

Observe-se a continuação do relato do madeireiro desencarnado:

– Conforme lhe disse, assim que me vi fora do corpo – tive oportunidade de ver meu corpo imóvel, caído no banheiro de uma das minhas propriedades -, dois detetives se aproximaram e me perguntaram se eu era o dono daquelas propriedades e da serraria.

– Os detetives pronunciaram o meu nome completo. Noutras circunstâncias, como fugi inúmeras vezes, eu teria fugido, mas... Eu tinha inúmeros contatos na polícia, Doutor! **(50)**

– Conforme lhe disse, deram-me voz de prisão e me algemaram.

– E você foi algemado?

– Conduzido na viatura?

– Levaram-me para o presídio. Tiraram-me as algemas, um médico me examinou e prescreveu alguns medicamentos. Devo ter dormido uns quatro ou cinco dias seguidos... **(51)**

A estória prossegue, dando-nos a impressão de que o Dr. Inácio tornou-se um novelista...

Mais adiante, diz que foi a Uberaba e, tendo materializado um ouvido e um olho (precisaria?), ouviu umas conversas de espíritas e presenciou algumas cenas triviais, cuja descrição, como muitas outras, serve apenas para encher páginas de livros. (58)

Lecionando bons costumes, diz que leu nos jornais (sic) da localidade onde habita:

– Você leu, nos jornais, a lei que foi aprovada recentemente? – Quem for pego jogando papel no chão, ou cuspidando, além de ser multado, será condenado a um mês de serviços comunitários! **(60)**

Difícil de comentar é a afirmativa da possibilidade de

**afogamento seguido de morte na colônia “Nosso Lar”.
Depois da morte, o sepultamento, ou a cremação.**

– Será que, sem saber nadar, se algum de nós cair nas águas do Rio Azul, poderá se afogar e morrer? Doutor, se o corpo espiritual é dotado de sistema pulmonar e tudo mais, se continuamos a inflar os pulmões de oxigênio, a resposta é lógica: sim, poderá se afogar e *morrer!* **(87)**

E não só *morre*, mas é enterrado ou cremado...

– Morre e é enterrado! Vai para o cemitério, ou, como neste Outro Lado, é mais comum, para o forno crematório! **(119)**

Mas como pode haver desencarnação se não há carne? Apesar do absurdo, o Dr. Inácio prossegue no seu raciocínio falacioso, aproveitando para reafirmar sua tese da reencarnação no Mundo Espiritual, partindo de um sofisma criando por ele próprio:

– Minha gente, reflita comigo. Se do Lado de Cá se *morre*, ou seja, desencarna-se, o que impede que também se reencarne?

Paulo, na sua Primeira Carta aos Coríntios (15: 40), faz distinção entre corpo carnal e corpo espiritual, demonstrando que este sobrevive à morte: “E há corpos celestes e corpos terrestres (...)”. Mas, O Dr. Inácio cita a passagem apenas pela metade, tentando confundir o leitor:

– “... também há corpos celestiais”! **(121)**

Continuando na sua campanha de disseminar descontentamento no meio espírita, faz acusações, como se houvesse algum órgão censor:

– Sim. Sob o pretexto, por exemplo, de pureza doutrinária, em substituição à fraternidade, a intolerância vem sendo adotada. Estamos quase a repetir os erros cometidos pela Igreja, no campo da censura às novas ideias com o cerceamento da liberdade de expressão. **(133)**

Logo adiante, o Dr. Odilon afirma justamente o contrário, ou estará fazendo um *mea culpa* em nome do Dr. Inácio e advertindo o seu médium?:

– É sumamente desagradável falarmos, mas os médiuns,

notadamente os psicógrafos, deveriam ser mais comedidos. Nem todo médium nasceu para escrever sob a inspiração dos espíritos. Em consequência, pressionados pelas editoras, os médiuns perdem todo o critério de avaliação quanto ao que se refere à conveniência ou não de se publicar esta ou aquela obra de sua coautoria. **(137)**

No cap. 19, o Dr. Inácio faz uma interpretação curiosa da Parábola do Filho Pródigo, na qual se aventura como teólogo e produz afirmativas como esta, em que nega a encarnação como necessidade evolutiva, quando diz que só depois de o filho ter deixado a casa paterna é que necessitou da reencarnação (será esta uma nova versão da “queda dos anjos?”):

– Em tradução metafísica, deixando o Plano Etéreo, ele reencarna! Mergulha, de cabeça, na experiência da reencarnação! Até então, ele não possuía carma, estava isento! **(158)**

Note-se como é “terreno” o plano espiritual em que o Dr. Inácio se situa:

- Meu caro, por onde é que você andava? – perguntei ao Cássio.
- Por aí, Doutor.
- O que está fazendo agora?
- Lecionando e cuidando da Clínica.
- Você abriu uma clínica por aqui? **(178)**

Na obra “Nosso Lar” há uma observação de Lísias a André Luiz, no sentido de serem evitados comentários que não sejam construtivos. No livro “Fundação Emmanuel”, o Dr Inácio faz referência a um jornal, intitulado “Resenha”, que circularia naquela região, veiculando comentários feitos na Terra. Ao tomar conhecimento de apreciações que lhe foram desagradáveis, o Dr. Inácio dá uma banana aos espíritas que não concordam com suas teses. No livro em estudo, há uma afirmação equivocada, afirmando a existência de imprensa na colônia “Nosso Lar”, o que não é verdade:

– A lembrança de Altiva é interessante, Inácio- falou Modesta -, o pessoal que lê a obra “Nosso Lar” pouco comenta sobre a

Imprensa no Mundo Espiritual. (179)

O Dr. Inácio, sempre diminuindo o valor dos espíritas, e dando-se importância...

– Ultimamente, muitos espíritas recém-desencarnados marcam consulta comigo. Não que estejam propriamente doentes, mas desejam ajustar certas ideias em conflito com a realidade da Vida, ante a qual se deparam na existência de Além-Túmulo. (184)

Esse Espírito, que se diz Dr. Inácio, moderou um tanto os ataques aos espíritas e as piadas que fazia em seus livros anteriores, mas não as deixou de todo, como se vê nesses diálogos que diz ter tido com um espírita recém-desencarnado:

– Você não podia: sorrir era contra a pureza doutrinária! Aliás, para muitos espíritas, fumar é mais contra a pureza da Doutrina do que contra a pureza dos pulmões!

O amigo agora passou a rir sonoramente.

– Eu mesmo, Doutor – ponderou –, já combati muito o hábito de se comer carne... Chego a este Outro Lado e percebo que certos espíritos...

– *Espíritos*, não – homens! – consertei.

– Correto. Percebo que muitos homens estão se desabitando aos poucos... (189)

Prosseguindo a conversa, passou a entrevistar o Espírito:

– Você é espírita?

– Sim, há mais de 40 anos...

– Desencarnou, e daí?

– Não aconteceu absolutamente nada. Estou na mesma

– Não volitou?

– Mal me arrastei e estou me arrastando...

– Come e dorme?

– E bebo água!

– Faz sexo?

– Faço!

– Com o que?

– Doutor, o senhor é louco!

- Responda.
- Com as *coisas*, ué!
- Você é espírito vampiro?
- Não, eu sou normal.
- Então, você faz sexo é com desencarnado?
- É! Pensou o quê? Eu não sou *íncubo*...
- Tem orgasmo?...

Bem, desculpem-me, mas o restante da entrevista é proibido para menores e não quero poluir a cabeça desse nosso pessoal beato, que considera pecado ter orgasmo num só lado da Vida, quanto mais nos Dois! **(190/191)**

Numa entrevista concedida a um jornal (sic) da colônia espiritual onde se encontrava, o Dr. Inácio declara algo inusitado, como o fato de um Espírito desencarnado normalmente não se lembrar de sua última encarnação:

– Se estamos vindo da Terra – de sua contraparte mais materializada –, por que não nos lembramos?

– Pela mesma razão que, ao reencarnar, o espírito não se recorda de onde vem! **(202)**

Imaginemos a confusão que causa em alguém que se está iniciando no Espiritismo, ao ter conhecimento de que um Espírito, que se diz médico e orientador de grupos espirituais, se apresente resfriado, com o nariz escorrendo:

Percebendo que eu estava com o nariz escorrendo, o companheiro me perguntou:

– O senhor se resfriou?

– Não sei – respondi – se é a “suína”, com a qual o pessoal anda preocupado *lá embaixo*, mas estou todo entupido, a cabeça pesada, respirando mal... **(209)**

Em toda a obra de André Luiz não há nem um relato de doença em Espíritos trabalhadores do Bem. O Dr. Inácio apresenta essa novidade.

– Logo pela manhã daquela quinta-feira, depois de me ter afastado do consultório por três dias consecutivos, a fim de me recuperar de um forte resfriado, Nelson compareceu para mais uma

consulta. (227)

A informação abaixo é errada, pois “Nosso Lar” é apenas uma das milhares de cidades espirituais. De fato, não se pode fazer paralelo com a paródia apresentada na obra:

– A referida colônia é uma organização *sui generis* ! Não se tem paralelo a respeito em nenhuma outra obra de cunho espiritualista, transmitida para a Terra mediunicamente. (213)

O capítulo 28 é dedicado a uma crítica ao Movimento Espírita Unificado, e aos espíritas em geral. Depois de muito se queixar do trabalho que tem como Diretor-Médico de um hospital, recusa-se a filiá-lo a uma entidade de unificação existente no Mundo Espiritual. Seu interlocutor, buscando aproximar-se do Dr. Inácio, se declara, também ele, maçom (sic). Imaginando que seu interlocutor falasse em intervenção no hospital, o Dr. Inácio, não perdeu a oportunidade para uma bravata:

– Não é meu receio, porque, primeiro, vocês teriam que passar por cima de mim. Enquanto eu estiver na direção deste nosocômio, exceto Jesus e os Maiores que nos orientam, ninguém se intromete. Nesse sentido, se fosse o caso, não hesitaria em recorrer aos préstimos de um bom advogado! (240)

Parece que o Dr. Inácio quer materializar o Mundo Espiritual a ponto de torná-lo inverossímil... Finalmente, depois de muita conversa, o Dr. Inácio sai-se com esta, como se circulasse dinheiro no Mundo Espiritual:

– Vocês podem contar conosco, inclusive, se for o caso, com dinheiro para as promoções em pauta, mas não nos filiaremos. (243)

E continua com seus ataques à Unificação:

– Quase me arrisquei a dizer que nos moldes com que vem sendo conduzido, o Movimento de Unificação é mais prejudicial do que útil ao Espiritismo. (244)

Usa todo o capítulo 29 para descrever uma conversa informal com a cozinheira do sanatório, o que dá ao leitor ideia de que o hospital está no plano físico... Além do mais,

diz que a cozinheira chegara com a criança pela mão, com fome! Não é isso que se aprende com André Luiz, notadamente nas obras “Entre a Terra e o Ceu” e “Libertação”, relativamente a crianças desencarnadas.

– Lembra-se de como cheguei aqui, trazendo o Benedito pela mão? Medrosa e retraída feito uma cadelinha assustada... O senhor me olhou, brincou com o Benedito, perguntou se estávamos com fome e nos trouxe justamente para cá, a Cozinha – o senhor mesmo fez o prato do Benedito!...

– ... que comeu feito um leão!

– Estávamos com fome, Doutor. A maioria das pessoas não sabe o que é passar fome e chegar escorraçada do mundo... **(260)**

Algo que não encontra explicação no livro é o fato de o Dr. Inácio receber cartas de encarnados e de desencarnados, como essa que ele responde abaixo:

“Confesso que as suas obras muito me têm auxiliado a entender o que André Luiz escreveu através de Chico Xavier. (...) E o senhor é o único espírito a defender a obra mediúnica de Chico Xavier – Não generalizando, a maioria não diz uma única palavra, a não ser para exaltar a si mesma! Receba meu abraço e bola para a frente!”
(264/265)

Respondendo a carta recebida, ataca médiuns e o Movimento Unificador:

– O Espiritismo, meu amigo, para muita gente, hoje virou meio de vida. A inquisição que os “cardeais” do movimento vêm fazendo aos novos médiuns, no fundo, é luta pelo poder e – pasme! – pelo vil metal! Muitos deles, sem que percebam, estão sendo usados pelos lobos disfarçados de ovelhas... **(268)**

Mais adiante, continuando a resposta à “carta” que recebera, faz uma defesa da obra mediúnica de Chico Xavier, como se aquela que ele recebeu quando encarnado, como médium, estivesse sendo contestada. Mas a defesa que ele faz é dessas obras pretensamente atribuídas ao Chico desencarnado, recebidas por Baccelli, materializadas em aberrações como “Chico Xavier Responde”:

– Mas, antes do ponto-final, preciso lhe dizer mais uma coisa: não duvide de que, no próprio meio espírita, haja uma conspiração contra as obras mediúnicas da lavra de Chico Xavier! (270)

No final de sua resposta, retoma aquele linguajar rasteiro dos seus primeiros livros:

– Seja você mesmo e, conforme disse, “bola para a frente”! Permita-me apenas pluralizar a palavra “bola”, concitando-o a ser digno representante dos que, sem serem machistas, são machos o suficiente para dizerem o que pensam.

P.S: No que se refere à coragem do testemunho e verdadeiro amor à Causa, não posso deixar de reconhecer que, por seus ovários, muitas mulheres possuem mais “bolas” do que muitos homens! (271)

Depois de falar, noutras obras, em reencarnação no Mundo Espiritual, Dr. Inácio agora tenta amenizar a tese, misturando reencarnação com materialização, argumentando com o que relata André Luiz em “Nosso Lar” e em “Libertação”:

– Em suas bases o fenômeno é o mesmo; o que difere é o processo... daí, *en passant*, nós poderemos conjecturar em torno da reencarnação nos diferentes planos espirituais da Vida, sem que, para tanto, o sexo concorra, nos padrões com que concorre na Terra, noutros mundos e dimensões. (287)

No cap. 36 há uma curiosa carta que Chico, desencarnado, teria dirigido ao Dr. Inácio. Sempre a tentativa do Dr. Inácio de “materializar” o Mundo Espiritual. (314)

Sempre atacando e ridicularizando os espíritas que estudam e que seguem uma linha moral :

– Os ortodoxos, no campo da Filosofia Espírita, estão impedindo o nosso povo de pensar – estão cometendo um crime! Essa turma de clérigos reencarnados, que se cansou de ajoelhar, mas não de ter os outros ajoelhados diante de si, acha que a Lei de Causa e Efeito funciona sozinha! Se fosse assim, também a Lei da Reencarnação também funcionaria – não haveria necessidade nem

de relação sexual! O espermatozoide – eu não sei por que orifício –, sairia sozinho perguntando em cada esquina: – “Vocês viram um óvulo dando sopa por aí?...” Ora, não façam pouco da minha já tão pouca inteligência...

– Os espíritas precisam mesmo atualizar sua concepção de vida além da morte! **(318/319)**

Noutra tentativa de “materializar” a Vida Espiritual, fala de força policial no Além, que viria à Terra aprisionar Espíritos:

– Iremos, mas vou entrar em contato com o Dr. Elpídio, amigo meu e Delegado de Polícia, para que providencie um destacamento policial. Aquelas entidades necessitam ser presas! **(319)**

– Conforme combinado, Odilon veio me encontrar no hospital e, em companhia de Elpídio, previamente contatado por mim e mais três detetives sob o seu comando, partimos em direção à Crosta **(324)**

– Enquanto “descíamos”, fomos, naturalmente, integrando-nos no ambiente, de tal maneira a sermos identificados na condição de entidades recém-desencarnadas. Inalando fluidos menos rarefeitos, na atmosfera da Terra, promovemos relativa condensação em nossos corpos espirituais e, então, confundimo-nos com os transeuntes da cidade que visitávamos. **(324)**

“Confundimo-nos com os transeuntes”.

Então materializaram-se, como disse no livro “Por Amor ao Ideal”, referindo-se a Edgar Allan Poe, que se teria materializado com o ectoplasma do cadáver de um bêbado e teria andado pelas ruas de Uberaba, a fim de consultar-se, como se fosse um paciente encarnado. Se é assim como fala o Dr. Inácio, fica difícil saber se estamos vendo um Espírito encarnado ou um desencarnado materializado! Afinal, trata-se de um trabalho grosseiro, emanado de um Espírito que pretende informar equivocadamente aqueles que estão se interessando pelo Espiritismo, ao tempo que conta com a falta de cuidado daqueles que, conhecendo a Doutrina, nada fazem para coibir sua ação nefasta. Com a palavra

principalmente os responsáveis por centros, livrarias e clubes de livros espíritas pela divulgação de livros como esse.



Análise do livro “Chico Xavier responde” Médium: Carlos A. Baccelli

Na apresentação dessa obra, o médium Carlos A. Baccelli diz que **“na condição de espírita e médium, me senti no dever de dar-lhe publicidade, deixando a sua apreciação e análise, no que tange à autenticidade e valor, a quantos se considerem mais habilitados para tanto.”**

Não nos consideramos mais habilitado, mas a examinamos não só pelo o direito de exame que nos confere a Doutrina, mas também no cumprimento do dever de contribuir para que o Espiritismo continue a ser essa fonte confiável de informação, de esclarecimento e de equilíbrio.

As obras mediúnicas quase sempre contêm um prefácio explicativo que informa o leitor como elas foram produzidas. Nesse livro não há informação de como se teria processado esse inusitado diálogo: se o médium desdobrou-se e foi à esfera habitada pelo Chico; se este veio até ele para ser entrevistado como se fora um encarnado, ou se veio para uma comunicação psicográfica.

Mas, logo à primeira resposta, tem-se a impressão de que se trata de psicografia, exercitada em forma de diálogo, no qual o médium, teria psicografado as respostas, sem dizer como foram

feitas as perguntas.

Transcreveremos em **negrito** os trechos da obra, colocando entre parênteses o número da página e, em seguida, faremos nossos comentários:

— **Mas você não era Allan Kardec reencarnado?**

— **E quem vocês pensam que era Allan Kardec?** (9)

Nós temos a inabalável certeza de que Allan Kardec se coloca entre os grandes benfeitores da Humanidade, mas igual certeza temos de que não viria ele comunicar-se, usando do seu precioso tempo e do tempo de um médium para uma conversa informal, sem conteúdo, banal, muito distante das sábias páginas que nos deixou na Codificação. Seria o mesmo que Michelangelo gastando seu tempo em modelar toscas figuras de barro para exibi-las numa feira. Nem o Chico sairia da esfera que habita para um diálogo tão pueril e sem sentido como esse.

— **Com a desencarnação, a linguagem do espírito pode sofrer alguma mudança?**

— **A linguagem, sim; o pensamento, não. Com o passar do tempo e de acordo com o instrumento mediúnico através do qual se manifesta, o espírito não mais se prende a certas peculiaridades que o identificam do ponto de vista do estilo.** (10)

A afirmativa acima parece-nos uma justificativa para o distanciamento do estilo desse Espírito do estilo de Kardec e de Chico. Emmanuel e André Luiz, para não citarmos outros, comunicaram-se durante décadas pelo Chico, conservando o mesmo estilo, fato constatável até mesmo por pessoas não afeitas à literatura. Além disso, o estilo de André Luiz não se modificava quando escrevia por Waldo Vieira.

— **O que teria a dizer aos que afirmam que André Luiz fez literatura de ficção?**

— **Que a ficção sempre se antecipa à realidade.** (28)

Ao responder que a ficção se antecipa à realidade, esse Espírito está afirmando que a obra de André Luiz é ficção. E qual seria a realidade que a sucederia? Estaria justificando as obras atribuídas ao Dr. Inácio Ferreira, essas que trazem pretensas revelações, em linguagem vulgar, zombeteira, agressiva, bem distante daquela usada por todos os Espíritos que escreveram pelo Chico?

A obra de André Luiz, recebida através da mediunidade missionária de Francisco Cândido Xavier, é um verdadeiro desdobramento da Codificação. É através dessa série de livros que pode ser vista a aplicação prática – tanto no Plano Físico, quanto no Espiritual – das teses contidas nas obras de Kardec.

Para se avaliar a magnitude da obra de André Luiz, atentemos às palavras do Irmão Jacob, no livro “Voltei” (22), que transcreve o que ouviu do Espírito que supervisionava o exercício mediúnicos de Chico Xavier, ao se referir à tarefa atribuída ao autor de “Nosso Lar”: “(...) Além disto, o esforço dele é impessoal e reflete a cooperação indireta de muitos benfeitores que respiram em esferas mais elevadas.”

Como poderia o Chico, agora, admitir que foi uma ficção antecipando-se à realidade?

— O que diria aos que se consideram donos da verdade?

— Diria que nem Jesus quis defini-la. (28)

O Movimento Espírita tem sofrido ataques constantes através de uma literatura que, pretendendo ser moderna, inovadora, reveladora, tacha de “donos da verdade” os espíritas sérios, zelosos pela preservação da sobriedade, da nobreza e da dignidade da linguagem do que se publica em nome da Doutrina.

Deixando de lado esse posicionamento falacioso da pergunta, atente-se para a pobreza e a para a desconexão da resposta colocada na boca do Chico.

— Presentemente, onde se encontraria Amélie Boudet?

— Em dimensão Espiritual Superior. (29)

Resposta óbvia, a uma pergunta sem sentido, no caso de um

Espírito como Amélie Boudet.

— **E quem foi Hippolyte-Léon Denizard Rivail?**

— **Alguém que, não fossem os Espíritos, teria vivido no mais completo anonimato; um homem comum, como tantos outros que vivem esquecidos dos homens...** (45)

Como poderia ter ficado no anonimato o emérito educador que, já aos 27 anos, fora premiado pela Academia de Arrás pela sua proposta de reforma dos estudos clássicos, tendo publicado obras sobre variados ramos de estudos, sempre visando ao aprimoramento dos processos de educação? Seria um homem comum, esquecido dos homens? Note-se o que dizem Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, na sua excelente obra "Allan Kardec", cap. 37, intitulado "Fertilidade Pedagógica", que finaliza com estas palavras: *Nos planos e projetos apresentados aos membros do Parlamento, às Comissões encarregadas da reforma do ensino e à Universidade, nota-se que o autor se adiantara de muitos anos aos processos pedagógicos então em voga, aproximando-se, em diversos pontos, da "escola ativa".*

Aqui fica muito clara a intenção desse Espírito de tentar diminuir a estatura intelectual do Codificador.

— **Por que Allan Kardec não teve filhos?**

— **Ele era estéril.** (45)

Na obra "Na Próxima Dimensão" o Espírito que se faz passar pelo insigne Dr. Inácio Ferreira diz o seguinte: (...) *o casal havia renunciado a qualquer tipo de convivência mais íntima na esfera sexual, para dedicar-se aos valores do espírito, e, tanto assim que ambos não geraram herdeiros diretos (...)* (56).

Parece que o "Dr. Inácio" ainda não se havia informado corretamente no Mundo Espiritual, ou será que esse que se apresenta como Chico está equivocado?

— **Hoje, você se sente mais Chico Xavier ou Allan Kardec?**

- **Ainda me sinto mais Chico Xavier.**
- **Mas qual prefere sentir?**
- **Ser Chico me agrada mais...**
- **Por quê?**
- **Está mais de acordo com o que me sinto ser.**
- **Faltava um pouco de Chico a Kardec ou de Kardec a Chico?**

— **Creio que de Chico a Kardec.** (47/48)

Mesmo que fosse verdadeira essa tese absurda, vê-se claramente que Chico Xavier não teria tanta falta de bom-senso a ponto de pôr mais lenha nessa fogueira que o “Dr. Inácio” reacendeu, em ação própria de Espíritos que querem desviar do estudo sério e do trabalho edificante as pessoas que se dedicam à Doutrina. Uma resposta como essa é a mais evidente negação da identidade de Chico Xavier, que sempre primou pela prudência, pelo equilíbrio, nunca entrando em discussões dessa natureza. Além do mais, vê-se outra tentativa de diminuir a figura do insigne Codificador.

— **É natural, então, que, na atualidade, exista mais do médium na mediunidade do que da mediunidade no médium?**

— **Sim, é natural, mas quem não possui bom senso não alcança esta compreensão.** (79)

Depois de todas as admiráveis lições sobre mediunidade veiculadas através do Chico, num verdadeiro desdobramento de “O Livro dos Médiuns”, é possível se acredite possa ele agora participar de um diálogo tão primário e sem sentido como este?

Bem, pelo mesmo médium, no livro “Do Outro Lado do Espelho”, o “Dr. Inácio” faz a seguinte afirmação, referindo-se aos médiuns: — *Nós, os consideramos mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras*

inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!... (160)

Esse Espírito que se intitula "Dr. Inácio" vem, ao longo de suas obras, fazendo uma terrível campanha de descrédito à mediunidade, ironicamente usando um médium para tal cometimento.

— Como médium, Chico, na recepção das mensagens ditas particulares, você necessitava de um contato prévio com os familiares encarnados do espírito comunicante?

—Ainda que fosse mínimo.

— Com qual objetivo?

— De estabelecer sintonia, facilitando o *mecanismo* que se coloca em funcionamento no diálogo que se estabelece entre encarnados e desencarnados. (70/71)

Esse Espírito sagaz vagarosamente vai ganhando a confiança do leitor para, repentinamente, dar um golpe dessa natureza, em que procura desmerecer a mediunidade de Chico Xavier, tentando igualá-la à de médiuns que agem dessa forma. Infelizmente, há exemplos concretos de médiuns que procuram inteirar-se de dados de familiares candidatos ao recebimento de mensagens, o que é verdadeiramente incompreensível num trabalho mediúnico sério.

Presenciamos várias vezes em Pedro Leopoldo e em Uberaba, durante reuniões públicas, pessoas serem colhidas de surpresa, ao receberem mensagens de parentes desencarnados, quase desmaiando de emoção, pelo fato de ainda estarem esperando para terem um primeiro contato pessoal com o médium, quando lhes chegava a mensagem rica em detalhes particulares. Essa resposta, atribuída ao Chico, tem a finalidade exclusiva de diminuir o valor de sua obra consoladora, tentando nivelar tudo por baixo!

— Os médiuns devem consentir que a Ciência os investigue?

— A Ciência materialista, não. Os métodos científicos com os quais se pretende investigar a autenticidade do fenômeno mediúnic não logram aferi-los subjetivamente.
(72)

A Ciência materialista nunca iria investigar a autenticidade do fenômeno mediúnic aferindo-o subjetivamente. Além do mais, não era essa a posição do Chico – de furtar-se à pesquisa – enquanto encarnado. Ele nunca se esquivou, à investigação promovida por quem quer que fosse. Dentre as várias vezes que se submeteu a investigações, cite-se o seu encontro com Agripino Grieco, na União Espírita Mineira. Ali o famoso crítico literário pesquisou à vontade a sua psicografia, em memorável reunião em que se comunicou o Espírito Humberto de Campos.

— Os espíritos, por si mesmos, podem produzir fenômenos?

— Quanto mais intelectual a natureza do fenômeno, mais se impõe a necessidade da participação do médium.
(75)

O médium declara publicamente que Chico foi a reencarnação de Kardec. Como, então, faz ele essa pergunta ao Codificador? Seria o caso de ele dizer que a resposta já foi dada há mais de um século, nas obras da Codificação. Além do mais, o que seria fenômeno intelectual? Seria psicofonia ou psicografia, em oposição a materialização? Depreende-se daí que quanto mais material é o fenômeno, menos é necessária a participação de um médium. Teria essa afirmativa a finalidade de justificar um caso de materialização sem o concurso de um médium, como foi apresentado na obra "Por Amor ao Ideal" (282/6)? Ali é afirmado que Edgar Allan Poe materializou-se sozinho. O ectoplasma usado para a produção do fenômeno teria sido retirado por ele próprio do cadáver de um bêbado, no cemitério, de onde teria caminhado até o consultório do Dr. Inácio.

— Certa vez, Emmanuel lhe disse que "não se tira

nada de nada"... Que quer dizer?

— Em seu contato com os homens, o conteúdo do espírito se subordina ao conteúdo do médium. (75/76)

Entendendo-se essa estranha expressão "conteúdo do espírito" como significando "cabedal evolutivo", fica difícil entender essa subordinação do espírito aos conhecimentos do médium. Será que o "conteúdo" dos Espíritos que dialogaram com Kardec se subordinava ao das jovens Boudin?

— Como interpretarmos a verdadeira avalanche de livros espíritas que têm sido publicados?

— Os espíritos, quanto os homens, têm o direito de apresentar o fruto de suas reflexões sobre a Vida além da morte. Cabe aos leitores avaliar a qualidade das obras editadas. (76)

Interessante notar que o "Dr. Inácio", por esse mesmo médium, revela posição oposta, pois chegou a dar banana, não só na palavra, como também no gesto, para os espíritas que lhe criticaram a obra "Fundação Emmanuel" (135)

— Você é contra ou a favor do abortamento, em casos em que o feto esteja se desenvolvendo sem cérebro?

— Creio que o assunto seja pertinente ao livre arbítrio dos genitores, especialmente ao da mãe, mas, qual o significado se levar a termo uma gestação que, com os modernos recursos da Medicina, já se sabe de antemão comprometida do ponto de vista genético? Não seria penalizar, desnecessariamente, os familiares?

— A Medicina, todavia, não pode cometer enganos?

— Tudo o que é humano é passível de erro, mas não nos apoiemos em sofismas da inteligência para justificar pontos de vista extremistas que a Doutrina Espírita não defende.

— Impedir de o espírito reencarnar-se em um corpo sem cérebro não seria frustrar-lhe a possibilidade de

reajuste?

— **O espírito não reencarna em um corpo sem cérebro.** (136/137)

O livro sob análise foi publicado em março de 2007. Nesse mesmo ano, apareceram nos jornais e na Internet casos de sobrevivência de anencéfalos, evidenciando a presença de Espíritos ligados a esses corpos. A Medicina pode detectar a inexistência de um cérebro normal, mas terá condições de detectar algumas células a que um Espírito esteja ligado? Quem pode afirmar que não se trata de caso semelhante àquele intitulado "Gestação Frustrada", no cap.XIII, 2ª Parte, do livro "Evolução em dois Mundos", ou seja, o funcionamento de um processo educativo para a mãe? Como interromper o processo, sem o conhecimento real das causas determinantes?

O mesmo posicionamento em relação a anencefalia e ao estupro foi defendido na obra "Fala, Dr. Inácio". Agora, esse Espírito tenta respaldar-se no nome respeitável de Francisco Cândido Xavier...

— **Em caso de estupro, é lícito o abortamento?**

— **Em casos de estupro, a única vontade que deve prevalecer e ser respeitada é a da mulher que foi vítima de semelhante agressão.** (140)

Nada foi perguntado a respeito de quem deve decidir sobre o abortamento ou a manutenção da gravidez. Atente-se para a falácia da resposta: ao invés de discutir a licitude do ato, declara o direito da mulher. Esse posicionamento é o mesmo contido na obra "Fala, Dr. Inácio" (128), e em todos os discursos de feministas extremadas que defendem o aborto generalizado.

— **O espírito que reencarna através de uma violência sexual que se consumou é inimigo da mãe?**

— **Nem sempre; às vezes, inclusive, pode ser um espírito que tenha com a mãe laços de profunda afinidade espiritual. Nos casos de estupro, como em tantos outros de**

natureza provacional, há de se levar em consideração a chamada Lei de Compensação Cármica.

— O que é a Lei de Compensação Cármica?

— É o poder com que Deus facultou a Vida de transformar o Mal em Bem. (141)

Fica difícil entender como alguém que considera um estupro como acontecimento de natureza provacional – e considera essa Lei de Compensação Cármica, que não se sabe de onde foi tirada – admita que a gravidez dele resultante possa ser interrompida sem novas e piores consequências.

Alongaríamos excessivamente este trabalho se fôssemos analisar todos os pontos que nos parecem duvidosos na obra. Não podemos comentar tudo, sem escrevermos um outro livro.

Entretanto, alguns pontos devem ser ressaltados:

Francisco Cândido Xavier teve pouca escolaridade na sua última encarnação, mas sempre respondia com sabedoria, segurança e objetividade as perguntas que lhe eram formuladas. Quem o assistiu na televisão, ou leu os diálogos que, em várias ocasiões, ele manteve com jornalistas, deve fazer comparação com a pobreza das respostas que são registradas, em seu nome, na obra ora em análise. Em verdade, certas respostas só poderiam ser pobres, diante da trivialidade das perguntas.

Chico deixou pouca coisa escrita de sua lavra pessoal, mas não há nada que se compare à banalidade disso que está sendo atribuído a ele. Ao longo de sua vida, sua sabedoria foi-se revelando, sobrepondo-se à pouca escolaridade que teve na infância. Ele, como Espírito inteligente, dedicado, além de fazer vir à tona conhecimentos de sua bagagem espiritual, muito se enriqueceu na convivência com os Benfeitores que lhe usavam as faculdades e lhe partilhavam os dias.

Para aqueles que dizem ser ele a reencarnação de Kardec, a situação é mais delicada, pois se admitem que Chico tinha de ser assistido por Benfeitores Espirituais para responder as perguntas, face à sua pouca escolaridade na última encarnação, agora, com a

memória integral, Chico / Kardec não responderia com profunda sabedoria? .

Se Chico Xavier foi a reencarnação de Kardec, fica difícil conciliar a trivialidade dos assuntos que lhe foram submetidos agora, e algumas respostas evasivas, com a postura do grande educador, sociólogo, teólogo, cientista, humanista, que teve capacidade para inquirir Espíritos Superiores sobre os assuntos pertinentes à Codificação, dialogando com eles, de igual para igual, a fim de codificar a Doutrina Espírita. É também difícil conciliar aquela nobre figura tão bem descrita por Humberto de Campos, no livro "Cartas e Crônicas" (cap. 28), com essa figura tão disponível para um bate-papo informal, superficial, aqui na face da Terra. Ou seria nos Altos Planos de onde ele saiu para comparecer àquela memorável reunião na noite de 31 de dezembro de 1799? Ou será que o médium foi lá a fim de entrevistá-lo?

Ficam aí, Irmãs e Irmãos, nossas observações, colocando-nos, por nossa vez, à sua disposição para ser analisado.



Análise do livro “Do outro lado do espelho”

Médium: Carlos A. Baccelli

Ao lermos um livro novo sempre surgem questionamentos, para os quais buscamos respostas, que deverão ser claras para nós, antes de as “passarmos para frente”, principalmente se estamos na condição de expositor, evangelizador ou de escritor. Atualmente, nota-se uma onda avassaladora de novas obras, algumas até atraentes pelas novidades, mas que postulam leitura atenta e análise criteriosa, a fim de que os malefícios de um deslumbramento inoperante não nos atinjam.

O livro em pauta, de autoria atribuída ao Dr. Inácio Ferreira, psicografia de Carlos A. Baccelli, mostra um Espírito muito diferente do Dr. Inácio Ferreira retratado por Manoel Philomeno de Miranda, na obra “Tormentos da Obsessão”, psicografada por Divaldo Pereira Franco. Nesta obra, fica-se sabendo que o ilustre clínico é responsável por um pavilhão da grande instituição hospitalar fundada por Eurípedes Barsanulfo, onde são tratados, amorosa e respeitosamente, médiuns que falharam no desempenho de suas missões. Causa estranheza, na obra ora sob análise, o ilustre clínico

apresentar-se como personagem controversa, que se ufana de sua rudeza, cuja tônica, nesta e em outras obras, é atacar os espíritas e, mais particularmente, os médiuns, usando uma linguagem, no mínimo, vulgar.

Reparto com meus irmãos as minhas dúvidas, sem levá-las à imprensa, por julgar não ser, pelo menos por enquanto, produtiva tal atitude. Os trechos em negrito foram transcritos *ipsis verbis* da obra citada; os números entre parênteses se referem, às páginas:

Os ataques aos espíritas são frequentes:

– O espírita tem a mania de se julgar sempre com a verdade. (16)

Em conversa com Maria Modesto Cravo – com quem trabalhara em reuniões mediúnicas quando encarnados – e com outro Espírito, fica sabendo que eles visitam regularmente o Sanatório que ele dirigira até a desencarnação:

– Sim, de quando em quando, aparecemos por lá, não com a frequência com que nos reclamam a presença, mas aparecemos...

– Até você já apareceu, Inácio, depois de morto...

– Como?! Eu não tenho nenhuma lembrança... Estou-me sentindo até impossibilitado de caminhar por aqui...

– Pois é, com menos de um mês de desencarnado, ao que bem estamos sabendo, você já estava dando comunicação... (...)

– Todavia, como é possível um espírito dar comunicação sem o saber? Questionei estupefato. (...)

– Os amigos reunidos evocaram a sua presença...

– E eu compareci sem o saber?

– Não, com você não foi assim. A mente do médium rasteou o seu psiquismo...

– Às vezes, quando o espírito não vai ao médium, o médium pode ir ao espírito, Doutor – sintetizou Manoel Roberto.

– De certo modo, embora tivesse deixado o corpo, o seu psiquismo pairava no ambiente do Sanatório...

– **E o médium conseguiu expressar com clareza o meu pensamento?**

– **Em linhas gerais, sim. Digamos que, no específico, não.**

– **O que foi que eu falei?**

– **Fez algumas recomendações evangélicas, agradeceu...**

(32 / 34)

Onde, afinal de contas, se encontrava o Espírito Inácio Ferreira naqueles trinta dias? Como seria possível estar alojado no Plano Espiritual que o acolheu, e dar comunicações sem o saber? Seria compreensível que o médium, desdobrado, pudesse tê-lo entrevistado no Mundo Espiritual, o que é muito diferente de o seu psiquismo que pairava no Sanatório dar uma comunicação... O Autor faz confusão entre psicometria e psicofonia / psicografia. Através destas, o Espírito pode transmitir uma mensagem atual; através daquela, só é possível a captação de cenas já vividas no passado.

Vê-se claramente: ou o total desconhecimento do assunto ou o desejo de confundir, de desacreditar a mediunidade. Afinal o que quer dizer: o seu psiquismo pairava no Sanatório? Nota-se um perigoso incentivo para o surgimento de médiuns "rastreadores", cujas mensagens seriam o fruto de captações de remanescentes fluídicos em determinados ambientes. Isso mais parece ficção, uma espécie de captação de imagens e sons através dos tempos. Não será estranho se aparecerem "médiuns" captando o psiquismo de Kardec, vez que na obra não foi definido um tempo de permanência desse "psiquismo pairante"...

Ao ser convidado a participar de uma reunião mediúnica no Sanatório de Uberaba, onde, quando encarnado, fora diretor, responde:

– **Para quê? Só se for para xingá-los... (Por favor sr. Médium e sr. Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou... que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os**

meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiuns que andam por lá... (...) Os médiuns não querem estudar, não querem disciplina... Ficam parados ao redor da mesa feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente de ideias, esperando que os espíritos façam tudo... Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiuns seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes, que não se lembram de nada. (158 / 159)

Continuando seus ataques aos médiuns do grupo que dirigiu, no Sanatório:

– O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinquenta anos... (159 / 160)

Se o grupo mediúnico era tão ruim, como pôde tolerá-lo durante cinquenta anos? Note-se que ele ainda não retornara àquele grupo depois de desencarnado, logo essas impressões ele já as tinha antes de desencarnar:

– Nós, os consideramos mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!... (160)

Mas a crítica aos médiuns não se restringe apenas àquele grupo. É generalizada:

– O cenário vocês já conhecem, de uma reunião

mediúnicas: médiuns chegando em cima da hora, com justificativas vazias: "estava com visita em casa", "choveu na hora de sair", "desarranjo intestinal", "o telefone tocou"...

– Apenas dois espíritos, dos muitos que estão no recinto, lograram dar o ar da graça naquela noite, através da medianeira anônima: um que havia cometido o suicídio, e eu, que, se pudesse, estrangularia alguém. (161)

Mais adiante, lembrando-se de que seu livro estava sendo escrito através de um médium, tenta isolá-lo do ataque generalizado que vinha fazendo:

– A rigor, não posso me queixar. (...) Escrevendo agora sob a ação desta crise de seriedade que não sei de onde me veio, digo-lhes que quase todos os comunicados mediúnicos atribuídos a mim são autênticos. (166)

Em meio aos comentários sobre mediunidade e médiuns, são inseridas essas declarações do Irmão José, a quem chama Benfeitor, transcritas sem qualquer comentário, logo inteiramente endossadas pelo Autor Espiritual:

(...) Não devemos culpar a Igreja pelos rumos que imprimiu ao Cristianismo; sitiada espiritualmente, não raro se viu na contingência de ter que ceder a pressões para sobreviver. Não condenamos a instituição que, durante séculos, foi a guardiã dos princípios que nos são caros. Os homens é que, dominados por interesses estranhos, a desfiguraram. (179)

Ao dizer que a Igreja não pode ser responsabilizada "pelos rumos que imprimiu ao Cristianismo", o autor da declaração quer imputar a responsabilidade aos "homens que, dominados por interesses estranhos, a desfiguraram". Quem são esses homens, se não membros da própria Igreja? Ou será que o autor está querendo definir a Igreja como entidade "fundada por Jesus" e independente dos homens? É fato notório que as pequenas comunidades cristãs dos primeiros tempos foram rudemente perseguidas. Mas, ainda no decorrer dos primeiros séculos, homens ávidos de poder, arrogando-se a condição de depositários absolutos da Mensagem Cristã,

constituíram a Igreja. A partir daí, essa entidade, através dos homens que a compunham, passou a desfigurar a Mensagem Cristã, não tendo nunca cedido a pressão de qualquer natureza. Pelo contrário, ela é que pressionou, aterrorizou, perseguiu, encarcerou, torturou e executou muitos daqueles que se opunham à sua sede insaciável de domínio.

Outra afirmativa que causa espécie: “a instituição que, durante séculos, foi a guardiã dos princípios que nos são caros”. Que guardiã foi essa que, de posse das Escrituras, fez-lhes modificações e adaptações, de acordo com seus interesses? Foi a Igreja que criou o profissionalismo religioso entre os cristãos, a Santíssima Trindade, as indulgências, os rituais, as liturgias, os decretos de beatificação e santificação, os sacramentos, os ofícios religiosos pagos, a confissão auricular, os ídolos, o Purgatório, o Inferno de penas eternas e, acima de tudo, a Inquisição.

Como é que se publica uma defesa dessas numa obra que pretende ser espírita, se a Igreja, sem necessidade nenhuma de “sobreviver”, já toda consolidada e poderosa, perseguiu duramente o Judaísmo, o Protestantismo e o Espiritismo o quanto pôde?

Depois de defender a Igreja, o Irmão José, a título de defender o Espiritismo, centraliza, também ele, seu ataque contra a quase totalidade dos médiuns:

– (...) Se não vigiarmos o suficiente, a Doutrina Espírita, que se propõe reviver o Evangelho, se desviará de suas finalidades; infelizmente, os prenúncios já aí estão... Pretensão à infalibilidade, elitismo, personalismo; isso tudo, sem mencionarmos o que se vem fazendo através da mediunidade – o canal que, na maioria dos medianeiros, é ocupado por entidades contrárias ao movimento de libertação de consciências que o Espiritismo propõe. Imperceptivelmente, os médiuns vêm sendo hipnotizados por espíritos que os dominam e que lhes inoculam n´alma o vírus da ambição desmedida. Difícil nos depararmos com quem não esteja a serviço de si mesmo na Causa que abraçamos!... (180)

Depois desse infeliz comentário, relembra ao Dr. Inácio a reencarnação de Torquemada, relatada no livro anterior "Sob as Cinzas do Tempo", onde é revelado que esse Espírito, habitando um corpo disforme, foi resgatado pelos antigos perseguidores, depois de ter sido, no próprio berço, seu corpo engolido por uma sucuri, conduzida por esses inimigos...

– Foi uma pena!... Tanto esforço do mundo espiritual para nada. Ele já estava no corpo, no entanto foi descoberto pelos antigos comparsas... Não podemos mais saber o paradeiro do seu espírito.. (181)

Aqui cabe uma pergunta: como é que um Espírito que recebeu uma nova oportunidade de redenção, através de uma encarnação, pode, ainda na infância, no próprio berço, portanto sem ter praticado nenhum ato que compromettesse a oportunidade recebida, ser novamente arrebatado pelos antigos algozes? No livro "Libertação", André Luiz, ao manifestar sua estranheza por não ver crianças naquela comunidade situada nas trevas, recebe a seguinte elucidação do Benfeitor Gúbio: Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer do carinho com que a compaixão celestial vela pelos infantes? Libertação, cap. IV)

O Irmão José continua explicando que Torquemada, depois de sequestrado pelas trevas, retomou a condição de adulto e foi amarrado a um poste de flagelação, ficando a queimar como se estivesse numa fornalha ardente...

– Mas o Inferno existe? – perguntei intrigado.

– Sim, só que não é criação de Deus – respondeu o Irmão José, deixando-me aparvalhado.

– O Inferno, em essência, está na consciência culpada, todavia, por vezes, ele também se exterioriza...

– Localiza-se em alguma parte?...

– Como não?

– E Satanás – inquiri – existirá também? (181 / 182)

Será que o espírito, Dr. Inácio Ferreira, esqueceu-se da Doutrina só porque desencarnou, e agora faz essas perguntas infantis?

Entretanto, seu tom não é tão infantil quando se refere aos espíritas:

– Digo-lhe, sem receio de estar errando: a esmagadora maioria dos espíritas são entidades que delinquiram. Agora, na condição de espírito livre, eu posso enxergá-los melhor por baixo da batina, ops!, por debaixo das vestes... Vejo antigos bispos e cardeais ocupando posições de destaque no Espiritismo, perdidos à procura de uma hierarquia que, graças a Deus, não mais existe. Quando ainda têm oportunidade de liderar, demonstram um ranço religioso que trazem consigo desde muitas eras e mentem, continuando a agir hipocritamente. (199)

É verdadeiramente absurda essa acusação contra a esmagadora maioria dos espíritas! Se os espíritas quando têm oportunidade de liderar demonstram um ranço religioso que trazem consigo desde muitas eras e mentem, continuando agir hipocritamente, como é que o Espiritismo tem progredido tanto? Não dá para ver que essas palavras são oriundas de um Espírito inimigo do Espiritismo, que só se refere a espíritas, a médiuns e ao próprio Espiritismo para denegrir, menosprezar?

Ao preparar uma caravana para o resgate de Torquemada, algo digno de integrar bom filme de ficção, relata instruções recebidas de outro Espírito:

– Vocês necessitarão de muita cautela. É possível que os líderes dos “dragões”, a esta altura, já saibam; eles têm como rastrear os nossos pensamentos... Possuem sensitivos a seus serviços – entidades que são verdadeiras antenas psíquicas; muitos deles têm a capacidade de deixar o pesado corpo espiritual e vir a nós, em estranho processo de espionagem.

– Mas isto é possível? Pode o inferior subir ao superior?

– Quem lhe disse, Inácio, que somos superiores? A questão não é de moralidade, mas de intelectualidade. Se,

segundo as Escrituras Sagradas, o Demônio teve acesso a Jesus para

– Quem lhe disse, Inácio, que somos superiores? A questão não é de moralidade, mas de intelectualidade. Se, segundo as Escrituras Sagradas, o Demônio teve acesso a Jesus para tentá-lo... (204 / 205)

Agora são as Trevas que rastreiam a Luz! Deixando de lado a questão do Demônio, o argumento é, também, absurdo, pois parece que o Espírito admite o episódio da tentação como verdade. Além do mais, fica parecendo que o Demônio teria mais intelectualidade do que Jesus!!!

No deslocamento da caravana que visava à libertação de Torquemada, O Dr. Inácio dialoga com um espírito, um duende, como é chamado na obra, que diz chamar-se Labelius.

– Quantos vocês são, por aqui?

– Somos mais ou menos cinquenta!... Não nos proliferamos tanto.

– Mas... nascem crianças entre vocês?...

– Não somos diferentes das flores e dos pássaros...Por que não nos reproduzíamos, se uma simples semente se reproduz? Vejo que continuam não sabendo tanto da vida... (241 / 242)

Segundo se entende, trata-se de Espíritos que não atingiram, ainda, a humanização. É digno de nota o raciocínio claro e lógico do tal Labelius... E o fato de proliferarem, nascerem crianças no Mundo Espiritual?!!!

– Você já se reencarnou alguma vez?

– Na espécie humana, uma única vez – respondeu.

– Somos como vocês, os humanos; uns mais, outros menos dotados de inteligência; estamos mais próximos do mundo natural do que do mundo racional... Somos um povo, uma raça com características definidas.

– Mas, se você reencarnou como homem e voltou a ser duende, houve um retrocesso...

– Jesus Cristo teria se degradado por ter vivido na Terra, descendo das Esferas Luminescentes que habita? – argumentou com lógica e surpreendentes noções. (244 / 245)

Um Espírito, depois de encarnar como ser humano, voltaria à condição de humanoide? Pela leitura do texto, verifica-se que esse humanoide tem capacidade para avaliar os homens, entre os quais diz ter estado encarnado, tendo sido compelido a voltar àquela condição sub-humana. Como conciliar isso com item 612 de “O Livro dos Espíritos”?

No seu raciocínio, esse humanoide faz uma comparação equivocada com a encarnação de Jesus, que veio à Terra no cumprimento de uma missão. Labelius simplesmente teria retornado à condição anterior. O Autor não percebeu a incoerência, o aspecto anti-doutrinário do assunto, pois ao relatá-lo, sem ressalvas, demonstra concordar plenamente com o que foi dito. Tal posicionamento se contrapõe frontalmente à Doutrina Espírita. Além do mais, tendo-se em vista a natureza eminentemente educadora do Espiritismo, entende-se que, numa obra espírita, quando há o relato de uma atitude equivocada, aterrorizante ou menos edificante, deve haver um comentário que mostre claramente o seu aspecto negativo, a fim de que a gravidade das cenas ou dos acontecimentos não seja minimizada, deixando passar ao leitor menos esclarecido a ideia de que se trata de algo mais ou menos natural.

Há muitos outros pontos anti-doutrinários na obra, mas seria por demais longa a tarefa de examiná-los todos. Seria o caso de se escrever um outro livro.



Análise do livro "Estudando Nosso Lar"

Médium: Carlos A. Baccelli

Como em outras obras, esse Espírito fascinador, que se intitula Dr. Inácio Ferreira, continua, pelo médium Carlos Antônio Baccelli, a sua faina de atacar os espíritas sérios, de ridicularizar o Espiritismo, tentando diminuir-lhe o valor, através de diálogos corriqueiros, chulos, impróprios para comentários em círculos de algum refinamento espiritual. Agora, depois de tentar minimizar a figura de Chico Xavier através da obra "Chico Xavier Responde", tenta minimizar sua obra de maior impacto: "Nosso Lar", numa demonstração de flagrante oportunismo, diante da divulgação que se fez em torno dos nomes do médium Chico Xavier e do livro "Nosso Lar".

Quem lê o título da obra imagina que terá em mão um estudo sério, do ponto de vista espiritual, sociológico, esperando um detalhamento mais avançado de como se desenvolvem as atividades lá.

Como se sabe, "Nosso Lar" é uma comunidade formada por Espíritos desencarnados, onde intensas atividades de socorro, de educação espiritual e de preparação de novas encarnações são

levadas a efeito. Mas, a decepção do leitor se acentua à medida que lê, tomando conhecimento dos diálogos pueris, vazados no mesmo linguajar rasteiro, incompatível com a seriedade e dignidade da doutrina Espírita, conforme suas obras anteriores.

Colocaremos as palavras do livro em **negrito** e os nossos comentários em tipo normal. Logo no início, o Dr. Inácio transcreve um diálogo em que seus interlocutores o bajulam, e ele, como sempre, não perde a oportunidade de vangloriar-se:

– Talvez pela linguagem utilizada, o meu jeito espontâneo de ser – não consigo ser o Inácio que muitos querem que eu seja!

– Não é só pela linguagem, não! – observou a confreira – O problema é que o senhor é direto no que diz: não efetua rodeios com a palavra. (20)

Uma afirmativa atribuída a André Luiz: “Não adestrara órgãos para a vida nova”, é usada em conversa própria de mesa de bar, entre Manoel Roberto e Domingas, que diz: **“Tenho que me controlar para não atacar as painéis... da Terra! Não fosse o relativo esclarecimento que possuo, estaria vampirizando os inveterados comedores de carne apimentada!**

Após breve intervalo, Manoel Roberto testemunhou:

– Confesso que, de minha parte, não adestrei órgãos sexuais... Não preciso dizer mais. Ou preciso? (21)

O Dr. Inácio não esclarece como funciona esse correio do Mundo Espiritual, que lhe leva cartas da Terra e as coloca sobre sua mesa...

... vasculhando papéis sobre a mesa, me deparei com a carta que uma irmã me endereçara da Terra.

– Dr. Inácio, – escrevera ela –, fico encantado (sic) com o seu amor aos animais... (95)

A partir daí, Dr. Inácio usa cinco páginas do livro em que pretende estudar “Nosso Lar”, para discorrer de maneira descompromissada com a seriedade esperada numa obra espírita, sobre gatos e reencarnação, terminando com essa afirmativa irresponsável, capaz de confundir qualquer neófito que esteja interessando em informar-se sobre evolução espiritual, quando

afirma que o espírito que estagia num gato pode passar diretamente a animar um corpo humano:

Assim como Sônia (uma gata que foi dele quando encarnado) **pode estar numa dessas morenas que desfilam na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, o seu Lênis – quem sabe? – pode estar num desses recém-nascidos ainda sem nome, à espera de seus braços, que, como os meus, também se frustraram para a bênção da maternidade nesta vida. Eu tenho plena convicção de que você se derreterá toda, ao ouvir uma dessas crianças chamá-la de mamãe ou de vovó!** (100)

Só no capítulo 13, já na página 108 do livro, é que se forma um grupo para estudar “Nosso Lar”. Até aqui, diálogos banais, entremeados de auto-elogios ou de bravatas do Dr. Inácio:

– O senhor , então, vai continuar escrevendo? – indagou por último.

– Eu não sou homem de me intimidar, meu caro. Passar bem! (107)

É importante que se atente aos diálogos estabelecidos entre Dr. Inácio, Dr. Odilon, Domingas e Manoel Roberto. Todos estão no mesmo plano espiritual e tecem comentários sobre as sensações dos espíritos no Mundo Espiritual, como se lá não estivessem, todos, inclusive os 150 participantes do painel, sujeitos às mesmas condições:

– Um pouco mais adiante – frisei –, neste segundo capítulo, no sexto parágrafo, André Luiz considera textualmente: “*Persistiam as necessidades fisiológicas sem alteração.*”

O auditório estava em suspenso. (115) Será que não tinham noção da própria condição de espíritos desencarnados? Precisariam estudar isso num seminário? A obra em análise não se destina ao estudo de “Nosso Lar”? O “estudo” prossegue como se fosse uma conversa informal entre desocupados... Será que os 150 participantes estariam ali para ouvir um “bate-papo” descontraído?

Observe-se essa afirmação atribuída ao Dr. Odilon que, segundo

Dr. Inácio, é um orientador, distorcendo atemorizadamente a lei de causa e efeito:

– **Conheci uma pessoa que tinha vaidade do timbre da própria voz... Coitado, com toda certeza, se já não aconteceu, irá renascer mudo ou com uma voz igual à minha: mais rouquenha, impossível!** (130)

A seguir, completamente fora de contexto, talvez para encher páginas do livro, transcreve a carta atribuída ao Senador Públio Lântulos, terminando o capítulo com esta justificativa da saída do assunto:

– **Vocês estão vendo como a gente vai longe, quando se dispõe a estudar qualquer tema da Vida à luz da Doutrina, que é Fé Raciocinada?** (132)

Proseguindo, gasta páginas com brincadeiras, malbaratando o tempo de quem comprou um livro na busca de esclarecimento, pois apesar de ter a obra o título *Estudando "Nosso Lar"*, no capítulo que toca a questão do vestuário dos desencarnados, nada acrescenta de elucidativo. Só brincadeiras e auto-elogio:

– **Olhe, Doutor, em sua companhia, eu ficaria até duzentos (anos no Umbral); todavia, sem o senhor, nem um só dia!** (139)

Nos capítulos seguintes, prossegue num relato de conversação banal, entremeado de citações de trechos de "Nosso Lar", sem, entretanto, tecer comentários conducentes a maior compreensão do livro.

Anuncia uma ida à Fundação Emmanuel a fim de tratar de assunto muito sério, mas o que fazem, ele e o seu grupo, acompanhados do Diretor da Fundação, é vir à Crosta visitar uma instituição espírita. Adiante, comenta a existência de cães e cavalos, referidos por André Luiz, não resistindo à tentação de fazer seus comentários:

– **Cavalos e cães que, além de comer, fazem sexo...**
– **Eu sabia que o senhor chegaria aí! – comentou Domingas.** (254)

A seguir, volta a bater na tecla da reencarnação no Mundo

Espiritual:

– **O que vocês diriam se aqui, no Mundo Espiritual, os homens pudessem se relacionar sexualmente, como se relacionam, sem função reprodutora?**

Virando-me na direção de Rodrigo, interroguei:

– **Você sabe de algum de seus colegas, ou você mesmo, que não faça sexo por aqui?**

– **Não, Doutor, não me peça nomes. Mas não sei de ninguém – descontraíu-se o inteligente rapaz, levando os colegas a sorrir. (255)**

A seguir, comenta o fato de haver pomares em “Nosso Lar”, concluindo que se há reprodução vegetal, há também a humana, esquecido de que os frutos de uma árvore não constituem uma individualidade:

– **Isso é uma aula de botânica! Brincou Domingas.**

– **Muitos dirão que é pornografia... Uma banana para eles, de preferência verde! (256)**

O mesmo erro de interpretação o Dr. Inácio comete quando comenta a existência do íbis, aquela ave semelhante ao urubu. Sabe-se que essas aves, como cães e cavalos, se manifestam no Mundo Espiritual com seus perispíritos, conforme se dá com os homens, mas também aí o Dr. Inácio semeia confusão:

– **Todavia, minha cara, a espécie mencionada por André Luiz, *íbis viajor*, como disse, é nativa do Mundo Espiritual, posto que em nenhuma das espécies, com que essa ave pinalta se parece na Terra, revela as mesmas características, ou seja: *“devorarem as formas mentais, odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas”*... (258/259)**

Sempre fugindo de fazer comentários sobre “Nosso Lar”, como proposto no título da obra, Dr. Inácio transcreve o seguinte diálogo, com o jovem Rodrigo, a respeito de banho:

– **Aqui tomo mais banho do que tomava lá embaixo, quando, tantas vezes, chegando suado do futebol!...**

– **Eu não sabia que estávamos conversando com um**

goleador!

– **Goleiro, Doutor – eu era goleiro! Minha mãe tinha que brigar comigo para que eu não dormisse sem banho...**

– **E chuteira fede!**

– **Tênis fede mais! Eu era goleiro de futebol de salão...**

– **Então, sua mãe, Rodrigo, é uma santa: aquele chulé dentro de casa, à noite... (262)**

E o diálogo humorístico continua:

– **Viu, meu filho, como sou portador de doença contagiosa?**

– **Quem me dera possuir, pelo menos, a metade das doenças do senhor!**

– **Pronto! Agora está me puxando o saco... E o pior, não, o melhor é que espírito também tem isso...**

(Literalmente, abrindo um parêntese, deixem-me aqui apreciar a cara dos ortodoxos que, com certeza, estarão exclamando, quase a espumar pela boca: *Blasfêmia! Pornografia! Mistificação! Espírito chulo! Anátema! Para a fogueira! Sabe qual a minha resposta: ah, ah, ah, ah!...*) (264)

Conforme já foi dito, o livro é constituído de diálogos banais, de brincadeiras e de referências desairosas a espíritas e ao Movimento Espírita, quando não é um discurso louvaminheiro ao Dr. Inácio:

– **O pessoal o estima muito, Doutor – ponderou Domingas. – Para cada um que lhe torce o nariz, o senhor tem mil que lhe sorriem!**

– **Eu não mereço, não...**

– **Merece, sim!**

– **O nariz torcido?**

– **O senhor está se referindo é a ele?**

– **Pensou que fosse ao quê, Domingas?**

– **Esse Inácio! Deus o fez e quebrou a forma – suspirou Modesta.**

– **Quebrou de arrependimento! E o pior é que me fez imortal: agora tem que me aguentar pela Eternidade!...**

(268/269)

Algo difícil de ser entendido é o fato de Espíritos – habitantes do Mundo Espiritual – reunirem-se, num seminário, para receber esclarecimentos básicos de fatos que vivenciam habitualmente, como alimentação, higiene, uso de vestuário, etc.

Inicialmente, o grupo era de 150, mas cresceu:

– Domingas, vocês estão me enganando... Aqui tem mais de 453 pessoas! (271)

Nesse capítulo, anunciou que iria falar sobre a água em “Nosso Lar”, mas apenas teceu comentários filosóficos e bíblicos, terminando assim:

– Então, podemos concluir que, na verdade, a desencarnação é fenômeno de desidratação! (273)

Nos capítulos seguintes, nada de estudo sobre “Nosso Lar”. O Dr. Inácio recebe em seu consultório, como se fosse na Terra, clientes agendados. Sua mesa, em desordem, encontrava-se abarrotada de cartas chegadas da Terra, às quais ele deveria responder. Só não explicou como elas chegaram nem como seguiriam as respectivas respostas...

Continuando, relata conversas sem nenhuma ligação com o título do livro, citando trechos da obra de André Luiz, mas sem qualquer elucidação séria. Comentando a entrevista que André Luiz teve com Clarêncio – que daria ensejo a sérias reflexões – não perde a oportunidade de fazer humorismo de mau gosto, depois de citar a postura do Ministro, em vez de citar seu ensinamento: – ***Clarêncio, contudo, levantou-se sereno e falou sem afetação”...***

– O que o senhor enxergou nesta frase? Ela não tem nada! – objetou a senhora de inteligência vivaz.

Olhando de um lado para outro, novamente vigiando os movimentos de Odilon, elucidei:

– Com o perdão da palavra, eu enxerguei as nádegas...

– As nádegas?! – quase que perguntaram em coro.

– É claro! Se Clarêncio se “levantou” é porque ele estava sentado! E se estava sentado, espírito tem nádegas!

Concordam?

– Interessante! – tornou o nosso *arranhado* e humanizado “disco de vinil”...

– Interessante o quê?! As nádegas?! – balbuciou um dos mais moleques, levando todo o mundo a gargalhar.

– O Ministro Clarêncio não estava lá levitando, não! – disse, procurando controlar a turma. – Como qualquer mortal, ele estava sentado! Isso nos leva a inferir o quê?

– Que não faltam cadeiras no Mundo Espiritual! – respondeu alguém.

– Nem camas, porque André Luiz estava deitado! – observou outro.

– Que espírito não é uma *fumaçazinha*, que ande deslizando por aí! – intrometeu-se mais um.

– E que, evidentemente – disse eu –, com todo respeito, que o Ministro não estava despojado da região glútea!

– Interessante!

E emendei:

– Que ele é humano! Que somos todos humanos! A menos que, dentre vocês, haja alguém desprovido dos músculos glúteo máximos, médios e mínimos!

– Doutor – perguntou a Coordenadora, quase não se contendo –, o senhor vai colocar isso em livro?

– O quê?! Os glúteos?! Vou, sim, por que não?!...

– O pessoal do contra...

– Deixe o povo discutir se espírito tem nádegas ou não. Domingas, isso parece não ter importância nenhuma, mas é importantíssimo para a compreensão da anatomia dos *defuntos*, que somos nós! Temos ou não temos o direito de manter as nossas nádegas, e tão enrijecidas quanto possível?

– Interessante! – atalhou o boquiaberto companheiro.

– Qualquer coisa, a gente pode organizar uma passeata, Doutor!

– Pronto! Tem gente *infiltrada* aqui!...

– E com faixas , com dizeres à altura de...

– Alto lá! – aparteei, com a turma a se contorcer. – Reivindico para mim o direito de sugerir os ditos a serem estampados em defesa do bumbum, pois afinal de contas, estamos desencarnados, mas não *descarnados!*

A essa altura, com a aproximação de Odilon e Modesta, atraídos pela nossa algazarra juvenil, entramos em silêncio.

Será que alguém que promove um seminário para 150 Espíritos, no Mundo Espiritual, o estaria desenvolvendo em meio a uma algazarra? Será que o Dr. Inácio Ferreira, depois de dirigir um hospital psiquiátrico na Terra, durante cinquenta anos, estaria fazendo o papel de animador de auditório em espetáculo de baixa qualidade no Mundo Espiritual? E o ambiente retratado seria de tanto deboche, desrespeito e irreverência a ponto de causar preocupação com a chegada de dois outros Espíritos...

– **Sobre o que conversavam – perguntou Modesta –, que sorriam tanto?**

– **Deixem-nos participar também! – surpreende-nos o Instrutor, passando amistosamente o braço sobre o meu pescoço.**

Agora, coloca o Dr. Odilon no mesmo nível...

– **Sabem o que é – tentei explicar, piscando para a turma –, nós estávamos a falar sobre a fisiologia complexa de certos músculos esqueléticos que, não pertencendo, propriamente, à região lombar, nem tampouco à parte posterior da coxa...**

– **Ah, Doutor, simplifique: sobre as nádegas! – exclamou Odilon, a quem positivamente nada escapava.**

Entre sorrisos que se multiplicaram, confesso que só pude escutar a *fantasmagórica* voz, repetindo feito um badalo:

– **Interessante!... (343/346)**

Assim o “Dr. Inácio” termina seu livro “Estudando Nosso Lar”. Essa obra, como tantas outras escritas por esse Espírito fascinador que se apossou das faculdades do médium, é uma agressão à

Doutrina Espírita, à nobre figura de Francisco Cândido Xavier, ao Dr. Inácio Ferreira, a André Luiz e à sua obra magistral.

Deve ser lembrado que se essa obra se destinasse a esclarecer pormenores da vida no Mundo Espiritual, ela deveria ser dirigida a encarnados e não a desencarnados que, em auditórios, estariam a ouvir esclarecimentos e comentários a respeito daquilo que já constituiria a realidade deles. É, além de tudo, uma agressão, não só à Doutrina Espírita, mas também à argúcia do leitor.



Análise do livro "Fala, Dr. Inacio"

Médium: Carlos A. Baccelli

A obra apresenta uma modalidade mediúnica inusitada: uma conversa muito informal, descompromissada com a seriedade que seria de se esperar num diálogo – estabelecido num contexto que tenta se impor como espírita – entre um médium e um Espírito que se diz diretor de um grande hospital psiquiátrico situado no Mundo Espiritual, conforme declarado na sua obra "Na Próxima Dimensão", pág 13.

Não fica claro como se deu esse diálogo. O leitor não sabe como foram elaboradas as perguntas e como foram obtidas as respostas. Psicofonia? Psicografia?

Revela-se aí uma excessiva confiança no despreparo do leitor, que vai lendo, achando graça, rindo, sem analisar nada. Seria até de se perguntar, como Kardec qualificaria essa obra?

Na apresentação da obra já há uma defesa prévia, consubstanciada num ataque aos que analisam aquilo que leem: *"É óbvio que, no mínimo, o ouçamos com o respeito que nos deve merecer todo seareiro bem intencionado, sem, a pretexto de*

discordância e interpretação pessoal dos temas abordados, cassar-lhe o direito de falar, estendendo ao Além-Túmulo as sombras dos tempos medievais que, infelizmente, ainda pairam na Terra."

A argumentação falaciosa começa aí, imputando aos que usam o direito – e como espíritas, o dever – de examinar um livro, a condição de inquisidores medievais. Entendemos que, ao lançar uma obra, o autor deve estar preparado para receber a crítica feita pelo leitor. A análise, a crítica de uma obra é sempre necessária, e o autor que contra ela se insurge, demonstra ser ele, e não o leitor que está usando de métodos medievais. Analisar uma obra, e sobre ela externar sua opinião, é um direito legítimo que se aprende no Espiritismo. Quem quer impor silêncio ao leitor, ainda não se despiu do *magister dixit*, este sim, medieval.

A forma de diálogo seria uma caricatura da obra de Kardec, que usou esse método? O Codificador dialogou com Espíritos Superiores sobre magnos assuntos humanos e espirituais. Esse Dr. Inácio seria algum homônimo do Dr. Ignácio Ferreira a que se refere Manoel Philomeno de Miranda na obra "Entre dois Mundos" (págs. 145/146), psicografada por Divaldo Franco? Note-se o contexto em que ele é citado: "Encontramo-nos, porém, dispostos a seguir adiante, abrindo espaço para o futuro, como fizeram os nossos predecessores, particularmente o apóstolo da caridade, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, o eminente Dr. Ignácio Ferreira, o inesquecível médium Eurípedes Barsanulfo e muitos outros que se empenharam em atender os distúrbios mentais gerados nas obsessões de natureza espiritual."

Será que um Espírito que é citado entre esses dois luminares da Espiritualidade, citado como "eminente", estaria assim à disposição de um médium para tratar de assuntos banais, superficiais, às vezes, irreverente e levianamente? Onde a seriedade e a respeitabilidade da Doutrina Espírita? Onde se encontrou um diálogo dessa natureza na obra de Kardec e dos autores encarnados que o sucederam? E na obra de Francisco Cândido Xavier, de Yvonne do Amaral Pereira, de Divaldo Pereira Franco, de José Raul Teixeira? Dizer que um livro como esse é uma obra espírita é algo

inominável, é uma profanação. É mediúnica, mas não é espírita.

Leia estas páginas até o fim. Intei-se do que está sendo publicado e vendido em nome do Espiritismo, dessa Doutrina libertadora que custou suor e lágrimas daqueles que nos precederam. Leia e forme opinião. Saia do marasmo e do comodismo de muitos que, embora herdeiros da Verdade, numa postura de falsa tolerância, de caridade, até mesmo de pieguismo, deixam as coisas como estão. É a hora da verdade! Lembremo-nos do Cristo: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não, porque o que passa disto é de procedência maligna." (Mt, 5: 37)

Este, talvez o livro mais difícil de ser analisado, dessa produção em série, porque salvo alguns trechos, assemelha-se a uma conversa entre duas pessoas que não têm o que fazer e se põem a divagar sobre alguns temas espirituais, banalidades terrenas, através de perguntas e respostas de difícil classificação. Fico até a imaginar como será esse tipo de psicografia em que o médium dialoga com o Espírito...

Desta vez, deixo de comentar, item por item, como fiz em relação a outras obras do mesmo Autor. Note que há diálogos de teores variados, que vão desde a conversa banal, corriqueira, passando pelo achincalhe da mediunidade e dos espíritas. Além desses pontos, há a discussão superficial e equivocada de temas doutrinários, além de conselhos que se situam na contra-mão do Evangelho, no tocante ao relacionamento do médium com os dirigentes espíritas. Deixo a você esse encargo de analisar criteriosamente. Também você é responsável pela manutenção da respeitabilidade da Doutrina Espírita.

As perguntas em **negrito** são formuladas pelo Médium, e as respostas, em tipo normal, pertencem ao Espírito. Os números entre parênteses no final das respostas significam as páginas do livro.

– **Quer dizer que, embora desencarnado, o senhor não tem acesso a toda a Verdade?**

– Quem me dera! Nós, os desencarnados, em maioria

apreciamos a magnífica paisagem da Vida por um degrau – apenas um degrau – acima daquela em que vocês se encontram. Entre nós, *vivos e mortos*, a diferença está na densidade do corpo que nos reveste... (10)

– **Estamos muito distantes dela, da Verdade?**

– Assim como a Terra se encontra distante do Sol! Contentemo-nos com os seus reflexos... (11)

– **Quer dizer que poderíamos definir mediunidade como *sintonia dos limites*?**

– É uma boa definição. (13)

– **O médium é co-autor, Dr. Inácio?**

– Sim. (15)

– **No resultado final, de quem é a responsabilidade maior: do médium ou do espírito?**

– Eu diria que é do médium. (15)

– **É assim também com o senhor?**

– Quando é que entenderá que espírito é gente? Tenho emoções, variações de humor... Definitivamente, não sou um espírito de luz! (19)

– **Quem é o senhor?**

– Um espírito. (21)

– **Dr. Inácio, como vivem os espíritos depois da morte?**

– A morte não existe, portanto vivem como vivem os homens. (24)

– **Têm vida social, etc.?**

– Sim, deste Outro Lado, temos a “nossa” Terra... (24)

– **Como é que a vida se organiza?**

– Como se organiza por aí. (24)

– **Todas as profissões têm ocupação?**

– De modo geral, sim; no Mundo Espiritual, temos profissões que ainda hão de aparecer na Terra... (24)

– **Mas existe algum tipo de remuneração?**

– Sim. (24)

– **Existe Política por aí?**

- Política e, o pior, políticos... (24)
- **Há disputa de poder?**
- Claro, as trevas não vivem se opondo à luz? (25)
- **Os santos fizeram “milagres”...**
- Com um poder espiritual que lhes foi outorgado. Os santos eram médiuns: não curavam por si mesmos... (26)
- **Mas poderiam fazê-lo?**
- À exceção de Jesus, todos os que realizaram os chamados “milagres” foram simples instrumentos da Vontade de Deus. (26)
- **O senhor acredita na Graça Divina?**
- Acredito. (26)
- **São os espíritos que curam?**
- Não, como não são os médiuns... (27)
- **Não são os médiuns?!...**
- O que cura é a Medicina, e a Medicina vem de Deus. (28)
- **Dr. Inácio, vamos ter que interromper novamente o nosso diálogo: preciso ir ao banco pagar algumas contas que vencem hoje**
- Pois e! Depois reclama de sintonia, qualidade de produção mediúnica, dificuldade de recepção... (34)
- **A gente é casado, tem filhos...**
- Quem mandou? (34)
- **Como é que eu faço?**
- Vá ao banco, pague suas contas e volte... com o cérebro *danificado*. (35)
- **O espírito também progride no Plano Espiritual?**
- Onde estiver, seja no corpo ou fora dele, o espírito está sujeito à Lei da Evolução; o seu aprendizado não se interrompe. (51)
- **Toda pessoa é mesmo potencialmente médium?**
- Quanto mais perturbada, mais médium... (55)
- **O senhor está brincando...**
- Nem tanto... O médium aparentemente equilibrado, aprendeu a se conter. Alguns escapam por pouco de um surto psicótico. (55)

– **Dr. Inácio, preciso ir atrás de um pintor...**

– Quer me trocar por Da Vinci? (56)

– **Não, é que uma parede lá em casa está com infiltração.**

– Ah, um pintor de paredes! Sem demérito para ele, pensei que eu valesse mais...

– **Eu não posso deixar a parede...**

– Não, não pode, mas a infiltração lá está se infiltrando aqui. Deve ser muita água!...(59)

– **O senhor não se aborreça...**

– Sinceramente, eu não sei como você consegue ser médium. (59)

– **Para dizer a verdade, nem eu.**

– Talvez, justamente por isso, estejamos juntos nesta empreitada. (59)

– **Depois do almoço, a cabeça me pesa muito...**

– O que pesa é o estômago, não a cabeça: coma menos. (59)

– **Chico Xavier...**

– Chico Xavier, às vezes não tinha tempo nem de tomar banho. Não é o seu caso e o de tantos outros, que, além de tomarem banho todos os dias, passam muitos cremes no corpo – estão cada vez mais enrugados... (62)

– **Chico...**

– Chico, por vezes, ficava com a mesma roupa 3, 4 dias... (62)

– **O senhor aprova?**

– Quem sou eu para desaprovar em Chico Xavier alguma coisa?! (62)

– **Chico...**

– É melhor você ir atrás do seu pintor de paredes.(62)

– **Doutor...**

– Espero você amanhã... Câmbio, estou desligando. (67)

– **Todos os espíritos deverão passar pela experiência do homossexualismo?**

– Não diria isso. (68)

– **O médium homossexual deve ser impedido de trabalhar no centro espírita?**

– De maneira alguma! Agora, que ele também faça o possível para se conter, não é? (68)

– **Se conter?**

– Com seus trejeitos e... balangandãs! (69)

– **De modo geral...**

– Deixe-me concluir: os jornais espíritas têm “donos” – jornais e revistas! Estão a serviço de grupos, não da Doutrina. Infelizmente, o interesse pessoal está vigorando no Movimento. (70)

– **Só para determinado jornal, eu respondi a três entrevistas que não foram publicadas...**

– Eu sei, mas também quem manda você não contemporizar? Faça política... É o que esse pessoal quer: ser bajulado! Diga que eles foram personalidades ilustres em vidas anteriores, ligadas a Allan Kardec, etc. Você não mente... Como é que quer fazer parte da “panela”, se não entra nela? Corrompa-se, e você terá espaço. (71)

– **O médium...**

– O médium é incoerente: quando mais precisa trabalhar, delibera tirar férias... (105)

– **Mas, o Dr. Inácio Ferreira, um nome, inclusive, internacional...**

– Não deixava de ir ao banheiro todo dia! (108)

– **O Espírito Verdade não era Jesus?...**

– Elias, cumprindo a promessa de restabelecer todas as coisas, veio em espírito; o Espírito Verdade era João Batista! (115)

– **Dr. Inácio, o senhor se posiciona contra ou a favor do aborto?**

– Com a Doutrina, sou contra o aborto indiscriminado, sem, digamos, nenhuma indicação terapêutica. (127)

– **E quando se trata de gravidez ocasionada por estupro?**

– Quando se trata de estupro, creio que se deve dar à

mulher o direito de decidir, e respeitá-lo, seja qual for. (128)

– **Mesmo que ela decida pelo aborto?**

– A sociedade não pode obrigá-la a arcar com as consequências de tal violência. Ponhamo-nos no lugar da mulher aviltada em sua dignidade... A pretexto de ética religiosa ou o que o valha, não podemos traçar regras de comportamento para os outros. (128)

– **A mulher deve ter o direito de abortar o anencéfalo?**

– Creio que Deus, através dos progressos da Ciência, está nos dotando de meios a fim de que tenhamos certas provas suavizadas. Sabemos que a dor é benéfica para o espírito, no entanto, recorreremos ao analgésico. (131)

– **Então, a gravidez do anencéfalo deve ser interrompida?**

– Se os pais, e principalmente a mãe tomarem tal decisão, após a confirmação do diagnóstico, cabe-nos, repito, acatá-la sem recriminações. (131)

– **O senhor está fazendo graça, não é?**

– Estou provocando... (172)

– **Provocando a quem?**

– Os espíritas ortodoxos. Adoro fazer isto... (172)

– **Para quê?**

– Para que eles saibam que não podem me calar, que não são os donos do Movimento e nem tampouco os espíritos missionários que se supõem; são, na verdade, um bando de ingênuos... Tenho dito, me segurando para não dizer mais. (172)



Análise do livro “Fundação Emmanuel”

Médium: Carlos A. Baccelli

Ao tecermos estes comentários sobre o livro “Fundação Emmanuel”, não nos move outro propósito além daquele de promover uma discussão sadia, a fim de que possam ser esclarecidos pontos um tanto obscuros e outros que não nos pareceram consentâneos com a Doutrina codificada por Kardec, deixando claro que discutimos ideias e não pessoas.

Para maior facilidade e fidelidade, transcreveremos os trechos em estudo em **negrito**, seguindo-se os comentários em letra comum. Como os trechos já estão em **negrito**, não os colocamos entre aspas, deixando-as para usar onde o Autor as usou.

— **Então, – indaguei –, existem demônios?**

— **Não, na acepção da palavra... Deus é único e, no final, a Luz há de prevalecer sempre. No entanto, devemos admitir que, do ponto de vista intelectual, em seu aspecto**

avesso, existem espíritos que se confrontam com o Cristo quase em seu nível.

— **Quase em seu nível?**

— **Quase, Inácio... São espíritos tão altamente intelectualizados, que não temos cabeça para conceber-lhes a existência.**

— **E onde vivem? Nas adjacências do Planeta?...**

— **Estão em toda parte, mas o seu *habitat* preferencial é o interior do Orbe; enquanto o Senhor nos *atrai* para cima, eles nos *atraem* para baixo... (26 - 27)**

Sabe-se que a evolução do Cristo está muitíssimo acima de qualquer outro Espírito que a Terra conheceu, logo, esses Espíritos voltados ao mal – que estão próximos à evolução intelectual do Cristo – devem estar muitíssimo acima de todas as grandes inteligências que já se encarnaram no Planeta. É marcante o empenho desse “Dr. Inácio” no sentido de fazer propaganda do Mal.

— **É, mas ele, Chico, não acreditava que fosse a reencarnação do Codificador... (31)**

Qual a utilidade de bater nessa tecla desgastada, da reencarnação de Kardec? Que contribuição isso traz para o esclarecimento e melhoria das pessoas?

— **Em situações semelhantes, ele se viu muitas vezes, Odilon; as propostas que o próprio Clero lhe fez ou lhe mandava fazer, para que regressasse às suas origens, ou seja, ao seio da Santa Madre Igreja...**

— **Inclusive, tentando-o com dinheiro...**

— **Com muito dinheiro e prestígio, prometendo custear os seus estudos na faculdade em que desejasse se matricular, em Belo Horizonte e, ainda, lhe auxiliar a família. (35)**

Em que essa afirmativa contribui para a edificação do leitor? Onde os documentos ou testemunhas que possam comprovar acusações tão graves? Por que essas acusações contra a Igreja? Que benefício esse relato traz ao Movimento Espírita?

— **Aqueles sonetos perfeitos e de rara inspiração e beleza, “escritos” por um rapazinho que calçou o seu primeiro par de botinas com quase 15 de idade...**

— **Doado por um padre! – para mim, é o único senão da história. Ora bolas, será que em Pedro Leopoldo não havia ninguém que pudesse doar um par de botinas a um menino pobre? Tinha que ser um padre!... (36)**

O Dr. Inácio faz sempre questão de mostrar a sua aversão à Igreja e aos padres. Em que essa “gracinha” contribui para a difusão da nobre mensagem espírita? Qual a sua finalidade? Encher páginas de livro?

As páginas mediúnicas em questão se *inspiraram* no espírito de Allan Kardec, mas não foram evidentemente, inspiradas por ele.

— **A mediunidade – comentei – tem tantas nuances!...**

— **Muitas, Inácio, muitas nuances que carecem ser levadas em consideração no estudo do fenômeno. (38)**

É um tanto complicada essa questão de se inspirar no Espírito de Kardec. Parece vontade de confundir as coisas. Se um Espírito se inspirou nos ensinamentos de Kardec e fez com que a mensagem fosse atribuída a ele, trata-se de mistificação. Se o médium se inspirou, e deu a público como se fosse Kardec, foi animismo. Não se trata, portanto, de nuance mediúnica.

— **Exatamente. Os que correram os olhos mais detidamente sobre o livro “Paulo e Estevão”...**

— **Uma obra prima da literatura espiritualista!**

— **... perceberão, na excelente narrativa de Emmanuel, que Jesus, redivivo, toca diversas vezes a cabeça do ex-doutor do Sinédrio, que, num átimo, se converte...**

— **A súbita conversão de Paulo sempre intrigou! Ele não poderia se tornar um outro homem, apenas pela visão ao Cristo Ressurrecto... (39)**

A referência não confere com o que está no famoso livro de Emmanuel, que registra o seguinte: "o Mestre tocou-lhe os ombros com infinita ternura, dizendo, com inflexão paternal: — Não recalci- tres contra os agulhões!..."

Seria até irrelevante o fato de haver equívoco na referência ao local do toque de Jesus, não fosse o aspecto *milagroso* atribuído ao acontecimento: **Jesus, redivivo, toca diversas vezes a cabeça do ex-doutor do Sinédrio, que, num átimo, se converte.**

Diante do relato, poder-se-ia concluir que a conversão de Saulo não se deu por decisão própria, mas porque fora 'tocado pela graça', o que contraria frontalmente os ensinamentos espíritas. Não se nega o efeito benfazejo da presença do Mestre, mas a decisão coube a Saulo, mesmo porque, seria de se perguntar por que Jesus não convertera os soldados que o crucificaram.

— Sem a intervenção direta do Cristo, um espírito não logra cumprir a missão que Chico Xavier cumpriu sobre a Terra.

— Ah! — exclamei, com sinceridade —, como anelaria que Jesus me tocasse a cabeça com suas Divinas Mãos...
(40)

Será que o Dr. Inácio está querendo dizer que Chico Xavier foi "agraciado" com uma prerrogativa especial? Teria ele sido escolhido para a missão, não pelos seus valores espirituais, mas pela possibilidade de receber **a intervenção direta do Cristo**? O Autor parece não fazer distinção entre intervenção de ajuda, de amparo e interveniência no livre-arbítrio de um Espírito. Se o Mestre mudasse milagrosamente as pessoas, teria mudado Pedro, que não o teria negado. Teria transformado também a Judas, mas, um Espírito, quanto mais evoluído, tanto mais respeita o livre-arbítrio do próximo.

— O personalismo campeia entre médiuns e dirigentes...

— Necessitamos de rever a proposta de Unificação; o homem ainda não sabe ocupar qualquer condição de liderança, sem que o cargo lhe suba à cabeça. (42)

Depois de atacar espíritas e médiuns em outras obras, agora ataca a Unificação. Ataca essa realização gigantesca, que não encontra similar no mundo. Unificação que foi conseguida exatamente porque nela, o amor à causa superou as posições pessoais, graças à compreensão dos abnegados espíritas que a ela se dedicaram e se dedicam com denodo, por amor à Verdade. Esse Movimento *sui generis* causa admiração a todo aquele que o observa, seja do ângulo teológico, seja do sociológico, como um fato inusitado na História: Uma comunidade religiosa que se une em torno de uma Doutrina, em âmbito nacional, sem que ninguém tenha autoridade religiosa ou poder decisório sobre os demais. É a verdadeira realização da religião ensinada e exemplificada pelo Cristo, que se concretiza através do Espiritismo.

— Os centros espíritas devem guardar a sua independência; cooperar, sim, e sempre com toda iniciativa geral de caráter doutrinário, mas não se submeterem...

— A situação é delicada, Inácio. Em seu processo de hierarquização, foi que o Catolicismo começou a se perder. Em nosso meio, a liderança deve ser espontânea. (42 - 43)

É de se perguntar a que vem esse conselho extemporâneo aos centros espíritas, no sentido de não se submeterem. Não se submeterem a que ou a quem? Novamente, a confusão intencional entre esforço de unificação e processo de hierarquização.

Trata-se de um plano ardilosamente preparado para desestruturar a Unificação do Espiritismo, que vem sendo habilmente posto em prática, através de uma pregação baseada em pressupostos falsos. Àquilo que os mal intencionados chamam processo de hierarquização, os bem intencionados chamam de nobre esforço de trabalho conjunto.

— Os espíritos que integram a Fundação “Emmanuel” sempre se comunicam, usando o seu nome?

— Quando o médium lhes fornece abertura e se liberta de qualquer fixação mental, no que tange à identidade do comunicante, se lhes amplia o leque de possibilidades junto ao medianoiro.

— Quer dizer que a questão da identidade do espírito comunicante...

— Está mais afeta ao médium do que propriamente ao espírito, o qual, em última análise, se preocupa com a transmissão de suas ideias. (85)

Realmente, aprende-se com Kardec que não se deve valorizar uma mensagem pelo simples fato de ter sido assinada por alguém de nome ilustre, mas sim pelo seu conteúdo. Mas, ficar ao arbítrio do médium o uso do nome de um Espírito como Emmanuel...

— Por aqui também, Doutor, eles se reproduzem...

— Os gatos?! – indaguei, agradavelmente surpreso, olhando de soslaio para Odilon.

— Os gatos, os pássaros, as flores...

— Esse assunto de reprodução, depois da morte, é um dos que mais me interessam – observei. — Quer dizer...

— ... que a Vida, em qualquer dimensão em que se manifeste, prossegue inalterável, sublimando-se sempre. (97)

É interessante notar que o próprio Dr. Inácio, no livro “Na próxima Dimensão” (214 - 215), relata que vira uma espécie de rouxinol chocando, e, nesse momento, toma conhecimento do nascimento de crianças no Mundo Espiritual (sic). Agora, neste livro, demonstra surpresa ante a reprodução de gatos... Se essa reprodução fosse real, como o Dr. Inácio, depois de dezoito anos no Mundo Espiritual, sendo diretor de um hospital, ainda não soubesse disso?

Confesso-lhes que eu não conseguia tirar os olhos do ventre daquela menina que me passou a inspirar enorme simpatia.

— O senhor quer tocar-lhe o abdômen, Doutor? Érica não se importa e Gustavo não é ciumento.

Eu estava tão absorto e encantado, que mal pude atinar com a espirituosa brincadeira de Ferdinando. Como se aquela garota, que mais me parecia uma boneca falante de tão bela, fosse a filha que eu nunca pude ter, apalpei-lhe carinhosamente o ventre e, pasmem, a criança deu sinal de vida sob a minha mão... Os meus olhos se encheram de lágrimas e, notando minha forte emoção, Érica, que conseguia ser menor do que eu, ficou na ponta dos pés e me osculou a face.

— Você está realmente grávida concluí e isso, minha filha, será um problema!

— Um problema para nós, isto é, para mim e para o Gustavo?

— Não – respondi –; para os nossos irmãos na Terra!... A turma por lá...

— Eu sei, Doutor, é preconceituosa...

— Se fosse só uma questão de preconceitos, a questão não seria tão grave assim. É mais sério, porque se trata de ignorância mesmo! (98 - 99)

Quando André Luiz começou a fazer aquelas revelações extraordinárias, principiando pelo livro "Nosso Lar", não se preocupou com a repercussão que a obra provocaria na Terra: tinha a segurança própria dos que detêm a Verdade. O Dr. Inácio, repetidamente, manifesta sua preocupação com o que os espíritas estão dizendo ou irão dizer daquilo que ele revela... E tacha a todos aqueles que não aceitam as suas "revelações" de preconceituosos e de ignorantes!

Quando, através de Chico Xavier, André Luiz se referiu com palavras menos fraternas àqueles que não aceitaram de imediato suas revelações?

— Para quando será a criança, minha filha? – questione-
nei.

— Dentro de uma semana, completarei os cinco me-
ses...

— Faltam três, para oito...

— Não, doutor, o nosso tempo de gestação é menor –
se passar da data, não será muito.

— E de onde vem esse menino? – criei coragem e for-
mulei a pergunta que mais me intrigava. Mas, antes que um
dos dois, ou o próprio Ferdinando, me respondesse, me virei
para os amigos, que se mantinham em silêncio, e reclamei:
— Vocês vão me deixar sozinho nesta?... (100)

Será que o Dr. Inácio não sabe que uma gestação normal
dura nove e não oito meses? Através de seus livros, pretende fazer
revelações, mas será que essas *novidades* também são novas na
Colônia Espiritual onde estagia? Se isso fosse real, seria possível
que ele, diretor de hospital psiquiátrico, não soubesse – depois de
dezoito anos de desencarnado – de onde viriam os espíritos para
essas *encarnações espirituais*?

— É o bisavô de Gustavo que está *reencarnando* – dis-
se a jovem às vésperas de ser mãe.

— Ele reside em Plano Espiritual mais elevado, e cremos
que, talvez, se não tivéssemos desencarnado, fosse estar
conosco na Terra... Muitos necessitam dele por aqui...

— Acreditamos, Doutor, que seu próximo passo será
mesmo voltar ao convívio de nossos familiares no mundo –
observou o futuro genitor.

— O espírito, quando pretende se demorar em deter-
minada dimensão espiritual, inferior à que esteja presente-
mente habitando, necessita ganhar corpo – elucidou Ferdi-
nando, resumindo: — *Para cima*, ele tem que perder, *para
baixo*, ele tem que ganhar... (100 - 101)

Importa notar que aqui fica claro que um Espírito superior, para permanecer nessa colônia, deveria **ganhar corpo**, ou seja sofrer um processo semelhante à reencarnação terrena. Logo, não passariam por esse processo Espíritos inferiores.

— Quer dizer, então, que aqui só nascem – ou renascem – espíritos de maior elevação?

— No plano em que estagiamos, ainda não.

— Por favor, Ferdinando, seja mais claro – solicitei.

— Não é tão simples traduzir isto em palavras, porém vamos tentar. É que, além das dimensões espirituais que se nos localizam *acima* e aquelas que se nos posicionam *abaixo*...

— O próprio Umbral, a Crosta, as Trevas, o Abismo...

— Sim, além das mencionadas pelo senhor, existem as dimensões paralelas... (100 – 101)

Há uma flagrante contradição nessa pretensa revelação de **encarnações espirituais**, pois agora não fala mais em dimensões *acima*, mas *paralelas*... Essa gravidez no Mundo Espiritual, já **revelada** na obra "Na Próxima Dimensão" é tão absurda que nem merece mais comentários. Parece até que o Dr. Inácio está querendo testar o nível de conhecimento doutrinário dos espíritas, para não dizer o nível de bom-senso.

— Estou aqui com um exemplar do "Resenha Espírita da Crosta", nas mãos...

— Como?! – interpelei, admirado.

— Um periódico espírita com notícias da Terra e, em especial, do Movimento Espírita no Brasil.

— Impresso onde?

— Na "Fundação"... Circula internamente.

— Um jornal espírita no Além, com notícias do Aquém?...

— Do Aquém, Doutor, e do Mais Além! (124)

Lê-se exatamente o contrário dessa preocupação com o que ocorre na Terra, conforme o diálogo entre André Luiz e Lísias:

— *Mas não há recurso – indaguei – para recolher as emissões terrestres?*

— *Sem dúvida que temos elementos para fazê-lo, em todos os Ministérios; entretanto, no ambiente doméstico o problema da nossa atualidade é essencial. A programação do serviço necessário, as notas da Espiritualidade Superior e os ensinamentos elevados vivem, agora, para nós outros, muito acima de qualquer cogitação terrestre.*” (N. L., 127)

Em “Nosso Lar” não há interesse nem em notícias familiares, mas na “Fundação” há até jornais que veiculam falatórios terrestres...

— **Dr. Inácio, por favor, uma derradeira pergunta...**

— **Pois não.**

— **É verdade também o que o *Resenha* está dizendo?...**

— **A menos que os jornais daqui também se equivoquem como os da Crosta costumam se equivocar – respondi.**

— **“Aos espíritas que me criticam...” – leu o rapaz, em voz alta.**

— **“...ofereço, solenemente, uma banana!...” – não me esquivei de concluir, na alusão grotesca ao gesto feito com a mão esquerda apoiar-se no braço direito, tendo o antebraço voltado para cima com a mão fechada. (135)**

O diálogo acima se deu no encerramento de uma palestra que o Dr. Inácio teria proferido na “Fundação Emmanuel”. No encerramento, o Dr. Odilon, ao lado de conceitos elevados, não deixou de fazer uma defesa do Dr. Inácio, que logo depois foi protagonista, diante de imensa plateia, da cena acima descrita, que dispensa comentários...

— **Então...**

— Mas — justifiquei — essa história de eu *oferecer* banana aos espíritos é antiga, tão antiga, meu filho, que, a estas alturas, já deve ter virado um cacho inteiro delas!

É evidente que, uma vez mais, o meu propósito era o de provocar a descontração dos estagiários, que ficaram a gargalhar enquanto nos retirávamos. (136)

Será que o nobre orientador de Chico Xavier, conhecido pela sua austeridade — não só pelas suas páginas, mas também pelas informações do próprio médium — iria emprestar seu nome a uma *Fundação* onde fosse permitida a circulação de jornais, revistas e panfletos que veiculariam conteúdos inaceitáveis até mesmo em instituições terrestres? Esse tipo de imprensa e o nível do comentário parecem mais consentâneos com o Umbral...

Antes que eu prossiga com detalhes do diálogo que travamos, apenas a título de curiosidade, devo esclarecer que os quinze participantes do grupo revelavam, inclusive, estreita semelhança fisionômica com Emmanuel.

— O senhor deve estar imaginando — disse-me Orígenes com espontaneidade —, como se o meu pensamento para ele se desnudasse: — Emmanuéis em série, não é, Doutor?

— É!... — respondi, sem alternativa.

— O senhor sabe, naturalmente, que é o pensamento que nos plasma a forma, não?

— Sim! — É, então, por esse motivo, Doutor — prosseguiu Orígenes —, que muitos sensitivos, além de 'psicografarem' Emmanuel, chegam a vê-lo.

— Estou...

— ... bestificado!

— Se o senhor parasse de ler os meus pensamentos e de se apropriar de minha terminologia...

— ... eu agradeceria! — emendou, desculpando-se em seguida:

— Não leve a mal; é involuntário... A Área em que nos especializamos nos deixa de mente aguçada.

— Meu Deus, quantos Emmanuéis! – exclamei.

— Estes são os *originais*...

— Acaso existem os falsos?!

— É claro que sim, e em maior número. Por que o espanto, Doutor? O senhor, por ventura, acha que, em breve – muito breve –, não haverão de aparecer outros Inácios Ferreras operando mediunicamente?

— Tão falsos quanto o original! – respondi, ainda um tanto aparvalhado.

— Segundo levantamento que fizemos, só no Brasil, existem, presentemente, mais de cinquenta médiuns ‘psicografando’ Emmanuel!...

— Outros tantos Andrés Luizes, outros tantos Irmãos X, outros tantos Meimeis...

— Qual o seu nome, meu filho? – continuei, aproximando-me de um jovem que, para mim, era a cara de Emmanuel, o verdadeiro. O verdadeiro?! – perguntava, confuso, a mim mesmo. Que garantia possuía, já que eu nunca estivera, face a face, com o original?!...

— Eu agora estou falando sério... Por favor, você me poupe.

— O meu nome real não diria nada ao senhor e nem para os nossos irmãos médiuns que me ‘recebem’...

— Mesmo assim, eu gostaria de saber e, se possível...

— ... com carteira de identidade!

— Não! Todos aqui leem pensamentos?!

— Doutor, o meu nome é Joaquim da Silva.

— Um “Emmanuel” que é Joaquim!... E os demais, como se chamam?

Um a um, foram se apresentando:

— Carlos José! Francisco dos Santos! Luís Antônio! Marcus Vinicius! Pedro de Souza! Hermógenes Pereira! Luciano Alvarenga!...

Os outros nomes, tão comuns quanto os primeiros, poupar-me-ei de decliná-los, em protesto por não encontrar, entre eles, nenhum Inácio.

— Mas, — comecei a questionar — como entender-se, então...

— ... a diferença de estilo, Doutor, do Emmanuel de “Chico Xavier”, dos “Emmanuéis” de outros médiuns? — completou Orígenes. — O problema é que os mensageiros, como o senhor está podendo constatar, estudam, já os médiuns, não.

— Ah, isso é verdade! — apressei-me em concordar.

— De resto, no entanto, o que vale é a essência do pensamento.

— Ainda que, do ponto de vista do estilo, a mensagem deixe a desejar?

— A autenticidade doutrinária, ou seja, o conteúdo é a característica mais importante. Ressaltemos, porém, que os nossos mensageiros são todos instruídos no sentido de que auxiliem o médium a se libertar e...

— ... a independe do nome que assume a autoria do comunicado.

— Era o que estava me faltando: os espíritas ortodoxos de um lado e os padres de outro! Isto é um complô! Que denúncias?...

— De que, contra a vontade deles, estamos mantendo católicos internados aqui...

— E *louco* tem vontade, Manoel? Por que não se entendem com o Carmelita?...

— Insistem em falar com o senhor. Disseram inclusive, com base nas informações que receberam, que mantemos um arcebispo em regime de internação compulsória.

— Certamente estão se referindo a A., que acolhemos por solicitação de sua genitora.

— Se o senhor não os atender, ameaçam denunciarnos aos órgãos competentes; voltarão com um mandado judicial...

— Meu Deus!, isto aqui está parecendo a Terra ... E eu, que tinha esperanças de que, após a morte, tudo se modificasse radicalmente!

(...)

— Queremos que o senhor nos dê permissão para apurar certas denúncias.

— Seja mais preciso – solicitei.

— Sabemos que o hospital dirigido pelo senhor mantém aqui, contra a sua vontade...

(...)

— Trata-se, especificamente, de um arcebispo da Igreja... Poupe-nos uma ação judicial: é verdade que ele está internado neste nosocômio? (186 – 189)

Deixamos de comentar os trechos acima, remetendo o leitor à obra de André Luiz e de outros autores espirituais, que nos deram uma visão muito diferente dos Planos Espirituais organizados no Bem.

Menino e Stela vinham sendo tratados por nós há quase cinco anos e, quando foram transferidos para o hospital sob nossa direção, o quadro que compunham não dá para ser descrito, sem que nos arrisquemos a impressionar as mentes encarnadas ainda um tanto despreparadas. A entidade feminina vivia, "literalmente", no estômago do seu algoz. (210)

Mais uma vez, o Dr. Inácio se declara diretor do hospital...

Este é o caso de um apaixonado que matou sua amada e devorou-lhe as vísceras. No Mundo Espiritual, a infeliz ainda "vivia" dentro dele, sendo, mais tarde, necessário que ele a vomitasse.

— **É, então, um minicomputador...**

— Funciona como se fosse e é capaz de apontar, com precisão absoluta, desequilíbrios de risco para o organismo.

— Como, por exemplo, a iminência de um colapso cardíaco, alteração da pressão sanguínea?

— Taxas de glicose, oscilação de temperatura, presença de um microorganismo patogênico... (226)

Essas, as possibilidades de um aparelho que a parturiente trazia no braço... Haveria necessidade de comentários?

Como aquele tripulante português – o senhor conhece esta? – que, tendo subido à torre de observação da nau de Pedro Álvares Cabral, pôs-se a gritar em desespero: – “Terra na vista! Terra na vista!...”

O Dr. Hernani, que sempre apreciou uma boa anedota, gargalhou e perguntou:

— E daí?...

— Cabral lhe respondeu: — “Então, desça, infeliz, que o médico está no convés...”

— Dr. Inácio, e no caso não havia jeito: o tripulante era português mesmo, não é?

Nem o próprio Cairbar conseguiu conter o riso.

— Mas – tomou Hernani a palavra –, o senhor sabe aquela do papagaio que era médium?...

— A do papagaio português?

— Não, este era baiano: morava num terreiro de macumba... Não sei se era papagaio português reencarnado; o senhor sabe, a reencarnação torna tudo possível... Quando a coisa começou, ou melhor, a sessão de terreiro teve início, os médiuns incorporaram todos ao mesmo tempo e era só tamborete e tambor voando para todos os lados... O papagaio, coitado, mal teve tempo de se abaixar, e um tamborete quase lhe decepa o pescoço. — Currupaco! – disse ele no puleiro. — Ainda bem que sou *médium vidente*, pois, no caso contrário, teria desencarnado!... (241)

Depois de lermos as obras edificantes de Emmanuel, temos de ler piadas de mau gosto num livro que leva o seu nome... Onde

localizar esse Espírito na “Escala Espírita”, que Kardec mostra em “O Livro dos Espíritos”, a partir do item 100?

— O senhor aprende depressa, Doutor: conseguiu ler o meu pensamento... Com um pouco de treino, daria um ótimo “Emmanuel” (140 - 142)

Seria o caso do Doutor Inácio, coerentemente com o que diz, não assinar seus livros. Para que identidade? Para quem conhece um pouco da obra de Kardec e dos Espíritos equilibrados que se comunicaram através de Francisco Cândido Xavier, de Yvonne do Amaral Pereira, de Divaldo Pereira Franco, de José Raul Teixeira, seria necessário algum comentário sobre tudo o que foi dito acima?

— (...) Outra constatação digna de nota é o fato de que quase todos os artistas; em todas as épocas da Humanidade, retratarem a Augusta Face do Senhor de maneira praticamente idêntica! Não se sabe de ninguém que O tenha retratado ao seu tempo... (180)

Pelo contrário, é difícil encontrar-se alguém que tenha sido retratado de maneira tão diversa quanto o Cristo!

“— Inácio, meu amigo – dizia delicado cartão – , eu não me esqueci que amanhã, 15 de abril, seria o dia de comemorarmos o seu aniversário. Com o meu carinho e a minha gratidão, Modesta”.

Logo abaixo, estava escrito:

“— P. S. – O nome dela é “Mimi”. Foi atropelada ontem, quase em frente à sua antiga residência. Fiquei com muita pena dela e me lembrei de você. Só tem uma particularidade e espero que você não se importe: “Mimi” está grávida!...”

— Não, não é possível! – balbuciei, sentando-me na cama e acariciando o pelo sedoso da gata. (183)

Novamente, a gravidez no Mundo Espiritual. Desta vez, com a agravante de não ter-se iniciado lá, mas na Terra...

— **Desembuche, Manoel, antes que eu continue dizendo e escrevendo o que não devo...**

— **Dr. Inácio – esclareceu –, quatro padres estão à sua espera...**

— **Quatro?!... Um só já seria muito! Que desejam? Me converter?**

— **Estão pedindo permissão para uma visita ao Hospital, alegando que receberam graves denúncias.**

— **Meu caro Dr. Hernani – aparteu Odilon, aproveitando a deixa –, o senhor não repare, se precisamos ir; temos ainda uma visita a ser feita hoje...**

— **Que pena! – lamentou.**

— **Voltaremos para uma nova sessão de piadas – enfatizei. – Tenho algumas para lhe contar, mas só nós dois...**

— **Picantes?**

— **Piada espírita não tem graça, Hernani! (241)**

Será, ainda, necessário algum comentário?

— **De que se trata? – questionei Odilon.**

— **O sangue em sua roupa é consequência do seu condicionamento mental: todo ferido sangra... Além das fraturas, ele deve ter tido hemorragias internas e, certamente, foi o que ocasionou o seu desenlace.**

— **E o líquido avermelhado que continua a lhe escorrer da frente?**

— **Inácio, você não ignora que em nossas *veias* alguma coisa continua circulando, não é? O sangue é uma transubstanciação do princípio vital. Para nós, o perispírito é um envoltório quase tão grosseiro quanto o corpo feito de carne...**

— **O perispírito "sangra"? (256)**

Esse diálogo se dá ante a visão de um jovem que desencarnara em um desastre automobilístico.

O que causa admiração é o fato de, depois de dezoito anos no Mundo Espiritual, um médico, diretor de um hospital, nada saber da anatomia do perispírito...

Esconjuro-vos, ó adeptos da ortodoxia retrógrada de qualquer sistema religioso vigente no Planeta!... Afastai-vos! Deixai "Mimi" parir em paz!... Que tendes contra o dom divino da procriação em todas as dimensões? Por que somente vos supondes viris o bastante para o ato de fecundar? O que vos leva a crer que sejamos, após a morte, animais, dotados ou não de razão, anjos destituídos de orgasmo? Que Bastet, a deusa egípcia dos gatos, à qual rendo culto em minha herança idolátrica, se compadeça de vossas almas incrédulas e pecadoras!... Vós, que sequer sabeis onde tendes o nariz, não queirais intrometer-vos no que não é da alçada senão dos místicos e dos poetas. Se não vos considerais preparados para a Grande Iniciação, estacai vossos passos no pórtico do templo da Verdade! Retrocedei, ó vós que vos apegais à letra que mata —, mesmo que essa letra seja a da Codificação Espírita —, e não ao espírito que vivifica. Deixai "Mimi" parir em paz!... (270 – 271)

Como enquadrar esse Espírito e suas comunicações em "O Livro dos Médiuns"? Em "O Livro dos Espíritos" poder-se-ia classificá-lo nos itens 103 e 104, como Espírito leviano e pseudo-sábio, respectivamente.

— Quem se sente destituído de palavras, nesta hora, sou eu, o Chico que muitos de vocês conheceram, e não o Allan Kardec, o apagado Professor de outras eras, que nada mais fez do que compilar o ensino dos Bons Espíritos, e, como médium, continuou a fazer o mesmo trabalho — o trabalho de simples intermediário, de limitado intérprete do

que os Espíritos Amigos escreveram por minhas mãos...
(296)

As palavras acima teriam sido proferidas durante um pronunciamento de Chico Xavier na Fundação Emmanuel. Na sua infeliz tentativa de provar que Chico Xavier foi a reencarnação de Allan Kardec, o Dr. Inácio, contando com o desconhecimento de muitos espíritas a respeito da estatura intelectual do Codificador, coloca essas palavras absurdas na boca do Chico, através das quais, exagerando a humildade dele, desmerece a ambos, ao dizer que **Allan Kardec foi um apagado professor**. Nega, assim, ao insigne Codificador a condição de brilhante educador, de autor de planos educacionais que lhe valeram premiações do governo de França, de autor de mais de uma dezena de obras referentes aos mais variados campos do saber; de homem dotado de assombrosa inteligência e de cultura geral extraordinária, colocando-o na condição de um simples escriba, que teria desempenhado um papel inteiramente passivo, sem dar nenhuma contribuição intelectual nem moral à codificação do Espiritismo. Seria de se perguntar por que Jesus teria escolhido alguém com tal capacidade (vide "Cartas e Crônicas", cap. 28) para ser um simples compilador dos ensinamentos dos Espíritos Superiores.

— Quem me dera encerrar em mim tanta sabedoria e grandeza! Tenho vindo assim, conforme sabem alguns, desde os tempos da Hélade, quando, igualmente, na humilde condição de discípulo, registrei imperfeitamente para a Humanidade as inesquecíveis lições do mais sábio de todos os filósofos... Perdoem-me a referência, que faço com o único propósito de que os amigos me vejam como realmente sou, muito distante ainda da posição em que me colocam. Tanto como Allan Kardec quanto como Chico Xavier, eu poderia ter feito mais, se a minha condição humana o tivesse permitido! (296)

Prosseguindo na sua tentativa de lançar a dúvida e a confusão no meio espírita, esse Espírito ardiloso que se faz passar pelo Dr. Inácio Ferreira insinua que Chico Xavier, além de ter sido Allan Kardec, foi também Platão, apequenando a figura do eminente filósofo, colocando, também ele, na condição de simples anotador dos ensinamentos de Sócrates. Além do mais, essa declaração: **eu poderia ter feito mais, se a minha condição humana o tivesse permitido!** é inteiramente absurda, diante do que se aprende na Doutrina Espírita, pois o Espírito reencarna e vem dar seu testemunho no meio social que escolheu ou que lhe foi destinado, o mesmo acontecendo com a vestimenta física de que dispõe. Será que Chico teria sonhado em desempenhar sua missão fora da condição humana?

— **Muitos não aceitam que você é Kardec...**

— **E qual o problema? Já fui, não sou mais... Agrada-me ser Chico Xavier, a responsabilidade de ser médium é grande, mas é menor... Não é verdade, Odilon?**

— **É claro, Chico!**

— **Deus me livre de continuar sendo o Allan Kardec que querem que eu seja! E mesmo do Francisco que fui sobrou só o *cisco!*...**

— **Eu prefiro você como Chico – atrevi-me a dizer. Com o Codificador da Doutrina, não poderíamos ter uma conversa tão informal assim... Seria um despropósito e, para muita gente, uma heresia.**

— **Foi por esse motivo que eu pedi que ficassem para conversar comigo: vocês me conheceram como eu gosto de ser e como eu não quero deixar de ser!** (316)

Esse Dr. Inácio, em quase todos os seus livros, faz questão de abordar esse assunto, embora note, ele mesmo, que se trata de duas personalidades diferentes. É de se perguntar, qual a relevância desse assunto, ainda que fosse verdade? Revelação sem fundamento, de que nunca se ocuparam os Espíritos Superiores.

Pela insistência com que é trazida à baila, verifica-se que tal abordagem tem o fim exclusivo de causar confusão e de distrair os

espíritas, encaminhando-os a discussões estéreis, que são úteis apenas àqueles que desejam desmerecer a Doutrina Espírita.



Análise do livro “Infinitas Moradas” Médium: Carlos A. Baccelli

Análise do livro Infinitas Moradas, de autoria de Carlos A. Baccelli.

Comentaremos alguns trechos que nos pareceram estranhos, submetendo-os aos leitores, a fim de que avaliem as afirmativas contidas na obra, à luz da Doutrina Espírita.

Não se trata de uma análise completa, de todos os pontos que nos pareceram equivocados. Nessa obra há determinadas afirmativas e situações, cujos comentários nos levariam a um trabalho muito mais extenso, que tomaria quase as proporções de um outro livro.

Para maior facilidade, transcreveremos em **negrito** os trechos do livro, seguidos de nossos comentários, em letra normal.

— Então, Inácio,?... como é que você vem sentindo a repercussão do seu novo trabalho literário entre os companheiros da Terra?

— Não estou lá para receber as críticas diretamente... por esse motivo, de certa forma, a minha posição é cômoda. Lamento apenas pelo instrumento mediúnico, que fica exposto a tantas opiniões desencontradas... (11-12)

Mas a crítica dos confrades é a que nos incomoda, concorda?

— Plenamente, pois, em maioria, não são fraternas e escondem outros interesses... Perdoe-me Odilon, mas você me conhece bem: estarrece-me a estreiteza de raciocínio de tanta gente... O que eu lhes tenho dito, em minhas obras, não são nem dez por cento do que gostaria. Eu não me intimido, mas a pressão sobre o médium, que, diga-se de passagem, frequentava a minha casa desde a juventude, chega a ser impiedosa... (12-13)

Em todas as suas obras, o Dr. Inácio faz defesa dele próprio e do médium, ao tempo em que ataca aqueles que não lhe aceitam as ideias: "*estarrece-me a estreiteza de raciocínio de tanta gente...*"

Através de quem se processa essa pressão impiedosa a que ele se refere? Será a análise de suas obras? Não se lê, em lugar algum, referências desairosas ao seu médium. O que se tem visto são exames doutrinários, infelizmente em número muito reduzido, mas redigidos em linguagem respeitosa, sem qualquer referência menos fraterna, nem a ele, nem ao médium. Entretanto, o mesmo não se dá quando o Dr. Inácio se refere aos espíritas em geral, e aos médiuns em particular: ataca-os, numa linguagem agressiva, usando qualificativos incompatíveis com a sua condição de Espírito orientador que, além dos 50 anos de Doutrina Espírita na Terra, já contava com mais de 15 no Mundo Espiritual, conforme o livro "Do Outro lado do Espelho": "*O espírita tem a mania de se julgar sempre com a verdade.*" (16) "*Nós, os considerados mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem*

falamos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!...”(160)

Esse, o modo como se refere aos médiuns com quem trabalhou, no Sanatório...

A título de comparação, deve ser lembrado que ao ser publicado “Nosso Lar”, houve um grande impacto no meio espírita, que suscitou comentários os mais variados. Mas, nem na obra seguinte, “Os Mensageiros”, nem nas subsequentes, André Luiz fez qualquer referência àqueles que tinham dificuldade em aceitar-lhe as revelações. Nada comentou sobre o que pensavam ou falavam, na Crosta, sobre o que escrevera. É a postura de segurança, própria dos que estão com a Verdade.

— A continuar assim – perguntei –, é de se temer pelo futuro da mediunidade, não? Como é que faremos? Por outro lado, noto que a maioria dos médiuns que perseveram, principalmente no campo da produção literária, é incentivada por escusos interesses... (31)

Sempre o discurso desencorajador a respeito da mediunidade. Desencorajador e desrespeitoso, porque lançado a esmo, de maneira irresponsável. Quais são esses interesses escusos? É uma acusação leviana, escudada no anonimato, não do autor, mas dos acusados, o que dá na mesma. Não se nota nenhum pronunciamento dessa natureza, ao longo dos anos, feito por Espíritos como Bezerra de Menezes, Emmanuel, André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, Joanna de Ângelis, Camilo e tantos outros. Será que a Espiritualidade Superior conviveu com o erro, sempre calada, e agora o Dr. Inácio foi eleito o arauto da verdade? Será essa a maneira de se advertir algum irmão que labora em equívoco, ou será como está em inúmeras mensagens de alertamento da lavra de outros Espíritos? Esse tom panfletário é muito diferente do conteúdo dos caps. de 6 a 12 da obra “Os Mensageiros”.

— Não, eu não quero que o senhor concorde comigo; aliás, eu quero que o senhor me conteste... Eu não gosto de quem me passe a mão na cabeça... Está vendo? O senhor está me tolerando, mas não está nem aí... Quando eu estiver falando, quero que o senhor me olhe nos olhos...

— Estou olhando, Desidério – disse, fazendo o possível para não explodir. — Pode falar... Estou com conjuntivite; cheguei há pouco da Terra e, como sempre, havia muita fumaça lá embaixo... (...) (87)

Assim que ele se retirou, fazendo um esforço imenso para me controlar, pedi ao jovem enfermeiro que me chamasse, às pressas, o Manoel Roberto ao consultório. (90)

Essa, uma entrevista com um paciente, desenvolvida ao longo de uma conversa sem sentido, sem nenhum ensinamento, a não ser a revelação de que depois de desenvolver uma conjuntivite, a partir de uma contaminação adquirida na Terra, um psiquiatra do Mundo Espiritual, diretor de um hospital, quase se descontrolou ao final de uma conversa vazia, que tomou cinco páginas de um livro...

— A aquisição de novos hábitos demanda tempo... A não ser pelo seu desempenho, o espírito só se transforma pela Graça Divina, da qual necessitamos nos fazer merecedores. Enquanto não recebemos do Alto o que escapa à possibilidade dos homens, continuemos no processo de nossa reeducação, vertendo suor e lágrimas na construção de boas obras. (130)

Essa afirmativa é controversa, pois diz que a transformação do Espírito se dá pelo seu desempenho ou pela Graça Divina, esta obtida através do merecimento. Logo, para ter merecimento o Espírito tem que ter bom desempenho. A seguir, diz que devemos continuar nos reeducando, enquanto aguardamos o recebimento do Alto daquilo **que escapa à possibilidade dos homens**. Essa confusão entre lei do mérito e Graça Divina é própria de quem não tem nada a dizer e quer encher páginas de livro.

— Meu filho, mande os espíritas moralistas às favas; ninguém tem nada a ver com a sua vida e nem com a minha...” (131)

— A hipocrisia dos espíritas moralistas há de custar muito caro a eles mesmos! (132)

Sempre o mesmo palavreado vulgar e os ataques aos espíritas. Que quer ele dizer com “espíritas moralistas”? Hoje, criaturas revoltadas, inconformadas, rebeldes lançam, de modo intencional, a confusão – até nos meios educacionais – entre subserviência e humildade; entre repressão e disciplina; entre moralismo e moralidade, tachando pejorativamente de moralismo toda e qualquer tentativa de se vivenciar, no dia-a-dia, a ética, a dignidade humana ensinada no Evangelho de Jesus.

— De acordo, Inácio, com as informações que me chegaram, o ex-Arcebispo foi visto caminhando na direção do Vale das Religiosas e, por esse motivo, creio que ele tenha caído em poder delas. Necessitamos nos apressar, antes que elas o torturem e lhe arranquem os olhos...

— Arrancar os olhos?!... – questionou Manoel Roberto ao meu lado.

— Sim, elas poderão induzi-lo à cegueira e, neste caso, nada poderemos fazer.

— Ele ficará cego?...

— Com os órgãos visuais irreversivelmente lesados, comprometendo o seu futuro estágio no corpo de carne...

— Isso é possível? – tornou Manoel a perguntar.

— É claro que sim – respondeu Odilon –; por mais absurdo nos possa parecer, é claro que sim!... O corpo espiritual é suscetível de ser lesionado tanto quanto o corpo somático. (146 - 147)

De acordo com o que foi dito anteriormente, esse arcebispo teria hipnotizado um guarda para fugir. Que preparo tinha esse guarda? Por que se dirigiria ele a um lugar onde se colocaria em perigo? Será que ele não sabia? Nas obras de André Luiz fica-se sabendo

que as colônias espirituais organizadas no Bem têm guardas, mas muito bem preparados. (N.Lar, cap. 31) Se o arcebispo fugiu do hospital, como pôde sair da colônia onde o hospital se situa? Mas, como o Dr. Odilon já sabia que as religiosas iriam não só torturá-lo, mas também arrancar-lhe os olhos? Mesmo que lhe produzissem cegueira, ele não se recuperaria antes de sua próxima encarnação? E os que desencarnam cegos, amputados, como se recuperam no Mundo Espiritual? Além do mais, a cegueira não teria decorrido de um estado consciencial negativo, mas da ação de outros Espíritos...

— Ser-nos-ia possível encontrar doadores por aqui? — insisti, já quando alcançávamos as portas do hospital.

— Em nossos laboratórios de pesquisa médica, que não ficam localizados por aqui, os cientistas desencarnados conseguem, com quase absoluta precisão, reproduzir, tecnologicamente, determinados órgãos que nos sobrevivem no corpo espiritual; o globo ocular é um deles.
(178 – 179)

Se existisse, realmente, transplante de órgãos no Mundo Espiritual, será que o Dr. Inácio – depois de desencarnado há quinze anos – não saberia? Além do mais, essas “próteses” perispirituais contrariam tudo o que se aprendeu até agora acerca da dinâmica do perispírito.

— Como é que ela se chama? — perguntei com o coração aos saltos.

— Iaporé!...

Confesso-lhes, sem exagero, que tive que me escorar em Manoel Roberto, para não desfalecer.

— Iaporé? — insisti, não acreditando.

— Sim, ela teria morrido procurando o filho que se perdeu na mata; de tristeza, nunca mais quis voltar para a tribo...

— Meu Deus! — exclamei com as ideias turbilhonando.

— Não é possível, Odilon! Deus deve estar brincando

conosco...

O nosso Pai nunca brinca, Inácio, com coisas tão sérias assim... – redarguiu Odilon, com bondade.

Praticamente aos berros, sem que ninguém entendesse nada, muito menos Hulda, que, certamente, me tomou por um demente a mais naquele hospital em que tudo acontecia com tanta velocidade, deixei-os e caminhei pelos corredores, chamando com insistência: (182 – 184)

Digna de nota é a fragilidade do Dr. Inácio, médico psiquiatra, diretor de um hospital: quase desmaia ao ouvir o nome que uma das enfermeiras do seu hospital tivera em encarnação anterior. Depois, acha que Deus está brincando com ele, simplesmente por dar-lhe a oportunidade de identificá-la. A seguir, ao invés de, serenamente, solicitar a um auxiliar que fosse chamá-la, sai à sua procura **praticamente aos berros**. Note-se que o Dr. Inácio não tem nenhuma ligação afetiva com essa criatura. Imaginemos se ele reencontrasse o seu avô, como André Luiz encontrou o seu, conforme relato no livro “No Mundo Maior” (cap. 18), como reagiria?

— Do jeito que andam as coisas na Terra e sobrando espíritos aqui, a qualquer hora a gente reencarna e não fica nem sabendo: quando acordar chorando no berço, não se pode fazer mais nada...

— O senhor tem cada uma! – disse Manoel, acostumado às minhas esquisitices. (193)

Esse diálogo estranho se deu depois que o Dr. Inácio acordou de um pesadelo, em que teria reencarnado. Como soam essas brincadeiras aos ouvidos daqueles que estão ingressando no Espiritismo, ávidos de informações sérias? O que se pode aproveitar desses livros que se constituem numa sequência de relatos entremeados de gracinhas e de banalidades? Quando nos assalte qualquer dúvida sobre a validade dos livros do Dr. Inácio, é só consultar a obra de André Luiz e verificar a seriedade e a profundidade com que são tratados os assuntos, devidamente

separados em capítulos, cujos títulos indicam a matéria neles contida.

— **Porque o Matusalém está aí fora...**

— **O Matusalém, aquele velho?!**

— **Não o da Bíblia, Doutor.**

— **É – ironizei –, pois eu pensei que fosse; mande-o entrar... *Morri*, mas continuo sem saber o que sou: se médico ou paciente, espírita ou – Deus me livre! – padre confessor...**

Matusalém – permitam-me esclarecer-lhes – é como chamamos um dos espíritos mais velhos que conheço no Mundo Espiritual – há mais de 300 anos não reencarna e não há quem o faça mudar de ideia... Bem, pelo menos, não fazia.

— **Olá, meu velho amigo! – disse, estendendo-lhe a mão.**

— **A que devemos a honra de semelhante visita?**

— **Eu queria, Doutor, conversar um pouco; acho que, ultimamente, ando com a cabeça meio fraca...**

— **O que está havendo? Não me diga que se apaixonou!...**

— **Não troce comigo, Doutor; o senhor sabe que eu sempre vivi isolado – morei muito tempo sozinho, afastado da civilização...**

— **Dos vivos e dos mortos, não é?**

— **Sim; eu não me interesso por gente... Gosto de viver no meu canto, sem ser incomodado. (...)**

— **Deixe-me contar tudo direitinho. Eu vivo perto daqui e ninguém se incomoda comigo; os espíritos que vagueiam sem rumo sabem que nada tenho e muitos deles até me tomam por louco... De fato, às vezes eu tenho reações furiosas.. Apesar de velho, sou um homem forte e a minha mão é pesada. Pois bem, tempos atrás, não sei precisar quando, as coisas começaram a mudar. Quando fui buscar água na bica, apareceu-me uma morena que eu nunca tinha visto por estas bandas...**

— **Uma morena?! – aparteei, não contendo a imensa vontade de sorrir e... adivinhando o resto da história.**

— **Ela puxou conversa comigo e não sei por quê eu a senti tão indefesa!...**

— **Eu sei!**

— **O senhor a conhece?**

— **Não, não é o que estou querendo dizer... Prossiga, Matusalém.**

— **Doutor, eu nunca me apaixonei, mas ... Eu não sei. Alguma coisa grave aconteceu comigo. A voz dela soou aos meus ouvidos como se fosse música e... Fiquei hipnotizado. Ao invés de sair correndo, não; dei prosa para ela e a coisa foi ficando pior... E o sorriso dela, então? (239 – 242)**

O trecho é por demais estranho: Como é diferente a organização desse “mundo espiritual” do Dr. Inácio, comparando-se com os relatos de André Luiz, de Otília, de Manoel Philomeno. Como conciliar aquele clima de seriedade, responsabilidade mostrada em “Nosso Lar” com essa informalidade desse plano habitado pelo Dr. Inácio? É só lembrar do nível da conversa do Ministro Clarêncio com aquela irmã a quem recebeu no seu gabinete (cap. 13) e esse bate-papo do Dr. Inácio com Matusalém. Como pôde ficar esse Espírito durante 300 anos morando nos arredores da colônia espiritual a que pertencia o hospital do Dr. Inácio? E esse Espírito pediu uma entrevista como alguém que marca uma consulta na Terra? Diz que resolveu reencarnar para acompanhar alguém por quem se apaixonara, como se tudo estivesse ao seu alvitre. E o Dr. Inácio fazendo chiste o tempo todo... Nota-se agora, o esforço desse Espírito, que já deixou tantas mensagens de descrédito à mediunidade, tentando desacreditar também a reencarnação.

Por exemplo, não anda longe o tempo em que a Medicina descobrirá certa similaridade, no que se refere à forma exterior, dos legumes e dos frutos com os órgãos do corpo humano, características indicativas de que tais frutos e legumes são altamente benéficos aos órgãos que lhe

correspondem...

— **Como no caso do tomate e da próstata?...**

— **Exatamente – esclareceu o Dr. Hélio Angotti, ultimando preparativos.** (254)

Por que, o Dr. Inácio, um psiquiatra com mais de meio século de experiência na Terra, com mais de quinze anos de psiquiatria no Mundo Espiritual, não aborda questões referentes à sua especialidade, dando continuidade às discussões de temas levantados por ele enquanto encarnado, fazendo assim uma ponte entre a psiquiatria praticada dentro dos parâmetros materialistas e aquela vivenciada por ele na atualidade? Como aquele psiquiatra que deu grande contribuição à sua especialidade agora se propõe ao endosso de ideias como essas acima?



Análise do livro "Na Próxima Dimensão"

Médium: Carlos A. Baccelli

Ao lermos um livro novo sempre surgem questionamentos, para os quais buscamos respostas, que deverão ser claras para nós, antes de as "passarmos para frente", principalmente se estamos na condição de expositor, de evangelizador ou de escritor. Atualmente, nota-se uma onda avassaladora de novas obras, algumas até atraentes pelas novidades, mas que postulam leitura atenta e análise criteriosa, a fim de que os malefícios de um deslumbramento inoperante não nos atinjam. O livro em pauta, psicografado por Carlos A. Baccelli, tem a autoria espiritual atribuída ao Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra, um dos primeiros especialistas da área a ter a coragem de declarar-se espírita e, nessa condição, tratar muitos pacientes. Causa estranheza, nessa obra, o ilustre clínico apresentar-se como personagem controversa, rude mesmo, cuja tônica, nesta e em outras obras, é atacar os espíritas e mais particularmente os médiuns. Entretanto, não é apenas a sua postura pessoal que causa estranheza, mas determinadas "revelações", que merecem cuidadosa análise. Reparto com meus irmãos as minhas dúvidas,

por julgar que, não tendo o Espiritismo “autoridades doutrinárias”, cabe-nos a todos nós, espíritas, o dever de preservar-lhe a integridade e a pureza.

Nas citações a seguir, os trechos em **negrito** foram transcritos da obra citada; os números entre parênteses se referem, às páginas:

“Eu não habitava nenhuma região etérea, feita, como imaginava, de matéria quintessenciada: aos meus sentidos, tudo era quase igual, inclusive eu, que aos poucos me modificara em minha intimidade.”(11).

Não é fácil entender, como um Espírito, que estudou o Espiritismo durante a sua encarnação, que conheceu as descrições claras e palpáveis de André Luiz sobre a continuidade da Vida, e como esta se organiza no Mundo Espiritual, pode, depois de já ser diretor de um hospital na colônia espiritual que o acolhera, ainda ficar espantado com a “materialidade” das coisas que o cercavam. Além do mais, o psiquiatra espírita, Dr. Inácio Ferreira, manteve, enquanto encarnado, contato com o Mundo Espiritual, durante décadas, através da mediunidade segura de Maria Modesto Cravo.

“Ainda lutando para me adequar à nova realidade, quando vi que a minha biblioteca estava sendo desfeita – o recanto em que eu passava a maior parte do meu tempo ocioso –, provoquei um encontro espiritual com Chico Xavier e, por via mediúnica, solicitei àquela que fora minha esposa no mundo que não continuasse dispersando meus livros: eu ainda necessitava deles, não para compulsá-los, mas é que, depois de perder o corpo, a sensação de perda que nos acomete é muito grande, para que nos conformemos em perder mais alguma coisa.”(12).

É estranho, também, o fato de um Espírito em quem seria natural presumir-se equilíbrio e desapego, ter acesso à mediunidade e ter ocupado o precioso tempo de Chico Xavier para dar um recado de sua preocupação com a biblioteca que deixara na Terra. Estava

no Mundo Espiritual ou ficara agarrado às coisas materiais? Note-se que se trata de um psiquiatra que estudou Espiritismo durante décadas!

"(...) grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob minha responsabilidade (eu não sei quando é que vou me livrar desse carma!)"(12)

Difícil, também, é imaginarmos que alguém, a quem tivesse sido concedida a direção de um hospital, considerasse a nobre tarefa como um carma, quando se aprende na Doutrina algo como a "honra de servir"...

"(...) eu não sei a causa de, ao nos tornarmos espíritas, passamos a achar que somos privilegiados..."(17).

"Os médiuns, Inácio, acham que a mediunidade corre por conta dos espíritos; quase nenhum quer ser parceiro ou sócio e entrar com a parte que lhe compete..."(21).

"(...) mil vezes combater os padres que os espíritas!... Qualquer que ocupe um cargo de direção, vira a cabeça e passa a se acreditar um espírito encarnado investido de elevada missão..."(30).

"O espírita necessita, com urgência, de se conscientizar de sua indigência..."(33).

"Eu já tinha ouvido falar de alguns espíritas que apregoam um Espiritismo sem espíritos..."(40).

"(...) os espíritas, com raras exceções, acham que são os tais: colocam a mão no bolso e olham os outros por cima da cabeça, como se o conhecimento espírita, por si só, lhes concedesse supremacia..."(88).

Atualmente, afirmativas como essas não se encontram nem nos pronunciamentos daqueles poucos que ainda atacam o Espiritismo e os espíritas. Trata-se de uma generalização leviana, capaz de suscitar defensores dos espíritas até dentre pessoas que não professam a Doutrina, mas que respeitam a maioria dos seus profíctes.

"É uma questão que, infelizmente, ainda há de suscitar muita polêmica entre os espíritas que mourejam na carne, mas, para determinado segmento espiritual, no qual eu me incluo, isto é ponto pacífico. São notáveis as "coincidências" ou os pontos de contato entre as duas personalidades, inclusive na semelhança física..." (54).

Alguns argumentos apresentados em defesa dessa tese, a começar por esse apresentado acima, referindo-se à semelhança física entre Kardec e Chico Xavier, constituem um verdadeiro atentado à capacidade de comparação, de análise e à própria lucidez do leitor.

Além do mais, se o próprio Dr. Odilon reconhece que o assunto irá "suscitar muita polêmica", por que ele o traz à discussão? Não se entende o motivo por que um Espírito venha trazer lenha à fogueira da inócua e inoportuna discussão que se estabeleceu a respeito de Chico ser a reencarnação de Kardec. Quanta gente, que poderia empregar melhor o seu tempo, irá demorar-se em conjecturas e pesquisas? Para quê? Em que isso contribui para a divulgação do Espiritismo, para o esclarecimento e a evangelização dos espíritas?

Neste contexto, vale a pena transcrever advertência de Emmanuel em se referindo a outra tese, defendida via mediúncia, que causou muita discussão inócua: *"As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem opiniões contraditórias da Humanidade (...)*.

São dignos de nota alguns argumentos apresentados pelo Dr. Inácio em defesa da tese:

"(...) o casal havia renunciado a qualquer tipo de convivência mais íntima na esfera sexual, para dedicar-se aos valores do espírito, e, tanto assim que ambos não geraram herdeiros diretos (...)" (56).

Causa também estranheza essa "revelação", que invade a intimidade do casal, talvez na tentativa de mostrar que a abstinência

sexual vivida pelo Chico já lhe era habitual... Ou talvez para pôr em relevo uma "conduta monástica"?

Será que, no caso de Kardec, não seria mais racional e humano deixar o assunto por conta do seu plano reencarnatório que poderia ter previsto uma esterelidade, sua ou da esposa? Até para que não ficasse na Terra alguém que quisesse continuar uma "dinastia kardequiana"?

"É inegável que a obra de um é o complemento da outra: a mesma linha de pensamentos, a mesma terminologia, a mesma luz..." (57).

Essa mistura de afirmações é que leva muitos leitores a não observarem o restante de um período que contém uma verdade, seguida de afirmações discutíveis. É inegável que a obra de Chico Xavier é um desdobramento da Revelação codificada por Kardec, mas isso não serve como prova de que o autor seja o mesmo, pois qualquer outro grande Espírito poderia tê-lo feito. Entretanto, no rastro dessa verdade, vem a argumentação falaciosa, atribuída a Antusa, em favor da tese: ***"a mesma linha de pensamentos, a mesma terminologia, a mesma luz..."*** Ora, é claro que a "linha de pensamentos" tem de ser a mesma, vez que é a própria expressão doutrinária. Quanto à terminologia, qualquer Espírito, encarnado ou desencarnado, expondo o pensamento espírita deverá usar a mesma terminologia. Igualmente diga-se da ***"luz"***, que deve ser aquela própria de um Espírito Superior que se proponha à missão de desdobrar a Doutrina Espírita. Se, entretanto, com a afirmativa pretendeu comparar estilos, pouco se tem para definir um ***"estilo"*** do Chico, mesmo porque, quanto melhor o médium, menos o seu estilo se revela. E se formos nos basear no pouco que escreveu, a prova é exatamente contrária ao que foi argumentado.

E o que dizer da "Saudação de Allan Kardec", psicografada por Júlio César Grandi Ribeiro, na noite de 2 de janeiro de 1984, na comemoração do centenário da Federação Espírita Brasileira e transferência de sua sede para Brasília, conforme publicado no "Reformador" de março de 1984?

Entretanto, aqueles que quiserem continuar argumentando, sabemos que poderão dizer o Chico poderia ter deixado seu veículo físico em Uberaba e ter ido a Brasília, feito toda uma revolução psicológica em si mesmo, a fim de apresentar-se como Kardec...

Bem, vamos ao restante do livro: Conversando sobre a possibilidade de o Chico comunicar-se em breve, o Dr. Inácio diz não acreditar isso possa ocorrer. O Dr. Odilon concorda, mas diz que **"o seu pensamento, que continua a se irradiar, será captado diferentemente, por diversos medianeiros..."** e arremata: **"Quando o espírito não vai ao médium, o médium vai ao espírito..."** Depois, explica: **"Na ânsia de obter contato com determinada entidade, o médium provoca a sintonia, apropriando-se do seu pensamento (...)"** Não satisfeito com a explicação, o Dr. Inácio diz-lhe: **"Mas aí não é o espírito..."**, ao que ele responde: **"Não é nem deixa de ser."** Continuando seus "esclarecimentos", diz ser necessário levar em conta o problema da *sintonia direta* e *indireta*, afirmando: **"Na primeira temos o fenômeno genuíno; na indireta a participação do médium sobrepõe-se à do espírito que está sendo trazido à baila..."** E para que o assunto fique ainda mais ambíguo: **"Quer dizer que o espírito não vem; ele é trazido?..."** E a resposta do Instrutor: **"Sim e não"**.(116 / 118).

Pode-se prever que, lendo isso, haverá muita gente querendo se apropriar desse pensamento do Chico que "se irradia". Não serão essas afirmativas um convite ao estabelecimento de um clima de descrédito da mediunidade?

"(...) também sou suscetível a periódicas crises de depressão... Afinal, ao que me consta, ainda sou gente, não é?"(138).

Causa estranheza o fato de um Espírito que é o diretor de um hospital no Mundo Espiritual sofrer crises de depressão, e usar de uma argumentação infantil para justificá-la.

"Li o seu livro, que se converteu em best seller, uma única vez e não tive oportunidade de ler, detalhadamente, os demais que lhe constituem a famosa série; desculpe-me,

mas para ler, como a maioria dos espíritas, sempre fui um tanto preguiçoso...”(207/208).

O diálogo acima está num pretenso encontro com André Luiz, em “Nosso Lar”. Fica difícil entender como um Espírito que tem tanto amor à biblioteca, a ponto de incomodar um médium do porte de Chico Xavier (12), para que sua esposa não dispusesse dela, agora dizer que tinha preguiça de ler. E, para não perder a oportunidade, mais um ataque aos espíritas!

“(...) Doutor, estou apenas admirando o seu modo transparente de colocar as coisas... Isso talvez seja uma virtude também rara por aqui, depois da morte” (210).

É realmente absurda essa declaração atribuída a André Luiz. É absurda porque seus livros são exemplos vivos de transparência nos diálogos entre Espíritos. O próprio André Luiz experimentou, por várias vezes, a advertência clara, sem subterfúgios, transparente, conforme registrado nas seguintes páginas da obra “Nosso Lar”, em diálogos com o médico Henrique de Luna (32 e 33), com Lísias (39, 47, 69 e 73), com o Ministro Clarêncio (43, 44, 76, 77, 78, 81 a 84), com a sua mãe (88, 89, 93), com a senhora Laura (137 e 138). Isso, sem nos referirmos a todas outras obras de André Luiz, onde a transparência, a limpidez nos pronunciamentos se revela de forma a servir de modelo a nós encarnados.

Como é que poderia, um Espírito que vivenciou e relatou tantas situações como as citadas acima, de repente, perder o compromisso com a Verdade e generalizar essa acusação de falsidade sobre os habitantes da colônia “Nosso Lar”?

“Mas, respondendo-lhe, digo-lhe que é preciso que eu esqueça, assim como não mais me lembro de que, um dia, fui Carlos Chagas, haverei de me esquecer de que sou André Luiz...”

- Você não era Osvaldo Cruz?... indaguei sem vacilar

- Não!..

- E por qual motivo não se identificou desde o início?

- A obra do médium Xavier não necessitava do meu nome para lhe conferir credibilidade e, depois, precisávamos evitar maiores problemas para a Doutrina...

- Está se referindo ao caso envolvendo a família do escritor Humberto de Campos?

- A ele e ao estardalhaço que a imprensa leiga haveria de promover; se o próprio Emmanuel constitui pseudônimo, por que eu não poderia ter feito o mesmo?... E Frederico Figner, porventura, não adotou o pseudônimo Irmão Jacó, em tributo à sua origem judaica?" (210).

Mesmo que houvesse provas irrefutáveis de que André Luiz foi Carlos Chagas, pergunta-se em que esse conhecimento contribuiria para melhor divulgação e aceitação do Espiritismo? Afirmação extemporânea, inconsequente, que assume caráter mais grave, diante do fato de o famoso cientista ainda ter descendentes encarnados. Será que os Espíritos que se sentiram autorizados a fazer semelhante revelação não tiveram acesso a dados referentes à vida de ambos? Vejamos:

Não é difícil calcular a época da desencarnação de André Luiz, tomando-se por base suas conversas com Lísias: "*Talvez não saiba ainda que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos.*" (N.L., pág. 47). Em agosto 1939, André Luiz ouvia Lísias, que lhe falava sobre a iminência da Segunda Guerra Mundial (N.L., pág. 132). Daí pode-se deduzir que já estivesse desencarnado há, pelo menos, nove anos, portanto em 1930, vez que já estava perfeitamente sadio.

Há, ainda, outros registros que permitem saber que André Luiz desencarnou em 1930: São suas estas palavras: "*Meu pai, igualmente, fez a grande viagem, três anos antes do meu trespasse.*" (N.L., pág. 47). Em conversa com sua mãe, esta comenta: "*Ah! teu pai! teu pai!... Há doze anos está numa zona de trevas compactas, no Umbral.*" (N.L., pág. 91). É apenas questão aritmética: Se estão conversando em 1939, e a mãe de André Luiz diz que seu pai de-

sencarnara havia doze anos, logo a sua desencarnação se dera em 1927; como o filho desencarnou três anos depois, só pode ter sido em 1930, possivelmente aos 40 anos, pois clinicou apenas 15 anos, conforme declaração de Clarêncio, citada abaixo. Carlos Chagas desencarnou em 1934, aos 55 anos.

Além do mais, André Luiz fica perfeitamente caracterizado como clínico, pelas palavras de Clarêncio: "*(...) nos quinze anos de sua clínica, também proporcionou receituário a mais de seis mil necessitados. Verbalmente pede qualquer gênero de tarefa; mas, no fundo, sente falta dos seus clientes, do seu gabinete, da paisagem de serviço com que o Senhor honrou sua personalidade na Terra.*" (...) Logo depois de graduado, começou a receber proventos compensadores, não teve sequer a dificuldade do médico pobre, compelido a mobilizar relações afetivas para fazer clínica. Prosperou tão rapidamente que transformou facilidades conquistadas em carreira para a morte prematura do corpo. Enquanto moço e sadio, cometeu numerosos abusos, dentro do quadro de trabalho a que Jesus o conduziu." (N.L., pág. 81).

Nessa referência ao desempenho profissional de André Luiz na Terra, nada que pudesse identificá-lo com o eminente cientista: pesquisador, bacteriologista e sanitarista, que foi Carlos Chagas, que ingressou, ainda na condição de acadêmico, no Instituto Bacteriológico Osvaldo Cruz, de que viria a ser diretor (1917 -1934). Cientista reconhecido mundialmente, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; recebeu o título *Magister Honoris Causa* das Universidades de Harvard e de Paris; pertenceu às academias científicas de Nova Iorque, Paris e Lima; foi premiado com medalha de ouro pela Universidade de Hamburgo (Prêmio Kummel); passou dois anos viajando pelo vale amazônico, levantando a carta epidemiológica da região; à frente de campanha profilática, erradicou a malária na cidade de Santos. (Grande Enciclopédia Delta Larousse).

No desempenho profissional, nada que identifique André Luiz com Carlos Chagas. Este foi bacteriologista desde os tempos de estudante: André Luiz foi médico de consultório, conforme declarado

por Clarêncio e por ele próprio: *"Não nego a sua capacidade como excelente fisiologista, mas o campo da vida é muito extenso."* (N.L., pág. 82). Mais adiante, é o próprio André Luiz que declara sua condição de médico: *"Perdi muito tempo na vaidade inútil, fiz enormes gastos de energia na ridícula adoração de mim mesmo... (...) No fundo, era o desejo de continuar a ser o que tinha sido até então – o médico orgulhoso e respeitado, cego nas pretensões descabidas do egotismo em que vivia, encarcerado nas opiniões próprias."* (N.L., pág. 143).

Há, ainda outros dados que podem ser comparados: André Luiz teve um filho e duas filhas; Carlos Chagas teve dois filhos. André Luiz desencarnou de câncer, no intestino, depois de sofrer duas operações graves, devido a oclusão intestinal (N.L., pág. 32); Carlos Chagas desencarnou subitamente, na sua mesa de trabalho. (Correio da Manhã, R. J., 09.11.34). Carlos Chagas ficou órfão de pai aos quatro anos; o pai de André Luiz desencarnou três anos antes dele. Carlos Chagas foi um benfeitor da Humanidade, reconhecido internacionalmente; André Luiz, segundo Henrique de Luna: *"O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou."* (N.L., pág. 33).

É de se ver que a novidade anima tanto, a ponto de esses que se põem a propalá-la se esquecem das palavras de Emmanuel, ao apresentar André Luiz, no prefácio do livro "Nosso Lar": *"Embalde os companheiros encarnados procurariam o médico André Luiz nos catálogos da convenção. Por vezes o anonimato é filho do legítimo entendimento e do legítimo amor (...). É por isso que não podemos apresentar o médico terrestre e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade."*

Diante de duas vidas em tudo tão diferentes, será que o que foi dito sobre André Luiz o foi apenas para despistar? Nesse caso, o livro traria uma longa série de inverdades, todas forjadas com o intuito de enganar o leitor. Apenas silenciar, não seria mais consen-

tâneo com o caráter da Doutrina? E – mais grave ainda – se tivermos alguma dúvida sobre as declarações desses Espíritos, inclusive do próprio André Luiz, como acreditar no resto do livro?

Importa se observe que a argumentação de “André Luiz”, nesse diálogo, aponta exatamente no sentido contrário a qualquer revelação de identidade, quando lembra o rumoroso “Caso Humberto de Campos”, e o cuidado posteriormente tomado na publicação da obra “Voltei”, o que foi feito sob pseudônimo. Então, por que, de um momento para outro, é revelado que Jacob foi Frederico Figner, e que André Luiz foi Carlos Chagas? Quem teria decidido a suspensão do anonimato? Será que não persiste o risco de “estardalhaço da imprensa leiga”, além de ação judicial semelhante à do Caso Humberto de Campos? Além do mais, como entender essa mudança de atitude do Mundo Espiritual, se na Terra tudo continua como dantes?

“Enganam-se os que pensam que sejamos assexuados... (...) E nascem crianças por aqui? (...) É claro que sim, no entanto, convém que o senhor não se aprofunde agora neste assunto, pois correrá o risco de invalidar toda a sua obra...” (214/215).

Já que o assunto correria “o risco de invalidar toda a sua obra”, por que foi citado? Seria melhor calar a respeito. Na verdade, fica um tanto difícil entender o nascimento de crianças no Mundo Espiritual, principalmente diante do que é ensinado em “Evolução em Dois Mundos”. Ali, vê-se que o princípio inteligente evolui *pari passu* com o corpo físico. De fato foi revelado que há vegetação em “Nosso Lar”, logo há células vivas, há algum processo de reprodução celular. Mas no caso humano, o assunto apresenta outros aspectos. Com que fim um Espírito tomaria um novo corpo espiritual? Esse corpo teria que ser gestado no útero de uma mulher? Haveria o esquecimento do passado? A ser real essa revelação, salta aos olhos o contraste entre a magnitude de tal assunto e a superficialidade, para não dizer leviandade, com que foi tratado. Percebe-se, com facilidade, que o assunto trará muita polêmica inútil, e que em nada contribuirá para o esforço de aperfeiçoamento humano, tão urgente

nesta fase da vida na Terra. Além disso, confundirá ainda mais aqueles que ainda não conseguem ainda entender a reencarnação nem na Terra...

"O sexo, além da morte, não é algo pecaminoso: é instrumento de sublimação." (216).

O sexo não é algo pecaminoso em lugar algum, nem em dimensão alguma. O seu mau uso, sim, é pecaminoso, tanto na Terra, quanto nos Planos Espirituais.

Finalmente, para que se analisasse minuciosamente os capítulos 35 e 36, seria necessário escrever todo um livro...



Análise do livro “No Limiar do Abismo”

Médium: Carlos A. Baccelli

Esta é a nona obra atribuída ao Espírito Dr. Inácio Ferreira, escrita através do médium Carlos A. Baccelli.

Quem leu as anteriores vai ter uma surpresa, por quase não encontrar mais aquela linguagem rude, contundente, agressiva, orgulhosamente apresentada por ele, e justificada pelo seu médium como sendo marca característica da sua maneira de ser quando encarnado.

É estranho que um Espírito que teria conservado, durante dezoito anos depois de desencarnado, a mesma maneira rude de se expressar, tenha mudado de um ano para outro...

Conforme fizemos nas análises precedentes, transcreveremos em **negrito** os trechos que nos chamaram a atenção na obra em estudo, e faremos nossos comentários em tipo normal. As transcrições de outros livros serão feitas em **negrito** e *itálico*:

Raciocinando nestes termos, eu não podia deixar de me comover ante o empenho dos médiuns, principalmente daqueles que, quase em completo anonimato, continuavam

se superando, em todos os sentidos, para conservar desfraldada a bandeira da fé raciocinada (...). Eu convivera, diariamente, com dezenas de sensitivos e digo-lhes: só mesmo uma *força* de ordem superior, provinda do Inconcebível, para dar-lhes sustentação, em meio a tantos obstáculos que se interpunham entre eles e o Ideal. Os médiuns eram e continuam como seres humanos, com necessidades idênticas às de qualquer um! Como é que conseguiam, e conseguem, conciliar interesses tão opostos, quantos do espírito imortal e os da vida material, pela qual se sentiam subjugados? A muitos, inclusive, eu tivera oportunidade de socorrer com dinheiro, para que não passassem privações com a família; alguns, pela sua simples condição de espírita, eram rotulados desajustados e tinham a sua sanidade mental questionada, o que, não raro, fazia com que perdessem o emprego ou não tivessem seus serviços profissionais contratados. Eu não sei, mas alguma *coisa* que não posso definir existe nos médiuns que perseveram, além de somente mediunidade; alguma *coisa* transcende a teoria e a prática mediúcnica em si; alguma *coisa* que possui à semelhança dos primitivos cristãos, que enfrentavam o martírio e a morte nos circos romanos, como se seus olhos estivessem vendo o que mais ninguém conseguia enxergar... (13 – 14)

Como poderemos conciliar o discurso acima, de louvor aos médiuns, com o que esse Espírito escreveu no livro "Do Outro Lado do Espelho"? Vejamos o que ele responde ao ser convidado a participar de uma reunião mediúcnica no Sanatório de Uberaba, onde, quando encarnado, fora diretor:

– Para quê? Só se for para xingá-los... (Por favor sr. Médiun e sr. Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou... que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da

vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiuns que andam por lá... (...) Os médiuns não querem estudar, não querem disciplina... Ficam parados ao redor da mesa feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente de ideias, esperando que os espíritos façam tudo... Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiuns seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes, que não se lembram de nada. (158 / 159)

E continua seus ataques aos médiuns do grupo que dirigiu, no Sanatório:

– O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinquenta anos... (159 / 160)

Se o grupo mediúnico era tão ruim, como pôde tolerá-lo durante cinquenta anos? Note-se que ele ainda não retornara àquele grupo depois de desencarnado, logo essas impressões ele já as tinha antes de desencarnar:

– Nós, os considerados mortos, em matéria de mediunidade temos que nos contentar com percentagem: 30% nossos, 70% do médium... Quando, pelo menos, são 50% para cada lado, vá lá... Raro o médium que nos permite o empate. Isso sem falarmos nos médiuns que vivem colocando palavras inteiramente suas em nossos lábios: é um tal de termos dito, sem termos dito nada... (...) Os médiuns hoje querem improvisar... Quanta mistificação!... (160)

Mas a crítica aos médiuns não se restringe apenas àquele grupo. É generalizada:

– O cenário vocês já conhecem, de uma reunião mediúnica: médiuns chegando em cima da hora, com

justificativas vazias: "estava com visita em casa", "choveu na hora de sair", "desarranjo intestinal", "o telefone tocou..."

– Apenas dois espíritos, dos muitos que estavam no recinto, lograram dar o ar da graça naquela noite, através da medianeira anônima: um que havia cometido o suicídio, e eu, que, se pudesse, estrangularia alguém. (161)

(...) Pretensão à infalibilidade, elitismo, personalismo; isso tudo, sem mencionarmos o que se vem fazendo através da mediunidade – o canal que, na maioria dos medianeiros, é ocupado por entidades contrárias ao movimento de libertação de consciências que o Espiritismo propõe. Imperceptivelmente, os médiuns vêm sendo hipnotizados por espíritos que os dominam e que lhes inoculam na alma o vírus da ambição desmedida. Difícil nos depararmos com quem não esteja a serviço de si mesmo na Causa que abraçamos!... (180)

Será que o Dr. Inácio percebeu que suas críticas não foram bem acolhidas pelos médiuns, decidindo-se a mudar sua opinião?

O que posso fazer para me defender daqueles que têm rotulado as minhas obras de anti-doutrinárias? (15)

Não há precedente, em toda a literatura mediúnica séria, de um Espírito tão preocupado com as repercussões de suas obras. Essa postura é coerente com o que ele relata no livro "Fundação Emmanuel", quando se refere a um "jornal", intitulado "Resenha", encarregado de fazer circular, naquela instituição, as notícias da Terra, inclusive os comentários sobre obras mediúnicas.

Aqui, com a permissão do médium de quem me sirvo, amigo que aprendi a estimar em longos anos de convivência no mundo, abro pequeno parêntese, para que nossos companheiros encarnados entendam parte das dificuldades que, juntos, enfrentamos no serviço do intercâmbio mediúnico. Tendo levantado de madrugada, ele e eu, para o compromisso que assumimos, minutos atrás, como é compreensível, tive necessidade de interromper a minha narrativa, quebrando, de certa forma, a sequência das

ideias.” (15 – 16)

Essa quebra de *sequência das ideias* mostra o grau de informalidade da mensagem que estava sendo transmitida. Ao contrário do que se imagina num trabalho sério, em que um Espírito que escreve algo a ser publicado como livro espírita, deve ser o resultado de estudos maduramente avaliados no Mundo Espiritual e não algo improvisado, como se fosse uma conversa banal, entre desocupados.

Além do mais, causa estranheza o fato de um Espírito tecer elogios ao seu médium. Era assim que Emmanuel, André Luiz e outros Espíritos agiam em relação ao Chico?

— É grave, mas é real. Nós, os espíritas, Inácio, necessitamos de retomar a vivência dos postulados que abraçamos: Menos vaidade, menos disputas, menos ambição...

— ...menos mediunidade...

— ...e mais caridade!

— Tornou-se uma virtude piegas... Os espíritas se intelectualizaram muito: falam diversos idiomas, desfrutam de certo *status* social, viajam com frequência ao Exterior...

(43)

O ataque aos espíritas é uma constante em suas obras. É interessante notar-se que quem fala em menos mediunidade tem escrito quase dois livros por ano, além daqueles que o seu médium psicografou de outros Espíritos, numa verdadeira corrida editorial, sem precedentes.

Quanto à caridade, entendemos que denota falta dessa virtude aquele que lança acusações anônimas. Será “pecado” aprender outras línguas? Será erro viajar para o Exterior, levando a mensagem espírita? Dupla condenação que receberia, do Dr. Inácio, o Apóstolo dos Gentios, cuja missão foi a de propagar o Evangelho fora dos arraiais judaicos, para o que necessitava do conhecimento de outros idiomas...

Os médiuns brasileiros que têm viajado para o Exterior são

bem conhecidos no meio espírita. Conquistaram o respeito geral pela sua fidelidade aos postulados doutrinários, pela sobriedade de suas obras, e pela nobreza da linguagem em que são redigidas. Além do mais, impõem-se ao respeito também da sociedade não-espírita pelo seu inquestionável exercício da caridade.

— O Espiritismo vem enfrentando uma dificuldade para a qual os nossos companheiros ainda não atinaram.

— Qual seria, Odilon?

— A de fazer novos adeptos.

— É um péssimo sinal... (43 – 44)

É estranho que o Dr. Inácio, tão informado a respeito da repercussão de suas obras aqui na Terra, não saiba que o Espiritismo está conquistando adeptos em número até preocupante. É só ver as reuniões públicas. Entretanto, os verdadeiros espíritas nunca se preocupam com o proselitismo...

— Interessante, Odilon: Chico Xavier desencarnou ainda há pouco, cumpriu 75 anos de legítimo mandato mediúnic, e – não sei se estou exagerando – percebo já um certo esquecimento de sua obra, que, principalmente para a nova geração, é inédita... Há um trabalho das trevas nesse sentido?

O Benfeitor, após ligeira pausa no diálogo que encetáramos, considerou:

— Até onde sei, Inácio, posso confirmar, elucidou o companheiro, procurando ser cauteloso.

— Quer dizer...

— ... que faz parte de um plano das trevas sufocar a qualidade pela quantidade. (45 – 46)

É interessante notar que o próprio Dr. Inácio publicou dez obras em seis anos... Será que a qualidade das obras do Chico não estará sofrendo concorrência com a quantidade das do Dr. Inácio?

Isso sem contar as obras de outros autores, pelo mesmo médium, que há pouco festejava o lançamento do seu 100º livro.

Entretanto, essa tentativa de sufocar a verdadeira literatura espírita não é privativa nem desse médium, nem desse Espírito...

— **Não duvide, Inácio. Ao que estou informado, os espíritos interessados na estagnação das ideias espíritas montaram uma espécie de central do livro...**

— **Central do livro?... — perguntei, quase sem acreditar.**

— **Sim.**

— **Central do livro espírita? ... — insisti.**

— **Do livro mais ou menos espírita, que difunde, nas entrelinhas, teorias contraditórias. (48)**

Será um *mea culpa*? É impressionante que, depois de se referirem a Chico Xavier, tenham coragem de continuar escrevendo isso que chamam de livro espírita. É fazer pouco da lucidez dos espíritas.

— **Talvez, meu filho — ponderou Odilon —, você e o espírito que escreve por seu intermédio ainda estejam naquela fase de estabelecer entre ambos uma melhor sintonia... (54)**

O diálogo acima teria ocorrido no Plano Espiritual, e esse que conversa com o Dr. Odilon seria o “médium” de um outro espírito, que se diz ser um antigo habitante da Atlântida...

Ultimamente, falanges de monges beneditinos desencarnados estavam, e estão, se movimentando para estabelecer confusão no Movimento; muitos deles fazendo-se passar por espíritos comprometidos com a Doutrina, dominam médiuns – alguns, inclusive, de renome –, mudam de identidade e, escrevendo ou falando, têm procurado estender sua negativa influência, de maneira sutil, com o propósito de desfigurar o Ideal que abraçamos. (60)

Esse trecho parece um auto-retrato. Quais seriam os médiuns de renome aqui referidos?

(...) mas o Movimento, que se elitiza e – pasmem – conta com *medianeiros oficiais*, quais modernos hierofantes que se entronizam e estimam ser incensados está já comprometido e exige rápida revisão, sob pena de se esfacelar de maneira irremediável. (62)

Por que o Dr. Inácio não fala claramente ao invés de ficar lançando acusações e provocações, próprias de Espíritos interessados em disseminar confusão? Quem se propõe a escrever um livro – seja encarnado ou desencarnado – deve ter a coragem de dizer diretamente as coisas e não se esconder atrás de afirmativas falsamente fraternas, que soam como cartas anônimas.

Que os nossos irmãos, pois, permaneçam atentos e não se deixem ludibriar; não há sobre a Terra, na atualidade, um único médium encarnado com suficiente autoridade para penetrar nos enigmas pertinentes às anteriores experiências reencarnatórias de quem quer que seja. O que revelam, nesse sentido, não passa de mera suposição ou invencionice. (62)

O responsável pelas revelações de qualquer natureza é o Espírito, e não o médium, que é mero instrumento... Entretanto, por esse mesmo médium que o serve, na obra "Na Próxima Dimensão", o Dr. Inácio afirmou que André Luiz foi Carlos Chagas e que Francisco Cândido Xavier foi Allan Kardec...

Entrementes, diante de nós, Osório deu início a estranho processo de transfiguração. Recomendando-me calma, Odilon permaneceu em expectativa, como se já soubesse o que estava para acontecer.

O jovem médium, inclusive do ponto de vista físico, se transformara quase por completo: parecera ganhar altura e perder peso, como se outra pessoa se lhe sobrepusesse à imagem; os seus olhos se mostraram mais penetrantes e a própria cor da pele se alterara...

Com voz um tanto soturna, a entidade que se lhe assenhoreara das faculdades indagou-nos enigmática:

— O que querem de mim? Por que me evocaram a presença?

— Quem é você, meu irmão? — tomou Odilon a iniciativa do diálogo, enquanto eu procurava emocionalmente me recompor.

— Lêmur. O meu nome é Lêmur — respondeu com certa altivez.

— Em que lugar você vive atualmente?

— Numa dimensão desconhecida por vocês...

— Por que não podemos vê-lo? (67 – 68)

Uma comunicação mediúnica no Mundo Espiritual, com transfiguração do médium, levada a efeito por um Espírito habitante de uma região da Lemúria, que teria sido recriada pelo grupo de Espíritos a que pertencia. Estranhamente, essa comunicação causou perturbação no Dr. Inácio, que já dialogara – segundo o livro “Sob as Cinzas do Tempo” – com o Espírito Torquemada. Será que tinha mais equilíbrio quando encarnado?

Além do mais, por que não podiam ver o Espírito? Tratava-se de Espírito inferior, que já estivera reencarnado à força, e fora monge beneditino, mas não aceitava Jesus. Como um Espírito assim poderia furtar-se à visão de dois trabalhadores do Bem?

Eu nunca entendi muito essa história de “ego” e “eu”... Em mim, coexistem dois Inácios? Se um só já é demais...

— O “eu”, Inácio, é a nossa consciência: é o ouro que se destaca da ganga, a pérola que se liberta da concha, o lírio que desabrocha no pântano; o “eu” é tudo o que restará de nós...

— É o “eu” que argumenta com o “ego”? O que seria o “ego”?...

— O “ego” é a imperfeição... O “eu” contraria o ego”, e o “ego” contraria o “eu”...

- Não dá para os dois entrarem num acordo?...
- Os interesses são diferentes.
- Meu Deus, quanta complicação!... Como saber quando estou agindo através do eu” ou através do “ego”?
- O “eu” é amor, o “ego” é paixão; o “eu” é altruísmo, o “ego” é egoísmo; o “eu” é renúncia, o “ego” é desejo... (84)

Aqui vemos um fato realmente digno de nota: um psiquiatra que não conhece nada de Psicanálise, recebendo informações de um dentista desencarnado...

- E a questão do animismo?
- Animismo é mediunidade.
- E a mistificação?
- É mediunidade também.
- Tudo, então, é mediunidade?
- É mediunidade onde prevalece o “ego” ou o “eu”, um se sobrepondo ao outro. (86)

Um médico psiquiatra, diretor de um sanatório espírita por 50 anos, depois de desencarnado se esquece de tudo, até mesmo do que é mediunidade?

Será que é para testar a argúcia dos espíritas, para zombar deles, ou para produzir livros que, pela quantidade, tentem se sobrepor à obra de Chico Xavier, como foi dito?

- O espírita, equivocadamente, acredita que vai chegar iluminado às regiões do Além, guindado à condição de Espírito Superior. (107)

Sempre, o ataque generalizado aos espíritas... Afirmativa vazia, provocadora, própria de Espíritos mistificadores.

- (...) Agora, que me dá uma vontade tremenda de falar – de falar às claras sobre os interesses que, na atualidade, imperam no Movimento Espírita, inclusive “dando nome aos bois” –, isso me dá!

— É melhor não, Inácio.

— Eu sei, mas que a minha língua coça, coça; e não sei mesmo – digamos – se, mais tarde, não venha a ser este o meu “canto do cisne”... A gente fica, vai ficando cansado de tanta hipocrisia; *aquilo* que na Terra eu tinha – desativado depois dos 80, mas tinha – e continuo a ter por aqui, já estourou.... (108)

Novamente, a mesma cantilena contra os espíritas, finalizando com uma metáfora digna da mesa de um bar.

— Estou aqui por indicação de amigos; sei que o senhor é espírita, mas não venho procurá-lo por isto... (109)

Um Espírito que “marcou consulta” por indicação de amigos... Não é esse o Mundo Espiritual descrito por André Luiz e por outros Benfeitores. Parece mais uma consulta médica, marcada como na Terra, ainda mais com uma identificação de religiões jamais vista em obra alguma, a não ser nas do Dr. Inácio.

Deixando-me aos cuidados de Paulino, que me apoiava a cabeça, Odilon partiu a pedra que era oca por dentro (*sic*) e represava em seu interior pequena quantidade de linfa cristalina, que ele tratou rapidamente de magnetizar e servir-me aos goles. (192)

O Dr. Inácio estava passando mal porque havia comido um pedaço de churrasco de porco espinho, oferecido por uns Espíritos habitantes do Umbral. E, para socorrê-lo, o Dr. Odilon teria quebrado uma pedra que continha água no seu interior...

— Preciso ir ao sanitário – disse-lhes, tentando me colocar de pé.

— Sanitário, aqui?!... – reagiu, Paulino, tão surpreso quanto eu.

— Por favor – solicitei, afrouxando a calça –, afastem-se...

E, ali mesmo, sem qualquer escrúpulo, improvisei

uma latrina. (192)

O que dizer desse exemplo de literatura “realista”, de péssimo gosto? O que pensarão do Espiritismo aqueles que dele tomam conhecimento através de uma obra dessas? E esse Espírito toma ares de “revelador” de novas verdades...

Assim que entramos, esgueirando, inicialmente, por estreitos e lúgubres corredores, tive a nítida impressão de que recuara no tempo: cruces e tochas embebidas em resina, que penumbravam o ambiente, psiquicamente me retinham à época da chamada Idade das Trevas, quando o próprio Sol parecia brilhar de modo mortiço no firmamento.

Evitando provocar o menor ruído, começamos a escutar um rumor de vozes que aumentava, à medida que avançávamos. (208)

Na obra “Libertação” (cap. IV, pág 62), o Benfeitor Gúbio conduz André Luiz e Elói à “Cidade Estranha”, um local bem semelhante a esse relatado na obra em estudo. André Luiz informa que tiveram de preparar-se durante algum tempo, adensando seus perispíritos, a fim de serem vistos e poderem interagir com os Espíritos que lá habitavam. Por que o Dr. Inácio e seus companheiros de jornada precisariam se esconder, se a sua faixa vibratória era superior à dos Espíritos que habitavam aquela caverna? Por que, na descrição, o Dr. Inácio, em vez de fazer “gracinhas”, não dá ao leitor esses detalhes preciosos? Será que se tivesse existido realmente essa excursão – ele que é tão prolixo – não as detalharia para esclarecimento do leitor? É interessante se observe o volume de informações contidas na obra de André Luiz, em que ele não se detém a relatar pormenores escabrosos, limitando-se a mostrar – de negativo – apenas o essencial necessário à transmissão de informações e ensinamentos novos. A obra do Dr. Inácio prima por ressaltar aberrações, tanto no comportamento, quanto nas formas das criaturas.

— Todavia, Odilon, sejamos francos, é raro que nos

deparemos com um espírita tendo semelhante grandeza de alma... Na atualidade (reafirmo o que tenho dito nas páginas que tenho tido oportunidade de escrever, transformando-as em livros), é o império da desunião, da disputa velada, dos conflitos de opinião, de escusos interesses em jogo... Muita gente interpreta que eu esteja a criticar o Movimento, com o intuito de demoli-lo, ou a censurar os confrades, com o intuito de desestimulá-los; a intenção que me move é completamente diferente, e lamento os que me julgam interpretando as minhas palavras e colocações de maneira literal... (216)

Sempre atacando os espíritas. Como essa atitude tem sido criticada em análises de suas obras, o Dr. Inácio nega que tenha procurado denegrir o Movimento, mostrando que, embora desencarnado, sofre de amnésia, conforme se constata no trecho abaixo, do livro "Fala, Dr. Inácio!":

– O senhor está fazendo graça, não é?

– Estou provocando... (172)

– Provocando a quem?

– Os espíritas ortodoxos. Adoro fazer isto... (172)

– Para quê?

– Para que eles saibam que não podem me calar, que não são os donos do Movimento e nem tampouco os espíritos missionários que se supõem; são, na verdade, um bando de ingênuos... Tenho dito, me segurando para não dizer mais. (172)

E, na obra "A Escada de Jacó", volta à carga:

— O personalismo campeia entre médiuns e dirigentes...

— Necessitamos de rever a proposta de Unificação; o homem ainda não sabe ocupar qualquer condição de liderança, sem que o cargo lhe suba à cabeça. (42)

Será uma interpretação literal, ou um ataque real? Qual outra interpretação que se poderia dar?

Aquela cobra que, sem dúvida, seria capaz de nos

devorar em um só bote, estrangulando-nos, primeiro, entre as suas imensas mandíbulas, ergueu mais a cabeça, enquanto Odilon, que a olhava fixamente nos olhos, se aproximava, cauteloso.

O meu instinto de defesa, confesso, fez com que eu vasculhasse o terreno a ver se encontrava uma pedra ou um porrete qualquer, caso houvesse necessidade de lutar pela sobrevivência... Eu não estava disposto a *morrer* daquele jeito, nem que fosse para *morrer para cima*, quanto mais *para baixo*, que, com certeza, era o que me aconteceria em tais circunstâncias. (265)

Que preparo espiritual tinha o Dr. Inácio para dirigir-se a zonas inferiores, pensando em defender-se a pedradas ou porretadas... Além do mais, como pensar em lutar com um animal que poderia abocanhar um homem? E o que dizer do *risco de morrer?*

— Em meu primeiro livro escrito depois de *morto*, "Sob as Cinzas do Tempo", eu me refiro diversas vezes ao meu antigo hábito de fumar; pois bem: segundo soube, houve alguém que teve o capricho e a paciência de contar o número de vezes que fiz menção ao tabaco, para chegar à conclusão de que não sou um Espírito Superior... (217)

Aqui, o Dr. Inácio se esqueceu de que essa mesma queixa já fora feita pelo seu médium, no livro "Fala, Dr. Inácio" (80): "**— Outro chegou a contar o número de vezes que, em "Sob as Cinzas do Tempo", se refere ao cigarro..."**

Em verdade, nunca se viu na literatura mediúnica, até o advento das obras do Dr. Inácio, um Espírito usar as páginas de seus livros para defender-se daquilo que chama de acusações dos espíritas.

Ele se preocupa e se insurge contra aqueles que, no uso da sua liberdade de pensar, procuram seguir o sábio conselho de Erasto: "Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea." (O Livro dos Médiuns, 230)

Ainda há muito o que comentar, mas para que não fique excessivamente longa esta análise, finalizaremos apontando algumas das já costumeiras acusações contra os espíritas:

— Com raras exceções, não vejo mais o espírita interessado em perdoar – em perdoar ao companheiro de fé!... Dentro de certos grupos espíritas, é uma intriga só... (43)

— Na minha opinião, sim; vejamos que os espíritas já estão tomando gosto pelo poder... (139)

— O espírita, via de regra, imagina que os seus privilégios começarão assim que botar a ponta do nariz para fora do túmulo. (218)

— Essa história de ter sido médium 40, 50 anos, de ter feito inúmeras palestras, de ter escrito dezenas de livros ou artigos em jornais e revistas, de nunca ter perdido a pose... (219)



Análise do livro "Por Amor ao Ideal"

Médium: Carlos A. Baccelli

Este livro, como os demais psicografados por Carlos Antônio Baccelli, contém bons ensinamentos e exemplos edificantes, cuja presença, na obra, só pode ser atribuída à tentativa de legitimar o resto do conteúdo, habilmente trabalhado por Espíritos que se dedicam ao combate ao Espiritismo. Essa mistura intencional de joio com trigo tem levado muitos leitores à aceitação de revelações mirabolantes, não raro vazadas em linguagem grotesca, fanfarrônica, na pretensão de ser hilária. Essa aceitação se deve ao desconhecimento das obras da Codificação e das subsidiárias, de bons autores encarnados e desencarnados.

O Espírito que se comunica através do médium Baccelli declara ser o Dr. Inácio Ferreira, espírita militante, eminente médico psiquiatra, que dirigiu o Sanatório Espírita de Uberaba durante cinquenta anos.

Nesta obra, como em outra, "Sob as Cinzas do Tempo", o Autor relata um determinado período de sua vida na Terra, como diretor-clínico desse Sanatório, apresentando-se sem a menor preocupação de demonstrar alguma renovação espiritual, depois de mais de quinze anos de desencarnado. Até entende-se que relate seus equívocos de quando encarnado, mas não com esse tom de desafio

com que sempre se apresenta quando se refere ao hábito de fumar, à sua franqueza rude, à sua impaciência. Será que depois de todo esse tempo no Mundo Espiritual, convivendo com Espíritos Superiores, conforme relato dele próprio, não aprendeu nada que o pudesse orientar no sentido de dar às suas obras um caráter consentâneo com a Doutrina que diz professar, que é o da educação, do aprimoramento da alma?

É-nos difícil aceitar que um médico que deixou uma contribuição valiosa à medicina psiquiátrica nos seus cinquenta anos de profícuo trabalho, agora se torne um simples comentarista de fatos banais da sua vida enquanto encarnado, usando a mediunidade e o nome do Espiritismo. Seria possível alguém descer da cátedra de eminente instrutor de terapias psiquiátricas, à luz do Espiritismo, para tornar-se um contador de histórias corriqueiras? Em quase todas as suas obras, ele fala do seu hábito de fumar: no livro "Do Outro Lado do Espelho", ele fala vinte e cinco vezes que acendeu um cigarro; nesta obra, onze vezes, sem que em nenhuma delas mencione, ainda que de leve, os malefícios do fumo.

Essa obra, como as outras, é catalogada como romance. Por que um psiquiatra desencarnado não nos brindaria com conhecimentos avançados hauridos no Mundo Espiritual? Imaginemos quantos ensinamentos poderiam ser passados aos psiquiatras espíritas, se o Autor usasse o seu tempo e a faculdade do seu médium para uma ampliação dos conhecimentos da psiquiatria à luz do Espiritismo...

Analisemos algumas passagens do livro, que transcrevemos em negrito:

O casal se despediu e, mal havia entrado no carro estacionado lá fora, terminei de entrar no hospital aos berros, assustando os próprios gatos que me esperavam para o almoço:

— Quem é o infeliz escalado para o turno da noite e que deve ter dormido?...

Conhecendo-me a têmpera, Manoel Roberto me seguia, alguns passos atrás, na expectativa de que aquela crise — uma das muitas que me acometiam semanalmente —

passasse.

— Vamos, quem é o macho que vai se denunciar?... Quero esfolá-lo vivo! Aqui ninguém é pago para cochilar no serviço. Se não aparecer o culpado, vou escolher qualquer um e demiti-lo.

Depois de uns quinze minutos, quando a fevura íntima começava a se acalmar, caminhou na minha direção um pobre coitado que eu empregara para tirá-lo do alcoolismo.

— Foi você, não foi? – gritei com o dedo em riste, entre uma e outra baforada de cigarro. — Você é um ingrato! Deve estar querendo voltar para a sarjeta... Você sabe que a minha cabeça vive a prêmio na cidade; se alguma coisa de pior tivesse acontecido ao rapaz, eu estaria perdido... Não passam de um bando de incompetentes. Vocês deveriam estar tomando conta de um bordel, não de um hospital. (38/39)

Esse, o equilíbrio de um médico psiquiatra espírita? Se eram esses seus modos quando na Terra, como transcreve isso sem nenhum comentário? Além do mais, é de se notar a falta de organização reinante no Sanatório, onde ninguém sabia quem estivera de plantão... Mas, a exibição de mau humor continua:

Após ter vomitado impropérios à vontade...

— Afinal, quem manda nesta espelunca?...

— O senhor, Doutor...

— Quem dita as normas aqui? – questionei, aproveitando para um recado indireto às cozinheiras, que viviam, nos bastidores, reclamando da minha criação de gatos. (40/41)

Depois dessa demonstração de ausência completa de boas maneiras, da falta daquela autoridade que emana do respeito e do equilíbrio, dada pelo diretor, o enfermeiro-chefe pondera que o funcionário que estava para ser demitido havia cochilado porque estava dobrando serviço havia quinze dias, e que era pai de cinco filhos, às vésperas do sexto. Ouvindo essas ponderações do defensor, desiste da demissão, mas faz uma advertência desrespeitosa à vida íntima do funcionário:

— Mas, você avise o safado do Silva para deixar de incomodar a pobre da mulher durante o dia e dormir. Seis anos de casados, cinco filhos. Uma explosão demográfica sem precedentes e tudo para o Sanatório custear, não é? (41/42)

E demonstração da falta de serenidade e mesmo de delicadeza prossegue, ao ser informado de que uma moça o esperava para uma consulta particular:

— Particular, só na minha casa. Eu já me cansei de explicar a vocês.

— Ela está chorando...

— E isso aqui é o “muro das lamentações” – um chora aqui, outro chora de lá... Eu é que sou obrigado a viver com os olhos secos, consolando todo o mundo.

— Vai-se ver, Doutor, que na outra encarnação... – intrometeu-se uma morena redonda, das melhores cozinheiras que já passaram pelo Sanatório.

— Cuide de suas panelas... Como é que pode ir adiante um hospital de loucos em que até a cozinheira dá palpites? Que outra encarnação, que nada!... É a primeira vez que estou vivendo no meio dessa corja – primeira e última, se Deus quiser.

A morena sorriu e caminhou requebrando com sua pesada traseira, não dando a mínima para o que eu havia falado. (42)

È difícil crer que o médico sério que escreveu os livros “Novos Rumos da Medicina” (2 volumes) e “A Psiquiatria em face da Reencarnação” não teria nada a aduzir a essas obras, agora, com o seu saber enriquecido pela experiência que o exercício da Psiquiatria no Mundo Espiritual lhe estaria propiciando, nessas quase duas décadas de desencarnado. Mas, ao invés disso, demonstra um prazer mórbido de tratar mal uma funcionária, subalterna sua, num linguajar próprio de mesa de bar, frequentado por pessoas que vivem longe do Evangelho.

— Quem é Mãe Joana? – indagou, ingênua, a funcionária.

— Sou eu – respondi, enquanto, ao invés de acender um cigarro, cheirava um rapé que me fazia espirrar até a alma. — A Mãe Joana sou eu; noutra encarnação, eu botei uma filharada no mundo e agora tenho que aguentar vocês nas minhas tetas... (51)

Torna-se até difícil comentar uma passagem como essa, tanto pela linguagem vulgar, quanto pelo conteúdo. Parece que esse Espírito tem um prazer mórbido de se mostrar irreverente, revoltado, através dessas expressões que, no mínimo, são de mau gosto e demonstram um estado-de-espírito incompatível com alguém que se propunha a tratar de doentes mentais.

Porém, profanando o ambiente, eu não resisti. Antes de me levantar e ir embora, aproximei os lábios de seu estúpido conduto auditivo e sussurrei-lhe, pausadamente, certos termos chulos que quase todo menino da rua sabe dizer! O homem arregalou os olhos, as suas faces ficaram congestionadas e eu pensei que, ao invés de um, teríamos dois cadáveres expostos no salão... (91)

Essa, a reação do Dr. Inácio ante uma proposta de trabalho na Faculdade de Medicina, que lhe fora oferecida, mas que para aceitá-la teria de renunciar a direção do hospital, ou concordar que fosse encampado pela referida Faculdade. Aqui já se trata de um caso de falta de educação! Será que o Dr. Inácio usaria esse vocabulário no círculo que diz frequentar no Mundo Espiritual?

Quando ambos se retiraram, recostei-me na poltrona giratória e acendi um enganoso cigarro, procurando descansar o pensamento. Eu tentara dar àquela mãe sofredora o que, muitas vezes, não possuía nem para o meu próprio consumo, ou seja, – fé! (140)

Como é que alguém que diz dirigir trabalhos de desobsessão podia ser assim tão vacilante na fé?

— Se você conta com a aprovação e o apoio de um

homem como Chico Xavier, dê uma banana para o resto – comentei indignado. (232)

Será que essa indignação legitimaria esse conselho tão grosseiro?

Eu estava espiando pela vidraça, perdido com os meus pensamentos nas espirais de fumaça do cigarro que fumava, quando vi estacionar um carro no pátio do hospital e descerem, esbaforidos.

— Tolos! – resmunguei. — Idiotas! – repeti não satisfeito. — Duas bestas quadradas, apeando de um carro de luxo! – praguejei, tossindo... (250)

É claro que eu estava exagerando; o garoto não tinha nada a ver com aquelas duas, desculpem-me, toupeiras... Eu nunca haveria de xingá-los o suficiente pela proposta que ambos haviam sido capazes de me fazer. (E vocês, que estão me lendo agora, não pensem que eu, o Dr. Inácio Ferreira, fosse diferente de qualquer um de vocês – o meu arsenal de palavras grosseiras era considerável!) (251)

Embora esse Espírito diga o contrário, não resta a menor dúvida de que ele é realmente diferente da grande maioria dos espíritas. Se não, o que vale a Doutrina? Essas demonstrações de falta de refinamento espiritual não se coadunam com o que se espera de um psicoterapeuta que se proponha à cura de doentes da alma, principalmente dentro dos parâmetros do Evangelho. É de se notar o quase-orgulho com que esse Espírito fala de sua grosseria e da sua capacidade de agredir. Como é que uma pessoa que se ufana da sua brutalidade pode concitar alguém à mansuetude, à calma, ao perdão, numa reunião mediúnica, como ele diz ter dirigido durante tantos anos? Será crível que alguém que diz estar em contato com Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Hernani Guimarães Andrade, Leopoldo Cirne, Cairbar Schutel, Batuira e outros Espíritos Superiores, se expresse de forma tão vulgar e rasteira?

O meu misterioso paciente estava de volta... Chegou à minha casa num sábado à tarde, num desses sábados sem luminosidade, com excesso de nuvens escuras no

firmamento. Havia vários meses que eu não o via. (261)

— Tem obras publicadas?

— Alguns ensaios apenas; nada que tenha repercutido...

— E o seu sotaque?

— Eu já preciso ir, Doutor — levantou-se, sem me responder.

— Mandarei, depois, o dinheiro da consulta... (273)

No entanto, quando abri o livreto, quase caí de costas: um retrato a bico-de-pena, feito com tinta nanquim, era a reprodução exata do rosto do meu paciente!... “E. A. Poe” — dizia o pequeno texto —, morto em 1918, vitimado por alcoolismo. Contista e poeta norte-americano que, infelizmente, nos deixou tão cedo — aos 39 anos de idade.” (275/6)

O relato acima começa com um equívoco: Edgar Allan Poe nasceu em 1809 e desencarnou em 1849. A falta de cuidado ao montar toda essa história chega a ser ofensiva à argúcia e à inteligência dos leitores, pois quem há de acreditar que um médico, por mais desorganizado que fosse, teria atendido um cliente, repetidas vezes, sem ao menos saber-lhe o nome, a fim de fazer, numa ficha própria, as anotações referentes às consultas?

Os trechos acima são fragmentos de algumas consultas que o Espírito Edgar Alan Poe — mais de um século após a sua desencarnação — teria tido com o Dr. Inácio, sem o concurso de um médium, pelo fato de esse Espírito estar materializado, falando Português fluente, apenas com sotaque.

Tal comunicação não encontra apoio em nenhuma obra espírita. Pelo contrário, André Luiz, na obra “Os Mensageiros” (cap. 18), relata o que ouviu de Alfredo, relativamente ao socorro a desencarnados na guerra: *“Mas não há dificuldade no socorro a essa gente? — indagou Aniceto em tom grave. — E a questão da linguagem? — Os serviços de socorro, apesar de intensos na Europa, têm sido muito bem organizados, explicou Alfredo; para cada grupo de cinquenta infelizes, as colônias do Velho Mundo fornecem um enfermeiro-instrutor, com quem nos podemos*

entender, de modo direto.”

Há, ainda, referência ao problema linguístico entre Espíritos nas obras: “Voltei”, “Esperanto como Revelação”, “Memórias de um Suicida”, “Além da Morte”. Entretanto, essa barreira parece não existir para o Dr. Inácio, pois conforme ele relata em sua obra “A Escada de Jacó” (caps. 21 – 26), teria conversado naturalmente com árabes encarnados e recém-desencarnados, no Iraque, em plena zona de conflito, sem o concurso de um médium, nem de um intérprete... Nem explicou como pudera, na sua condição de desencarnado, conversar com um menino encarnado e socorrê-lo, usando ectoplasma de um camelo agonizante...

Relativamente à materialização, Edgar Allan Poe teria explicado, noutra oportunidade, através da médium Maria Modesto Cravo, como conseguira materializar-se para falar, em várias oportunidades, diretamente ao Dr. Inácio, em seu consultório, como se fosse um paciente qualquer.

O que vou lhes dizer em seguida – caros leitores –, ficará a critério de vocês aceitarem ou não. Devo ser fiel à verdade dos fatos.

Prosseguindo pela voz da médium, o célebre criador do romance policial contou:

— Observando-me as tentativas frustradas de contactá-lo, um desconhecido me orientou:

— “Por que você não se materializa? Não é tão difícil assim... É só conseguir ectoplasma...”

— Ora – explicou a entidade –, eu jamais havia ouvido falar em ectoplasma... “Que substância é esta?” – perguntei sem me dar conta, como das vezes anteriores, do idioma em que eu estava me expressando: eu *pensava* em inglês e ele entendia em português, exatamente, Doutor, como está acontecendo agora.

— “Ectoplasma – respondeu-me – é fluido animal; se você conseguir quantidade suficiente para se revestir, poderá tornar-se visível...”

— De que maneira obtê-lo? – quis saber, curioso.

— “Através de um doador vivo ou... morto.”

— Morto? – questioneei, duvidando que aquela história toda fosse verdade.

— “Sim, no cemitério...”

— Poderei encontrar tal substância materializante no cemitério?

— “Não nos corpos em adiantado estado de decomposição, mas nos que morreram recentes...”

— E o que devo fazer?

— “Mentalize, plasme-se...” falou o espírito, que se retirou.

— Quase a desanimar (Poe deu sequência à inusitada narrativa), localizei o cemitério e me pus a esperar um enterro. Foi difícil, pois não me consentiam me aproximar de certos cadáveres... Algumas entidades que não falavam comigo dispersavam uma matéria brilhante na atmosfera e os cadáveres ficavam *vazios*. “Aquilo é o ectoplasma” – pensei. Depois disso, um enterro com quase nenhum acompanhamento chegou ao cemitério... O corpo inanimado era o de um homem que, bêbedo, havia caído de um andaime; espessa substância leitosa ainda lhe escapava abundante, dos orifícios e, inclusive, dos poros, a praticamente envolver-lhe toda a forma física... Dele, curiosamente, eu pude me aproximar sem qualquer embaraço e, após o seu corpo ter descido à cova rasa, postei-me ao seu lado e, com as mãos, comecei a me cobrir com aquele tecido gaseificado... O meu desespero era tamanho, Doutor, que eu o introduzia na boca, eu o inalava através das narinas, como se eu fosse um paciente hospitalizado recebendo uma transfusão de sangue...

— Aos poucos, sem que eu pudesse explicar o fenômeno – prossegui dizendo –, fui tomando forma humana, ou melhor, retomando-a... Era interessante observar. Felizmente, não havia ninguém por perto... A imagem que eu conservava de mim era tão forte em minha mente, que,

devagar, fui reconstituindo, com a força do pensamento, detalhe a detalhe, inclusive a própria indumentária – aquela que, de hábito, eu envergava em meus derradeiros dias no corpo quando, infelizmente, tombei vítima do alcoolismo. Quando *a metamorfose* se completou, a minha primeira iniciativa foi a de procurar um espelho – eu queria me ver... Saí do túmulo no qual praticamente me encontrava mergulhado e, percebendo um carro estacionado à porta do campo santo, me fitei no seu retrovisor externo – era eu, sem tirar nem pôr! De imediato, acudiu-me uma ideia à cabeça: – Que bom seria, se eu pudesse, sempre me conservar assim: este corpo certamente não adoece e... não morre, não estando sujeito às vicissitudes do corpo feito de carne... De certa maneira, inclusive, eu me remoçara e aquelas indisposições orgânicas haviam desaparecido.

A narrativa de Poe me surpreendia; eu nunca havia lido nada parecido a respeito na extensa bibliografia espírita especializada. (282/6)

Na verdade não poderia ter lido mesmo, pois o Espiritismo não ensina absurdos...

Analisemos alguns pontos desse relato inusitado:

Será que pelo simples fato de se materializar, um Espírito remoçaria e se livraria de indisposições orgânicas? Ainda mais com o ectoplasma de um bêbado? Mas, se ele, só então, fora tomando a forma humana, como é que antes sentia indisposições orgânicas? O Espírito disse que materializara não somente o corpo, mas também a indumentária. Como é que o Dr. Inácio, ao recebê-lo, materializado, no seu consultório, não teria percebido que as roupas do seu cliente eram de um século atrás?

Se uma materialização pudesse ser tão facilmente obtida, e com tanta nitidez, que nem o experiente Dr. Inácio pôde percebê-la, por que Espíritos inferiores não se materializariam diariamente, a fim de atuarem na vida física? Se houvesse tamanha facilidade de materialização, nós, os encarnados, teríamos de estar sempre atentos, a fim de verificarmos se estaríamos vendo e conversando

com um encarnado ou com um desencarnado...

No livro "Obreiros da Vida Eterna" (caps. 15 e 16), lê-se que trabalhadores do Bem dissipam na atmosfera comum as energias remanescentes no cadáver, quando o desencarnado é merecedor de cuidados, a fim de que os vampiros não profanem o corpo, pois há verdadeiras legiões de Espíritos que aguardam os enterros, disputando essas energias. Diante disso, é de se perguntar: como poderia um Espírito, recém-informado dessa possibilidade, aposar-se – e por várias vezes – desses fluidos? Onde estariam aqueles vampiros, contra os quais ele deveria ter lutado?

As várias consultas teriam sido longas. Como poderia uma materialização – fora de um ambiente preparado – manter-se durante tanto tempo? Note-se que o Espírito diz ter-se materializado no cemitério, e de lá se movimentado até o local da consulta. E o efeito da luz? Quem já leu algo sobre materialização de espíritos sabe das restrições quanto à luminosidade e ao tempo.

O Espírito diz que, aos poucos, foi tomando a forma humana. Que forma tinha o seu corpo espiritual até então? Será que ainda não tivera oportunidade de ver a si próprio e de constatar que sempre tivera a forma humana? Que forma tinham, ele e os Espíritos com quem conversara?

É realmente impressionante como esse Espírito, que diz ser o Dr. Inácio Ferreira, aproveita-se da ausência de estudo de muitos leitores para relatar algo assim tão inverossímil. Se a materialização de um Espírito pudesse ser obtida com tanta facilidade, por que todo aquele trabalho descrito por André Luiz na obra "Missionários da Luz" (cap. 10)?

Note-se que ali há o trabalho altamente responsável de muitos Espíritos, que conjugam energias oriundas de um médium e de outros doadores encarnados, com elementos da natureza, num trabalho delicadíssimo, que a simples presença de alguém que ingerira alcoólicos poderia perturbar, não fossem as providências de isolamento dessa pessoa. Paradoxalmente, Edgar Allan Poe teria dito que usara as energias oriundas do corpo, justamente de um bêbado. Além do mais, há uma informação errada a respeito da

data da desencarnação, que foi em 1839, e não em 1918, segundo a Enciclopédia Delta Larousse.

Aí estão, Irmãos, nossas considerações sobre mais esta obra, as quais submetemos à sua análise, porque entendemos que todos nós, espíritas, somos responsáveis pela manutenção da objetividade, da seriedade e da dignidade da Doutrina Espírita.



Análise do livro "Reencarnação no Mundo Espiritual"

Médium: Carlos A. Baccelli

O título do livro é equivocado, porque o leitor fica na expectativa de receber uma informação séria, embora o título já se contradiga. Reencarnar é retornar à carne, ou seja, ao corpo físico, o que não é viável no Mundo Espiritual. A obra consta de uma sucessão de relatos pueris, num tom de conversa superficial, muito distante do que se espera ler num livro espírita. Reconhecemos o direito que qualquer pessoa tem de escrever um livro. Mas, valer-se do nome da Doutrina Espírita e encher páginas e mais páginas com comentários descompromissados com o tom edificante, educativo, sério que caracteriza as obras espíritas, isso atinge as raias do oportunismo.

É tanta a diferença que há entre esse Espírito e o respeitável Dr. Inácio Ferreira, que temos escrúpulo em citá-lo pelo nome usurpado, por isso, colocamo-lo entre aspas. É bom que se diga que nessa obra já não se vê mais aquele "Dr. Inácio" agressivo, fanfarrônico, que alardeou, em várias obras, seu vício de fumar,

suas crises de depressão, de mau humor, embora ainda conserve algumas expressões de mau gosto, de uso incompatível com o ambiente dos Benfeitores espirituais com os quais ele declara conviver em outras obras.

As citações são feitas em **itálico-negrito**.

Um traço que permanece é o ataque sistemático, generalizado, doentio, aos espíritas:

No fundo o espírita ainda permanece na expectativa de uma ascese fácil, sem nenhum esforço de renovação íntima! Aguarda ser admitido em uma cidade-modelo como "Nosso Lar" e, se possível, logo se transferir para dimensões mais altas, sem mais necessidade de reencarnar. O espírita, pela sua única condição de espírita, espera por favorecimentos da Lei. Prega uma coisa para os outros e, para si mesmo, permanece na expectativa de outra. (76)

Mas "Dr. Inácio", de vez em quando, não resiste ao emprego de expressões chulas e de mau gosto:

– É uma honra, Doutor, é uma alegria trabalhar ao seu lado!

– Não puxe, não, hem?, que arrebeta... (130)

Sempre diálogos que mais se parecem conversas de mesa de bar. Eis seu comentário a respeito da sua própria desencarnação, na condição de idoso:

– A situação, às vezes, é vexaminosa... A gente se descompõe, não é?

– E tem que rezar muito, Longino, para não fazer besteira...

– Eu sei: dizer palavrão, tirar a roupa...

– Para mostrar o quê? Se bem que, agora, com o Viagra, a gente reage...

O meu interlocutor gargalhou.

– Impagável, Doutor! Veja se esta é conversa de dois espíritas, no Além?!

– De dois espíritas normais, é! (134)

Ele acha que ser normal é expressar-se dessa forma:

– Desculpem-me – disse eu –, mas, graças a Deus, os nossos intestinos se encarregavam de não nos deixarem esquecer a nossa condição humana... (306)

Falando de suas visitas à Terra, não perde oportunidade de vangloriar-se, com arroubos de adolescente tolo:

– De quando em quando, faço questão de visitar a Terra, apenas para ver como estão aqueles que, quando eu tinha 80, estavam com os seus 30, 40 de idade... Se não se cuidarem, não chegarão à minha marca, com os cigarros que fumei a vida inteira! Alguns estão irreconhecíveis, com as rugas que têm no rosto contando das lutas que enfrentam na vida. Coitados! E eu, neste Outro Lado, remoçado e forte, simpático como sempre fui, tendo de me esconder do assédio da mulherada... (141)

E segue no ataque sistemático e generalizado aos espíritas:

– Ora, o espírita, de maneira geral, lê meia dúzia de livros e passa a considerar-se o tal... O que é isso Doutor? (143)

O “Dr. Inácio” diz estar recebendo cartas, no Mundo Espiritual, até de encarnados...

A correspondência sobre uma de minhas mesas se acumulava. Missivistas da Terra e do Além me escreviam, expondo suas dúvidas sobre os mais variados assuntos: perguntas sobre temas da Doutrina, questões pessoais, indagações sobre mediunidade, pedidos de intercessão em favor de um ente querido desencarnado, palavras de estímulo e coragem ao trabalho que estamos desenvolvendo... (148)

Eis alguns trechos de uma carta recebida, transcrita pelo "Dr. Inácio":

"Dr. Inácio – dizia-me ela –, sou assídua leitora de seus livros mediúnicos e, em nome do enorme bem que o senhor tem feito a mim e a centenas e centenas de outros, mas principalmente à Doutrina e ao nosso Movimento, venho lhe pedir para que não esmoreça em trabalho tão importante como este. Eu não sou ninguém, mas ousou lhe dirigir a palavra, porque não ignoro as críticas infundadas, algumas até maledicentes, de que o senhor e o médium têm sido vítimas. Tenho ficado horrorizada com o que ouço da boca de alguns espíritas, ou, pelo menos, dos que se dizem ser. Acredite que possuo fortes razões para crer que os seus livros mediúnicos estejam, nos bastidores do nosso Movimento, que, de fato, precisa ser passado a limpo, enquanto é tempo, sendo perseguidos e censurados, porque contrariam interesses escusos de supostas lideranças, mormente dos que se encontram à frente das Federações, salvo uma ou outra, mais independente na maneira de pensar e de agir. (...) O pior, Doutor, é que estou sabendo que existem médiuns de renome fomentando tal estado de coisas, inadmissível em uma Doutrina como a nossa, que prima, como o senhor próprio tem dito, pela liberdade de expressão. (...) Não posso concordar é com o modo sórdido desses confrades, que, lendo as suas obras estão sendo induzidos a um confronto com a própria consciência e se rebelam, muitos deles, talvez, por estarem sendo desmascarados em suas intenções." (148/149)

A "carta" é longa, e continua com cumprimentos, palavras de encorajamento, de louvor ao "Dr. Inácio". A referência a André Luiz nem merece comentário:

"Dias atrás, conversando com um amigo que é um homem muito culto e inteligente, ele me fez a seguinte observação, em relação às suas obras:

'– Os livros do Dr. Inácio têm me feito redescobrir André Luiz'... Veja, Doutor, que beleza! Não vale a pena? Que o pessoal que tem as mãos desocupadas no bem continue atirando pedras... Elas não o atingirão e, creio, nem mesmo ao médium.' (150/151)

É claro que, se o "Correio do Além" levou a carta ao "Dr. Inácio", deve ser portador da respectiva resposta:

– Querida irmã L. G. D. S.. O senhor nos abençoe!

"Faço votos para que esta carta ainda possa encontrá-la na Terra, desfrutando de saúde e paz. (...) mas também para mostrar que ninguém pode querer nos intimidar no testemunho da fé, como se ainda estivéssemos na Idade Média, quando essa gente, hoje travestida de espírita, vivia de archote nas mãos acendendo as fogueiras da Inquisição..."

(...) Por vezes, diante da fúria de nossos opositores, que não economizam palavras na ofensa, tenho a impressão de que cometi um crime... (151/152)

Prosseguindo, diz que em conversa com amigos no Mundo Espiritual busca atinar com a causa da rejeição de seus livros:

(...) Confesso-lhe que ainda não chegamos a um consenso: uns acham com grande probabilidade de razão, que é porque defendo abertamente a reencarnação de Allan Kardec em Chico Xavier; outros são de opinião que é porque efetuei referências à realidade da gravidez no Plano Espiritual, contrariando a turma que supõe alcançar a Perfeição de um átimo, após o desenlace do corpo. (Quanta ingenuidade, meu Deus!); alguns dizem que é porque tenho me servido de um certo estilo irônico ou irreverente, nas advertências que dirijo aos irmãos de ideal, mormente se ocupam cargos de liderança... (152/153)

Ele chama de advertência aquilo que é ataque e tentativa de

ridicularização que ele, em todos os seus livros, lança sobre dirigentes espíritas. E continua sua longa missiva:

Agora, querida L..., vamos à parte talvez mais doída e, por sinal, de minha preferência: a de que a linguagem dos meus livros é chula, rasteira demais... Ora, se vocês dispusessem de ouvidos para ouvir o que os espíritas mais moralistas pensam, com as exceções de praxe, é óbvio! Os 'monstros' que são gerados pela mente dos que vivem pregando na tribuna, escrevendo e... até orando em público! Devaneios mórbidos! Há gente que, quando percebe, até crime já cometeu, mentalmente... (155)

A "carta" é longa, cheia de acusações doentias como as acima. Mas, vamos ao seu encerramento:

"Com meu fraternal abraço, peço-lhe que redobre as orações em meu favor, para que eu não me deixe contaminar pela 'febre de vaidade e personalismo' que tem mandado muita gente promissora para os sanatórios da Terra e do Além." (156)

Respondendo outra "carta", desta vez a um irmão, também encarnado, Joaquim, dá-lhe conselhos de como lidar com médiuns que ameaçam deixar a Doutrina, diante de exigência do dirigente. É de se notar a grosseria da linguagem.

Por qualquer contratempo que lhe aconteça, tem espírita que nos faz ameaças, mostrando-se disposto a largar a Doutrina! – 'Eu deixo o Espiritismo...' – fala, em tom quase solene. – 'Onde é que estão os espíritos que não me auxiliam?...' Ora, para estragar esta carta na qual, até agora, eu me mostrava tão bem comportado, responderei: Quer largar, que largue e vá para o raio que o parta! Mas não fique nos fazendo ameaças, não, lançando sua indignação aos céus!... Estou certo ou errado, Joaquim? Não é mesmo um desaforo?! – 'Ah! – diz –, eu vou deixar o Espiritismo e virar evangélico...' Pois que vire, que vire até

lobishomem, caso lhe aprover. (164)

Só agora, já no meio do livro, depois de ter ficado até aqui enchendo páginas com assuntos pueris, o “Dr. Inácio” toma ares de orientador de Espíritos que psicografam na Terra. Nesse sentido, dialoga com Manoel, auxiliar seu, sobre uma palestra que fará aos alunos do “Liceu”, que aguardam esclarecimentos:

- Querem solicitar do senhor alguns esclarecimentos.***
- Sobre qual tema?***
- A questão da gravidez no Mundo Espiritual***
- Gente, uma coisa tão simples de se entender!***
- É que eles estão encontrando barreiras para abordar o assunto através de outros médiuns.***
- É natural, quem quer ser criticado? Estamos apenas no começo do Espiritismo na Terra; muita coisa ainda há de ser causa de maiores polêmicas... Sinceramente, Manoel, eu não sei a ideia exata que os próprios espíritas fazem do Mundo Espiritual! Vamos lá! – disse. – Farei o que puder.***
- Se eu ainda estivesse no corpo, Doutor, também vacilaria... A gravidez no Mundo Espiritual representa uma revolução no pensamento espírita! Mexe com a cabeça de muita gente...***
- É porque o que sabemos sobre Reencarnação, até mesmo na Terra, que dirá o Universo, é muito pouco!*** (176)

A seguir, o “Dr. Inácio” começa sua preleção aos estagiários do “Liceu”:

Vocês vêm se deparando com dificuldades, no que tange a maior esclarecimento sobre a Reencarnação no Plano Espiritual... Os espíritas, com exceções, vêm relutando em considerar a tese que defendemos abertamente e que, para nós, é prática insofismável, ou seja, natural, tão natural quanto à necessidade do espírito tomar um novo corpo na Terra, seguindo em sua ininterrupta trajetória rumo às cumeadas da Evolução.

(177/178)

Se a reencarnação no Mundo Espiritual fosse um fato, como é que o "Dr. Inácio" dela não tinha conhecimento, conforme o seu livro "Fundação Emmanuel" (págs. 97/100), publicado em 2006? Note-se que ele já estava desencarnado há 18 anos e já se dizia diretor de um hospital há seis, pelo menos, pois ele declara-se nessa função em seu livro, de 2002, "Na Próxima Dimensão" (pág. 13)

Além do mais, se fosse verdade essa reencarnação no Mundo Espiritual, por que o "Dr. Inácio" a estaria expondo, no "Liceu", em 2008, como novidade a um grupo de estagiários? Será que esses Espíritos, convivendo nessa colônia, nunca tinham visto uma mulher "grávida", como aquela que causou espanto ao "Dr. Inácio", conforme citado acima?

Em toda a obra de André Luiz não há a mais leve referência ao assunto. Em "Nosso Lar" (cap. 9), André Luiz fala que essa colônia recebeu, em determinada época, cerca de duzentos instrutores vindos de esferas mais altas para dar instruções sobre alimentação. André Luiz diz que foram trinta anos de trabalho de convencimento. Embora tenham vindo de esfera mais alta, não houve necessidade de "reencarnação", conforme tese do "Dr. Inácio".

Na obra "Fundação Emmanuel", "Dr. Inácio", depois de se surpreender com a gravidez de uma jovem, descreve o seu parto. A parturiente tem um sensor no braço, a fim de verificar-lhe o nível de glicose, oscilação de temperatura, pressão sanguínea, presença de microorganismos patogênicos e até a iminência de um colapso cardíaco... (pág. 226). Se houvesse um colapso cardíaco, a parturiente "desencarnaria"? Se de fato houvesse encarnação, deveria haver desencarnação, mormente nas regiões inferiores onde há muita violência entre Espíritos.

Veja-se que esse Espírito apresenta, às vezes, citações verdadeiras, mas que não têm relação alguma com a pretendida "reencarnação no Mundo Espiritual". Cita, em negrito: **Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, como**

***ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.* (180)**

Sim, é verdade, mas isso se deu no plano físico. Depois, cita a civilização chinesa, sem conexão alguma com a pretendida reencarnação no Mundo Espiritual. Sempre um discurso palavroso, com comentários chistosos com os quais pretende atrair a atenção dos incautos, ao tempo que se coloca como arauto de “verdades novas”.

André Luiz, em “Evolução em Dois Mundos” (1ª Parte, final do cap. II), assim se expressa, a respeito do perispírito: “Esse corpo que evolve e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, (...) pode desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda, restringir-se a fim de reconstruir-se de novo no vaso uterino, para recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei.” (grifei)

Note-se que André Luiz fala da recomposição do perispírito numa nova encarnação, e encarnação é na carne, na esfera física.

É de se notar, ainda, que André Luiz descreve com minúcias a vida no Mundo Espiritual, em toda a sua obra, que tem características de legítimo desdobramento da Terceira Revelação. Observe-se a seriedade com que desenvolve o seu trabalho, a linguagem nobre e cuidadosa em que se expressa. E não poderia ser de outra forma, pois as revelações que nos vêm da Vida Maior são sempre trazidas por Espíritos evangelizados, sérios, equilibrados. No caso de André Luiz, veja-se o que dele disse o Diretor Espiritual da obra de Chico: “(...) André Luiz frequentou-nos a tarefa durante setecentos dias consecutivos, afinando-se com a instrumentalidade. Além disso, o esforço dele é impessoal e reflete a cooperação indireta de benfeitores nossos que respiram em esferas mais altas.” (“Voltei”, pág. 22) Por aí pode-se avaliar como as Altas Esferas Espirituais preparam Espírito e médium para revelações

verdadeiras.

Por que o Alto agora daria o nobre encargo de fazer novas revelações à Humanidade a um Espírito desequilibrado, desrespeitoso, que tem arroubos de valentia, que faz concessões ao aborto ("Fala, Dr. Inácio!", págs. 130/131), que se interessa por mexericos que teriam sido publicados, segundo ele, num jornal, chamado "Resenha", um periódico circulante no Mundo Espiritual, conforme descrito na obra de sua autoria, "Fundação Emmanuel" (pág. 135)? Além do mais, segundo ele próprio relata no livro, lendo o referido jornal, diante de críticas que lhe estariam sendo feitas na Terra, reagiu, dando uma banana aos espíritas, com gesto e tudo...

A abordagem que se segue é de mau gosto, não condiz com a ética espírita, e além do mais, está inserida nesse livro, que é anunciado como portador de "verdades novas":

– Os evangélicos o extorquiram quanto puderam...

– Pois é, meu caro, tem muita gente assim: boba! Antes, caíam no conto do vigário, agora caem no conto do pastor... Tomara que nunca venham a cair no conto do espírita! (170)

Fazemos um apelo à razão daqueles que se encantam com referências ao Chico, a Emmanuel, a André Luiz e suas obras, citadas pelo "Dr. Inácio", sem nenhuma base coerente. Imaginemos que houvesse chegado o tempo de vir à Terra uma revelação importante. Não seria através de um Espírito da dignidade, da postura, da elevação de Allan Kardec? Ou de Chico Xavier? Será que os níveis de seriedade baixaram no Mundo Espiritual, a ponto de novas revelações serem feitas através de um Espírito desrespeitoso, fanfarrão, divulgador de anedotas incompatíveis com a seriedade da Doutrina Espírita? Viriam as revelações de tal magnitude através de um Espírito que usa uma linguagem agressiva, chula, grosseira?

Na obra em estudo, "Dr. Inácio" reproduz, em dez capítulos, uma pretensa visita de Chico Xavier à sua equipe. Formaram uma caravana, constituída de mais de uma dezena de nomes conhecidos. Visitaram vários locais de sofrimento, com aplicações da pomada do Vovô Pedro em Espíritos usada até para curar pesadelos, além de

ser dada a um outro para comê-la com pão. Durante a visita, longos bate-papos, degustação de chá de variados sabores com biscoitos, comentários de receitas de rosquinhas... Será que Chico estaria assim tão disponível? Nessa ocasião, põe na boca do Chico a seguinte afirmativa, em que ele reconheceria o poder permanente das Trevas na Terra:

As Trevas, se assim posso me expressar, consentiram que o Cristo pregasse a Boa Nova em seu reduto, que era a Terra, desde que, por fim, triunfassem permanentemente.
(279) (Grifei)

A imagem que se tem da Vida Espiritual é de que Espíritos Superiores valorizam muito o tempo. André Luiz, em "Os Mensageiros" (cap. 1), diz: "A conversação espiritualizante tornara-se-me indispensável." No cap. 6, aprende-se que "Pelas nossas palestras construtivas, portanto, receberemos também a remuneração devida à cooperação normal."

Ainda mais que "Dr. Inácio" reafirma a tese absurda de que Chico foi a reencarnação de Kardec. Veja-se a reunião daquela noite de "reafirmação de compromissos", descrita por Humberto de Campos, no livro "Cartas e Crônicas" (cap. 28), quando se apresentou a venerável figura daquele que seria o Codificador, que foi reverenciado por dezenas de Benfeitores, cujos nomes significam pontos altos na história da Humanidade. Será que agora, depois de passados mais de dois séculos, esse Espírito de escol ficaria assim, dando palpites vagos em assuntos doutrinários? Onde está a nobre e austera figura do cientista, filósofo, educador, teólogo, sociólogo, penólogo, que dialogou com os Espíritos Superiores, em nível de igualdade, deixando-nos as luzes da Terceira Revelação?

Além do mais, Kardec, ou mesmo Chico, necessitaria do concurso de um médium – dada a diferença de nível espiritual – para manifestar-se no plano em que estavam "Dr. Inácio" e seus companheiros, conforme aconteceu com Matilde, que teve de se valer dos fluidos de Gúbio para materializar-se diante de seu filho Gregório. (Libertação, final do cap. XX)

Mas, nem a nobre figura do trabalhador incansável que foi Francisco Cândido Xavier, familiarmente chamado Chico, estaria assim disponível para frequentar círculos onde admitiria ter sido Kardec. Também ele, um Espírito de escol, terá preocupações mais nobres e elevadas no Plano Espiritual onde se encontra. É fazer pouco desse abnegado Missionário que, tendo sido o medianeiro do desdobramento da Terceira Revelação, ficasse aqui, a gastar seu precioso tempo com um grupo de Espíritos, dirigido por alguém que se comporta e se expressa da maneira como visto acima.

Finalizando, pode-se reafirmar que é enganoso o título desse livro, onde pretendeu-se abordar o tema "Reencarnação no Mundo Espiritual". A reencarnação abordada é a física, a respeito da qual estão os espíritas já bem informados. Nenhuma das citações de Kardec ou de André Luiz, feitas ao longo da obra, demonstra ao leitor a veracidade dessa tese absurda.



Análise do livro “Trabalhadores da Última Hora” Médium: Carlos A. Baccelli

O Espírito que se faz passar pelo Dr. Inácio Ferreira tem procurado, nos seus últimos livros, atenuar seus comentários jocosos, desrespeitosos, chulos de que fez uso noutras obras. Depois de atacar os espíritas em geral e os médiuns, em particular, agora procura, com a técnica própria dos fascinadores, confundir pontos doutrinários. Esse livro constitui uma tentativa de, pelo exagero, levar ao inverossímil e ao ridículo as revelações feitas por André Luiz. Age assim também contra o Chico: louva seus feitos, mas ridiculariza-lhe a obra. Veja-se o livro “Chico Xavier Responde”.

Transcreveremos, sem aspas, em **negrito**, os textos retirados do livro em análise. Nossos comentários serão grafados em tipo normal.

(...) há certo esvaziamento nos centros espíritas com o qual muitos estão preocupados e com justa razão. Se os condutores do rebanho se voltam, de cajado em punho, uns contra os outros, que rumo o rebanho tomará? (27)

Essa afirmação é completamente destituída de fundamento, pois o que se observa é exatamente o contrário: É até preocupante o

volume de pessoas que estão chegando às casas espíritas.

Estamos falhando pela base... O autoritarismo, o ranço, a luta pelo poder e a vaidade andam fazendo estragos quase irreparáveis! (22/23)

Esse comentário, colocado na boca de Maria Modesto Cravo, faz coro com a cantilena levada a efeito por outro Espírito fascinador que, sob o nome de Ermance Dufaux, do alto de pretensa cátedra de psicologia, faz críticas semelhantes aos espíritas.

Depois de usar cinco páginas do livro descrevendo o desjejum que tomariam num tal Liceu, começam um estudo de "O Livro dos Espíritos", de modo informal, como num bate papo... Nota-se aí a grande diferença entre os ambientes descritos por André Luiz, em "Nosso Lar", onde se nota a seriedade com que os assuntos e trabalhos eram tratados.

A certa altura dos estudos sobre reencarnação, Domingas diz que ouviu de Chico Xavier, na Terra, a seguinte afirmativa: **... os que possuem a crença inabalável na reencarnação vieram de outros mundos – imigraram de outros planetas para a Terra! (43)**

Não bastassem muitos encarnados estarem dando a público essa série de afirmativas baseadas no "Chico disse...", agora também desencarnados! Note-se que essa afirmativa contraria o que se aprendeu sobre reencarnação até agora. Então, os espíritas vieram de outros planetas...

André Luiz revelou-nos a existência de vida organizada no Mundo Espiritual, de maneira análoga à da Terra. O Dr. Inácio exacerba esse aspecto "material", falando em reencarnação lá, embora não exista carne. Procurando levar, pelo exagero, ao descrédito, falou, noutra obra, na possibilidade de conseguir terreno em comodato para fundação de estabelecimento destinado à proteção de animais e, agora, da posse de carro particular, com o qual o Dr. Odilon os leva a uma aldeia de índios, num serviço assistencial...

Eu trouxe algumas sacolas de alimento no carro – alimento para adultos e crianças – esclareceu. (57)

Depois de repartir guloseimas com as crianças, ouve de uma menina:

Tio, o senhor benze? O vovô está acamado... o senhor benze? É claro, vamos vê-lo – respondeu.

A mãe – disse um garotinho, sem camisa –, com o remédio que o senhor lhe deu, já melhorou da dor de cabeça... O senhor trouxe mais?

Como vai o nosso Morubixaba?

– Melhorando – respondeu com uma piscadela. – A febre, no entanto, vai e volta. (58)

Estranhável o fato de um índio sábio, capaz de revelar, só pelo cheiro das mãos, encarnações passadas e futuras de alguns Espíritos ali presentes, ainda continuasse na condição de velho e doente.

Nesse ponto, Patuwa teve uma crise de tosse que quase o deixou sem fôlego. (62)

Saindo o Dr. Odilon em visita a outras famílias indígenas, ficou o Dr. Inácio a conversar com o índio Patuwa. Nessa conversa, coloca, como sempre, auto-elogios, além de destacar-se na condição de revelador:

Patuwa gostou muito de você: homem sincero e destemido. A luta sua é grande, mas não pode haver desânimo. O homem no mundo precisa saber a verdade... chega de tanta mentira! Você escreve livros, não é? (64)

Continuando a conversa, Patuwa diz que esteve encarnado à época dos Padres Anchieta e Manoel da Nóbrega. Depois, “revela” que Chico Xavier foi o Padre Anchieta... Como se não bastasse a polêmica inócua a respeito de Chico/Kardec, bem alimentada por ele, agora vem o Dr. Inácio com mais essa, colocadas na boca do índio Patuwa:

Depois, a última notícia que tive é que ele estava novamente na Terra – ele na Terra e o Padre Nóbrega aqui, neste Outro Lado... O Padre Nóbrega escrevia por ele – igual ao que Inácio vem fazendo com seu amigo!

– Anchieta, então?... – questionei, boquiaberto.

– Estava numa religião nova... O Page branco Odilon sabe de tudo!

– Ele era Chico Xavier?!

– Sim, os dois assumiram compromisso com Jesus para muito tempo... O Padre Anchieta na Terra e o Padre Nóbrega fora do corpo. Agora vai inverter! (65/66)

O Morubixaba doente diz que vai “desencarnar” (seria melhor dizer “desesperipiritizar”) em breve, deixando seu corpo para o Dr. Inácio estudar:

Patuwa não diz, mas sabe que ele está perto de morrer de novo... Não diga nada a ninguém. O Pajé branco já sabe... Não quero tristeza na pequena tribo. Quando Patuwa” morrer”, vou dar meu corpo a você...

– A mim?! – perguntei com espanto.

– Entenda bem, para você estudar. Quero que você o abra, veja o que tem dentro e escreva para a Terra contando o que viu.

– Mas eu não sou cirurgião! – aleguei – Eu sou psiquiatra! Não sei mais dissecar um corpo... (67/68)

E o diálogo prossegue, culminando com esta afirmativa:

– Vou deixar documento assinado, doando meu corpo para você... (68)

Desmentindo tudo o que se aprendeu até agora sobre perispírito, Patuwa dá aula de anatomia perispiritual. Mas a aula foi interrompida...

Patuwa teve outro acesso de tosse e algumas gotículas de sangue tingiram-lhe a camisa empapada de suor. (69)

Tudo indica que Patuwa iria “desencarnar” por efeito de uma tuberculose, que lhe provocava febre, além da tosse:

– A febre está voltando cada vez mais forte – disse ele com tranquilidade. – Deixarei a carcaça na Lua Nova – previu com voz entrecortada. (71)

No trecho abaixo, repete algo inverossímil que já fora relatado por outro médium:

São Francisco de Assis, em certas ocasiões, chegava a

rolar sobre espinheiros, flagelando-se de maneira voluntária, para não oferecer sintonia aos espíritos que o tentavam! (78)

De vez em quando, volta ao velho chavão de atacar espíritas e médiuns:

Interessante em certos adeptos do espiritismo: chegam agora à doutrina, que mal estão conhecendo, praticam meia dúzia de ações na Caridade, começam o exercício da mediunidade incipiente e já se julgam espíritos superiores... Quanta ilusão! (83)

Aprende-se, no Espiritismo, que o Espírito humano é a resultante de um longo e laborioso caminhar, como princípio espiritual, acompanhando a evolução das formas físicas, através de milênios incontáveis. Na presente obra há uma adesão à teoria da queda do Espírito. Além do mais, o Autor refere-se ao "ato da criação", como se fosse o momento da criação do Espírito, tomando ao pé da letra a expressão "simples e ignorante":

O espírito, no ato da criação, foi criado sem corpo – simples e ignorante. A necessidade de evoluir é que, primeiro, o fez "encarnar" e "reencarnar" no Plano Espiritual, em sua "descida" à matéria. Adquirindo corpos, cada vez mais grosseiros, em sua "descida", o espírito, em seu movimento de ascese, gradativamente, deles haverá de se despojar. (86/87)

Ao contrario do que se lê acima, aprende-se que o Espírito vai usando corpos cada vez mais sutis... A seguir, cita capciosamente André Luiz, querendo induzir o leitor a crer que o Espírito, ao respirar, no Mundo Espiritual, não o faz com o seu perispírito, mas por estar "reencarnado" lá.

No livro Nosso Lar (...) "meus pulmões respiravam a longos haustos". (87)

O que se segue, não carece de comentário, diante do absurdo:

Absolutamente, eu não me considerava apto para o que ele solicitara: participar da dissecação do "cadáver" do seu perispírito! (90)

Como sempre, o Dr. Inácio, faz questão de mencionar seu contato com Espíritos que deixaram na Terra marcas do seu saber, da sua seriedade, da sua dignidade. Noutras obras, citou contato com Emmanuel, Bezerra de Menezes, André Luiz, Leopoldo Cirne, Eurípedes Barsanulfo, Hernani Guimarães Andrade. Fica difícil crer que esses Espíritos sérios tivessem tempo para dar atenção a quem cultivava a irreverência, o mau gosto, o deboche e até o anedotário reprovável... Desta vez, cita apenas Hernani Guimarães Andrade e Hemendra Nath Banerjee. Ainda aqui, nota-se a preocupação de caricaturar as revelações de André Luiz sobre a vida no Mundo Espiritual:

Aos poucos, os pratos, que eu pedira que as nossas excelentes cozinheiras preparassem à moda indiana, foram chegando.

– Arroz *basmati!* – exclamou Banerjee.

– Em sua homenagem – respondi – Não sei se o tempero estará de seu agrado. A nossa cozinheira-chefe, que é mineira, está mais habituada a preparar arroz com tutu de feijão, uma pimentinha de bode e ...

– Maionese com caril! Exclamou ao ver o segundo prato que Anastácia, a cozinheira-chefe, trazia-nos pessoalmente, todo decorado com tenras folhas de alface. (140/141)

A descrição do jantar se prolonga, até a sobremesa, um pudim de iogurte.

Mais adiante, relata que fez uma palestra para jovens, sobre pesos atômicos, numa flagrante demonstração de quem quer encher páginas de livro. Depois, relata o encontro com Tomaz Novelino, discípulo de Eurípedes Barsanulfo, que teria fundado um colégio no Mundo Espiritual. Para tal, teria contratado um arquiteto, feito o projeto, só faltou dizer onde conseguiu o financiamento para a obra, cujo primeiro módulo teria 10.000 metros quadrados.

– Você gastou muito, Tomaz? – perguntei.

– Não, e vou explicar por quê. Aqui, Doutor, no Mundo Espiritual, as obras destinadas a beneficiar a comunidade – escolas, hospitais, fábricas e indústrias, parques de

recreação, etc. – custam menos do que as de uso privativo.

– Interessante.

– Existe um decreto governamental que estabelece as obras comunitárias – da pedra do alicerce à laje de cobertura – custarem 1/3 menos que qualquer outra.

– Então os operários que se envolvem em sua construção ganham, menos?

– Absolutamente! Ganham mais! (159/160)

Alguém pergunta ao Dr. Inácio se ele não sabia disso quando construiu seu hospital, ao que ele respondeu que estava perguntando só porque estava escrevendo um livro... (160)

Não resistindo, mais uma vez, ao hábito de vangloriar-se, “transcreve” palavras de Tomaz Novelino:

– Sem a intenção de elogiá-lo, Doutor – longe de mim semelhante propósito – a tese da reencarnação no Mundo Espiritual, que o senhor vem apresentando em suas obras, amplia, consideravelmente, os horizontes da Vida!

– Não obstante – argumentei – a referida tese tem sido objeto de escárnio da parte de alguns adeptos da Doutrina... (166)

Kardec trouxe ao Mundo várias revelações, que foram complementadas através da obra de Chico Xavier, sempre redigidas em linguagem séria, elevada, digna. Será que o Alto, agora, enviaria à Terra novas revelações, através de um Espírito debochado, irreverente, gabola, desrespeitoso? Leiamos os trechos abaixo, analisando algumas expressões suas:

Seria digno de fazer revelações complementares a Kardec um Espírito que diz ter comido churrasco de porco espinho no Umbral, ter tido dor de barriga e, à falta de um sanitário, ter baixado as calças improvisando uma latrina, diante dos outros? Será digno de crédito um Espírito que, numa pretensa Fundação Emmanuel, no Mundo Espiritual, depois de ler os comentários num jornal veiculava fofocas, dá uma banana aos espíritas, da Terra, que o teriam criticado? Ou um Espírito que se diz diretor de um hospital – fundado por Eurípedes Barsanulfo – e que acorda de mau humor ou

com crise de depressão?

O Dr. Inácio não revela se ele, Dr. Odilon, Domingas e Modesta estão “encarnados” no Mundo Espiritual, mas “revela” que são passíveis de se contaminarem por viroses por não se terem vacinado...

A nossa irmã Domingas está pálida – observou Carmelita, percebendo que ela transpirava.

– Creio tratar-se de uma virose – expliquei – e, por esse motivo, pediria a Modesta que a conduzisse de volta à nossa base, no Hospital dos Médiuns. (222)

A nossa irmã Domingas, realmente, não estava bem; notei-a muito abatida – comentou Carmelita.

– Como tivemos que vir muito rápido ponderei – não houve tempo para a devida imunização... (227)

Patuwa “desencarnou” e, conforme promessa, deixou seu corpo para o Dr. Inácio estudá-lo na Faculdade de Medicina. Como estava desencarnado há 22 anos, deveria, antes, preparar-se para a necropsia. Planejou ficar na Crosta três dias para sentir “como é estar encarnado”. Para isso, invade a intimidade de um encarnado, como se fosse um obsessor. Escolheu um homem que estava tomando café num bar:

Aproximei-me. Algo obeso e cansado, transpirando ao ponto de molhar a camisa nas axilas – o que sempre detestei! – ele pediu um café.

Quando ele levou a xícara à boca para tomar o primeiro gole, eu me justapus ao seu corpo, como se, a partir daquele instante fôssemos xifópagos.

Ele, notei, sentiu certa sensação de alívio, mas, de início, quase que me asfixio – tive de fazer força para conter a ânsia de vômito, não que ele me causasse asco, mas é qual se estômago, de maneira involuntária, intentasse livrar-se do alimento que não lhe caíra muito bem. (348/349)

Depois, entra na vida íntima do encarnado, não resistindo a tentação de demonstrar o seu desrespeito e mau gosto:

O coitado, quando ia tomar banho, a barriga dobrava e

ele não consegui esfregar as partes íntimas, a dianteira e tampouco a traseira. Com assaduras generalizadas, ele tacava talco e... a higiene estava feita! (...) Afinal, na condição de exigente "inquilino", eu praticamente vivera no corpo daquele pobre homem sem, até então, nada pagar pelo "aluguel".

Esperei-o dormir (...) eu me sentei na beirada da cama. Cheirei o meu próprio sovaco – que estava um horror – e auxiliei Sebastião a se destacar alguns centímetros do próprio corpo. (354)

Voltando ao hospital, durante a "autópsia", o Dr. Inácio anuncia o peso do perispírito: um milésimo do peso do corpo humano:

Por exemplo: em alguém, cujo corpo carnal pese 70 quilos, o peso do perispírito será de 70 gramas – o corpo mental teria peso um milésimo de setenta gramas, quase o peso da glândula pineal, calculado entre 70 e 100 miligramas. (365)

A ser verdade essa "revelação", os Espíritos desencarnados – e os encarnados libertos pelo sono – poderiam comprovar sua presença aqui na Terra, assentando-se no prato de uma balança...

A autópsia prossegue, com explicações descabidas do Dr. Inácio, entre as quais destaca-se:

Nos Espíritos Superiores, em seu corpo mental sutilíssimo, cérebro e coração se fundem! (367)

O livro todo é, como nos demais, um verdadeiro atentado ao bom senso, aos bons costumes, à dignidade e o respeito devidos à Doutrina Espírita.

De tudo isso, fica-nos a pergunta: como podem algumas pessoas acreditar nessas "revelações" feitas por esse Espírito, que prima pelo ataque aos espíritos, ao Movimento Espírita, usando uma linguagem tão irreverente e rasteira?

Será que os dirigentes de centros espíritas, de livrarias espíritas, os responsáveis por clubes do livro estão avaliando a responsabilidade que assumem perante o Alto promovendo a divulgação de obras como essas?



Análise do livro "Sob as Cinzas do Tempo"

Médium: Carlos A. Baccelli

Imaginemos as lutas e as dificuldades pelas quais passou o Dr. Inácio Ferreira, durante os cinquenta anos dedicados à psiquiatria, exercida corajosa e pioneiramente num hospital espírita. Foram tempos difíceis, mas que lhe possibilitaram os méritos que o levaram, depois de desencarnado, à direção de importante setor hospitalar no Mundo Espiritual.

Inácio Ferreira passou a ser, ao lado de Bezerra de Menezes e de Eurípedes Barsanulfo, referência no tratamento psiquiátrico à luz do Espiritismo. Mas, eis que, certamente idealizado por inimigos – seus e da Doutrina Espírita – está sendo levado a público um verdadeiro programa de comprometimento da sua figura de médico e de espírita, nessa verdadeira caricatura que nos é apresentada através das obras mediúnicas psicografadas por Carlos A. Baccelli, em que o ilustre médico é mostrado como espírito vulgar, pueril, irritadiço, rude e irreverente.

Como é que se pode imaginar que um Espírito a quem foi atribuída a direção de um setor de importante instituição hospitalar

no Mundo Espiritual apresente-se assim? Admitindo-se que teve falhas durante a sua encarnação, que fosse, para ele, usual a franqueza rude, a ojeriza aos clérigos, que fosse ele um fumante inveterado, seria crível que voltasse exibindo suas falhas? Até seria compreensível que, objetivando fins pedagógicos, as declarasse e, humildemente, se penitenciasse delas. Mas, o que se vê é realmente o contrário. Ele mostra, até com certa ufania, os seus defeitos. Tendo-se em vista a natureza eminentemente educativa do Espiritismo, entende-se que, numa obra espírita, quando há o relato de uma atitude equivocada, menos edificante, deve haver um comentário que mostre claramente o seu aspecto negativo, a fim de que a gravidade das cenas não sejam minimizadas, passando ao leitor menos esclarecido a ideia de que se trata de algo mais ou menos natural.

Assim, entendemos como ensinamento negativo, indução ao erro, essas repetidas referências ao vício de fumar, às páginas: 28, 29, 37, 44, 58, 62, 85, 101, 117, 119, 135, 142, 159, 161, 162, 166, 167, 179, 189, 203, 218, 228, 244, 248, 263.

Submetemos à sua apreciação o comentário que fazemos de alguns parágrafos da obra, transcritos em *itálico*, seguidos dos números das páginas, entre parênteses.

Abri a gaveta da escrivaninha, acendi um cigarro – o que, hoje, para um médico, à frente do seu paciente, seria um comportamento absurdo, entretanto reconheço, a irreverência sempre fez parte do meu modo de ser; sempre detestei as chamadas convenções sociais, por isto, quanto mais me provocavam, mais animado eu me sentia para lutar em prol das minorias. (58)

Será essa figura de um Espírito que se ufana de ser irreverente, birrento e de ter sido fumante inveterado, pouco delicado em suas expressões, um exemplo a ser apresentado ao público por uma Doutrina que pretende trazer de volta os ensinamentos educativos de Jesus? Admitamos que tivesse sido assim enquanto viveu na Terra. Mas, hoje, quando se apresenta como diretor de um hospital psiquiátrico localizado no Mundo

Espiritual, é-lhe lícito declarar essas falhas, sem nenhuma orientação ao leitor, que pode tomá-lo como modelo?

Depois de vinte minutos de monólogo (Era a parte da Medicina em que não me interessava ouvir os pacientes como se eu fosse um padre vestido de branco), o fazendeiro se revelou. (58)

Como pode um psiquiatra não ouvir, com paciência, o seu paciente?

O senhor tem um diagnóstico para o meu caso? Se preciso, eu me internarei. Volto a Ribeirão, invento uma viagem longa e venho... (59)

Conhecendo a gravidade do seu caso, que era uma forte atração homossexual, o paciente estava preparado para suicidar-se. Depois de ligeira conversa, entregou o revólver ao Dr. Inácio e ofereceu-se para internar-se, a fim de receber tratamento. Observe-se como reage o médico psiquiatra...

Deixando a caneta e o bloco de lado, aconselhei:

– Eu acho que você deveria tomar alguns passes, procurar orar com mais frequência, tendo o propósito de fortalecer a vontade... Por que você não frequenta um centro espírita em Ribeirão Preto? Você é um homem rico: o Espiritismo luta com muita dificuldade para manter as obras sociais que desenvolve... Procure se sentir espiritualmente mais útil aos semelhantes. Vou ser sincero com você: o seu caso não tem solução da noite para o dia; não vou interná-lo sem necessidade... (63)

Um suicida em potencial, embora tendo deixado o revólver, continuava doente. Foi despachado sumariamente. Seria tão inocente esse médico, a ponto de acreditar que, com meia dúzia de palavras, havia convencido, de uma vez por todas, o paciente a não se suicidar? Não é isso que se aprende no Espiritismo...

– Então – disse-lhe, contrariando talvez a opinião de muitos confrades puritanos (aliás, esqueci-me, linhas atrás, de falar também quanto sempre detestei a hipocrisia dos fariseus, dos modernos fariseus travestidos de espíritas), seria interessante que você se separasse de sua esposa... Ela está jovem e quem sabe consiga refazer a vida. A separação conjugal não anularia, diante

dos filhos, a sua responsabilidade de pai amoroso. Você adiará a solução do problema para uma outra vida. Tudo, menos o suicídio!...
(64)

Numa única consulta, conhecendo apenas superficialmente o drama do paciente, aconselha-o a separar-se da esposa. E de se estranhar que, na condição de psiquiatra espírita, tendo a facilidade de uma consulta aos Espíritos, através da excelente e segura médium Maria Modesto Cravo, não tenha tentado um tratamento. Além disso, retrata, no livro, de modo rude, sua posição à época, fazendo referência pesada e desairosa a espíritas, numa atitude pouco compatível com a de um médico que se propunha curar perturbações mentais. Será que continua assim, depois de desencarnado? Se não, por que perdeu a oportunidade de deixar um bom ensinamento, declarando que hoje seu entendimento é outro? O leitor poderá mirar-se nesses exemplos e tomá-los como modelos.

O adiantado da hora me fez apressar o término da consulta. O relógio de bolso, que consultei sem cerimônia, assinalava quinze minutos depois das onze. Eu precisava almoçar e ir para o Sanatório. (64)

Será que queria livrar-se do paciente porque chegara a hora do seu almoço?

Baluciei algumas palavras censuráveis que se misturaram ao ribombar dos trovões e segui adiante. (66)

Poderia ser essa declaração tomada como um ato de humildade, se o seu autor a reconhecesse como algo reprovável que fazia na Terra. Mas, agora, na condição de autor de um livro espírita, deveria declarar alto e bom som que essa não é atitude de um espírita. Pode ser que até agora não tenha logrado desfazer-se do mau hábito de praguejar, mas deveria mostrar claramente que tal atitude é reprovável.

Note-se o excesso de realismo em descrições perfeitamente dispensáveis, às páginas 72 e 73. Parece concessão à licenciosidade de alguns autores de literatura moderna.

– *O assunto é complexo, Inácio. Você veja: há pouco tempo,*

estando em casa orando, apareceu-me o espírito Eurípedes Barsanulfo. Preocupada com a situação que estamos vivenciando no Sanatório, perguntei a ele qual o motivo pelo qual as entidades renitentes não eram esclarecidas no Além... Ele me respondeu, afirmando que não é por falta de empenho dos nossos Maiores que isso não acontece; segundo Eurípedes, o problema é falta de receptividade psíquica: essas entidades deixaram o corpo, mas continuam vivendo nos subterrâneos da Vida. Ele até me citou o caso do espírito profeta Samuel, que, segundo a Bíblia, subiu para conversar com Saul, através da faculdade de uma pitonisa... Ora, se Samuel subiu, é porque o seu espírito, apesar de ter sido um dos profetas mais célebres da Antiguidade, estava recolhido no interior da Crosta... (152)

Diante desse relato atribuído à médium Maria Modesto Cravo, seria de se perguntar: será que os Espíritos Orientadores sempre dependem de médiuns para entrar em contato com Espíritos que ficam presos à Crosta? E nos países onde não há mediunidade atuante como no Brasil? Se o Profeta Samuel habitava planos sub-crostaís, o que será de nós?

– Isto deve ser gente do Xandico – resmunguei em voz alta, acendendo um cigarro e incinerando o abjeto bilhete, na impossibilidade de incinerar o seu autor. (179)

Essa, a reação do Dr. Inácio, ao ler um bilhete insultuoso deixado à sua porta. Modo irreverente de referir-se a um a pessoa de outra religião. Se o Autor era assim, irritadiço, à época, deveria agora fazer uma ressalva, mostrando que reconhece o seu erro, a fim de que a atitude equivocada não sirva de modelo. Entretanto, ao longo da obra, tem-se a impressão que lhe causa um certo prazer em mostrar-se agressivo, ríspido, rude.

Em suas manifestações na cidade de Sacramento e Santa Maria, quando se opusera frontalmente ao trabalho missionário de Eurípedes Barsanulfo, Torquemada emergira dos porões da Espiritualidade com imenso séquito de seguidores; segundo eu soube mais tarde – pasmem todos! – fora ele que inoculou o vírus da gripe espanhola, que, em 1918, obrigou o Apóstolo da

Mediunidade em terras do Triângulo Mineiro a interromper o seu trabalho... Possível ou impossível? A resposta a semelhante indagação ainda não está comigo. Quem tenho, no Mundo Maior, procurado auscultar, a respeito do assunto, cala-se inexplicavelmente. (193)

Como tomou conhecimento dessa história? Mesmo no Mundo Espiritual, não pôde saber se trata de verdade ou boato? Se não tem certeza por que relata um fato que se reveste da maior gravidade? A Doutrina Espírita não trata de casos de "ouviu-se dizer..."

O episódio do Espírito Torquemada ter ficado escondido, trancado num quarto do Sanatório, aguardando reencarnação, é fato inusitado. (233/234)

Seria interessante consultar um zoólogo a fim de se verificar como uma sucuri, tendo ainda uma cabeça de vitelo no estômago, devorara duas galinhas antes de ir engolir uma criança, que estava no berço, dentro de casa. Se os Espíritos que passaram a perseguir Torquemada tiveram o poder de descobri-lo encarnado, tiveram o poder de orientar uma sucuri a fim de engoli-lo, como não o descobriram no seu cárcere no Sanatório? (256/257)

Ainda segundo informações que os amigos que, semanalmente, vinham a Uberaba nos traziam, o padre da pequena capela rural das imediações recusara-se a batizar o menino! Pasmem todos!: a Igreja, que fizera do espírito Tomás de Torquemada aquilo em que ele se transformara, agora o vomitava, considerando-o, com certeza, um filho de Satanás. Impressionante a desfaçatez das instituições governadas pela hipocrisia dos homens!... (244)

Referência desairosa e desnecessária à Igreja.

Queremos deixar claro que, ao fazermos esta análise não nos moveu o intuito de denegrir a imagem do Médiun, uma vez que nossa crítica se direciona sobre a sua produção mediúnica. O irmão Carlos Baccelli merece todo o nosso respeito, mas a sua obra mediúnica toda a nossa crítica. Isso aprendemos com Jesus, que sempre criticou o pecado, nunca o pecador.

Fazemos algo que gostaríamos que fizessem com os nossos escritos e nossas palestras: exame crítico, fraterno, embasado na Doutrina Espírita, dentro do critério aconselhado pelo Apóstolo Paulo: "Examinai tudo. Retende o bem." (I Ts, 5: 21)